CONEXÃO *Paris* GUAÇU

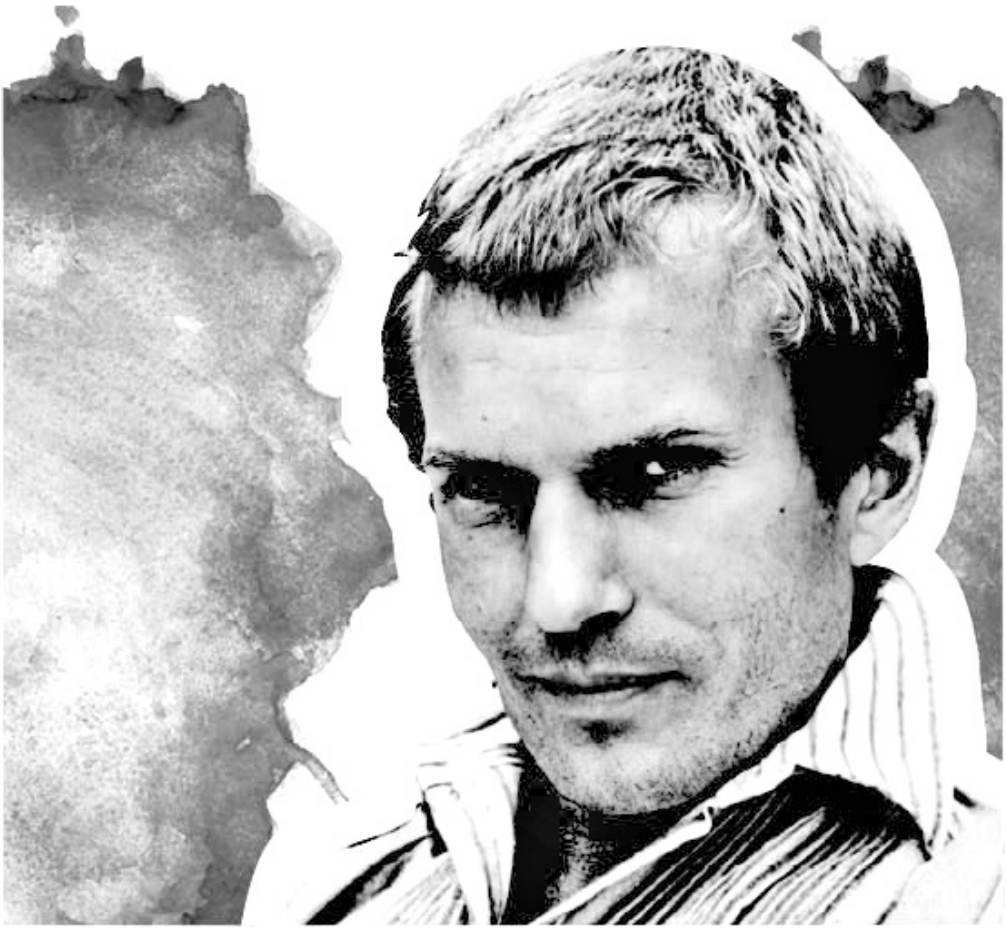
Pierre Jacques Louis Fatosme
UM ARTISTA E SUA IDENTIDADE



GUILHERME PRADO

CONEXÃO *Paris* GUAÇU

Pierre Jacques Louis Fatosme
Um Artista e sua identidade



Guilherme Prado

Conexão ParisGuaçu
Pierre Jacques Louis Fatosme
Um Artista e sua identidade

Guilherme Prado, © Copyright 2024. Guilherme Prado

Todos os direitos desta edição são reservados e protegidos pela Lei n. 5.988/1973. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, por qualquer processo, sem a permissão prévia, por escrito, do autor.

Gilda Reis de Sales e Maria Paula Salles Fatosme, respectivamente esposa e filha do saudoso Pierre Jacques Louis Fatosme, concordaram plenamente com a publicação deste livro composto de uma síntese da biografia do Artista, assim como experiências vivenciadas entre o autor e Pierre.

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prado, Guilherme
Conexão ParisGuaçu : Pierre Jacques Louis Fatosme : um artista e sua identidade / Guilherme Prado. -- 1. ed. -- Paraguaçu, MG : Ed. do Autor, 2024.

Bibliografia.
ISBN 978-65-01-10197-2

1. Artistas plasticos - França - Biografia
2. Fatosme, Pierre Jacques Louis, 1945-2012
3. Modelos (Pessoas) I. Título.

24-218402 CDD-730.92

Índices para catálogo sistemático:

1. Artistas plásticos : Vida e obra 730.92

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Conexão ParisGuaçu

Pierre Jacques Louis Fatosme
Um Artista e sua identidade

Guilherme Prado

1ª Edição
Paraguaçu-Minas Gerais, 2024

Agradeço todas as pessoas que contribuiram com informações para a publicação deste livro.

Meu agradecimento especial aos colaboradores Sandro Adauto Palhão e Gilmara Aparecida de Carvalho pelas incansáveis horas de dedicação às pesquisas que ampliaram o volume e o conteúdo desta obra.

Guilherme Prado

Idealização e autoria
Guilherme Prado

Capa
Éder Alves

Texto da contracapa
Roberto Brasileiro Prado

Revisão gramatical e ortográfica
Matheus Rodrigues Oliveira
Sandro Adauto Palhão

Coordenação editorial
Gilmara Aparecida de Carvalho
Sandro Adauto Palhão

Colaboração

Adelaide Pereira Bueno
Casa da Cultura de Machado-MG
Cristiane Maria Magalhães
Érika Leite Prado
Flávia Barbosa Rocha Dias
Francisca Santos Costa
Francisco Paiva Brito
Gilda Reis de Sales
Grece Leite Prado
José Alberto Nemer
José Rosa Reis
Lourdes de Brito Souza
Luciana Menezes de Carvalho
Luiz Felipe de Paiva Lourenção
Maria Aparecida Araújo
Maria das Dores Araújo de Brito
Maria José de Jesus
Maria Paula Salles Fatosme
Roberto José Rodrigues
Silmara Souza Vasconcelos Gavião
Sônia Maria de Souza Pedro
Suelene Bechis Carneiro Alves
Vinícius Nogueira Barbosa Bueno
Viviane Souza Pedro Santana
Walker Cardoso Prado
Wellington Vieira de Camargo
(em memória)

Diagramação
Juracy Queiroz Oliveira

Apoio **Realização**

LEI PAULO GUSTAVO
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



Figura 01: Natureza Morta – Marolo, Pierre Fatosme, 1986, óleo sobre tela, 63 x 48 cm.

Acervo Particular: Maria Paula Salles Fatosme e Gilda Reis de Sales

Fotografia: Maria Aparecida Araújo – Foto Araújo



Vista do alto da Serra da Matinada em Paraguaçu-MG, Pierre Fatosme, cerca de 1996, desenho em lápis de cor, 55 x 100 cm. Acervo particular: Roberto José Rodrigues

Fotografia: Maria Aparecida Araújo - Foto Araújo



Dedico este livro, primeiramente à encantadora Senhora Geneviève – mãe do querido amigo Pierre, e ainda para suas irmãs Hélène, Anne e Claire, que me esclareceram muitos detalhes da vida do biografado. Dedico-o também para sua esposa Gilda Reis de Sales e sua filha Maria Paula Salles Fatosme, que auxiliaram a recontar a história desse notável e intenso Artista – Pierre Jacques Louis Fatosme.

Guilherme Prado



SUMÁRIO

Prefácio 11

Minibiografia de Pierre 17

Origem e Família 19

Conflitos da infância e juventude 29

O modelo Pierre Fatosme 33

O encontro de Gilda e Pierre 43

O Bar do Francês 49

“Amo essa terra: quero morrer e ser enterrado aqui.” 69

Nosso encontro em Paris 73

Uma casa, um fim de vida... 81

O Processo 85

Maria Paula 111

Sua Arte e Exposições 117

Exposição Permanente 125

Depoimentos 131

Traços e Inspirações de Pierre Fatosme 161

Posfácio 165

Referências das Pesquisas 171



Prefácio

A vida e o fim trágico de um francês em terras sul-mineiras

Cristiane Maria Magalhães [1]

Saber narrar histórias e ter uma escrita agradável e envolvente é uma arte que poucos dominam. O escritor paraguaçuense Guilherme Prado (1936-) é uma dessas pessoas para quem as ideias fluem e a escrita cativa os seus leitores.

Guilherme escreveu, durante anos na década de 1990, a coluna "Paraguaçu, Sua História, Sua Gente", no jornal local - A Voz da Cidade. Para a escrita desses textos, o autor mergulhou na história local, formando um acervo impressionante de fotografias e iconografia em geral, com captura de relatos de história oral em imagens e vídeos, aquisição e recolha de edições completas dos jornais locais, entre outros. Não é exagero afirmar que Guilherme Prado é, atualmente, o maior conhecedor e possuidor do mais completo acervo sobre a história e as memórias de Paraguaçu – incluindo o que ele reuniu, ao longo da vida e o que ele próprio produziu.

Como resultado dessas coleções e pesquisas que duraram uma vida inteira, tendo sempre ao seu lado a esposa Grece Leite Prado sua sempre fiel colaboradora, Guilherme publicou sete livros sobre as muitas histórias que envolvem Paraguaçu – MG, e mais de uma centena de outros textos históricos e memorialistas espalhados pela internet e outros meios digitais e impressos. Ele é uma referência para todos que se interessam por Paraguaçu, de alguma forma.

Nesse novo livro, Guilherme Prado nos apresenta, com riqueza de detalhes, a interessante história de vida do artista plástico, ex-modelo e empresário Pierre Jacques Louis Fatosme (1945-2012).

---

1 Cristiane Maria Magalhães é historiadora, Doutora em História pela Unicamp e Mestre em História Social da Cultura pela UFMG.

O protagonista dessa narrativa nasceu na comuna de Agon-Coutainville, região costeira da Normandia, na França, localizada a 45 km do Mont-Saint-Michel. Pierre era filho de Albert René Jean Baptiste Fatosme, arquiteto conhecido na França, e de Geneviève Marie Augustine Perrouelle Fatosme. Poliglota, além do francês, Pierre falava inglês, italiano, latim, português e um pouco de aramaico.

Em sua carreira como modelo internacional, Pierre explorou várias partes do mundo, posou para o famoso artista surrealista Salvador Dalí e desfilou para grifes como Pierre Cardin, Christian Dior, entre outras. Em 1974, Pierre chegou ao Brasil pela primeira vez e viveu em cidades como Ouro Preto, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Salvador, trabalhando como artista plástico e modelo. Em Salvador, converteu-se ao candomblé, religião que abandonou, posteriormente, e retornou para Paris durante uma temporada. O trânsito entre o Brasil e Paris, onde morava sazonalmente, foi constante entre 1982 e 2012.

Em 1982, a convite da senhora Creusa Prado Ornellas, voltou para o Brasil para trabalhar no município de Paraguaçu, no Sul mineiro. O convite era para ministrar oficinas de cerâmica na Fazenda-Escola FUNDAMAR - Fundação 18 de Março, sediada em Paraguaçu. Em 1985, casou-se com Gilda Reis de Sales, com quem teve uma filha, Maria Paula Salles Fatosme.

Ao lado da esposa, inaugurou em Paraguaçu o Bar/Restaurante "Sertão dos Mandiboias", no ano de 1989. O local funcionou com sucesso até 2004. Além do Bar/Restaurante, onde ele se especializou no serviço, ministrava aulas de artes plásticas e de língua francesa nas cidades de Paraguaçu e de Varginha.

Foi nessa época, em que vivia em Paraguaçu, que o autor do livro, Guilherme Prado, o conheceu e desenvolveram uma forte amizade. Essa amizade fez com que o autor pudesse conhecer profundamente o temperamento explosivo e também as qualidades intelectuais e artísticas de Pierre, além de sua história familiar. O livro relata todas as nuances da vida de Pierre, que o autor pôde conhecer de perto.

Uma das obras mais sublimes desenhadas por Pierre é o rosto de Odilon Prado, pai de Guilherme Prado, quando o retratado

tinha cerca de 93 anos. O desenho habilmente executado é uma obra de arte e um presente para todos os descendentes desse filho de Paraguaçu.

Em 1995, Guilherme Prado esteve em Paris onde conheceu também a família e alguns amigos de Pierre. Os dias que passaram juntos na capital francesa foram narrados em minúcias no livro.

A vida de Pierre foi interrompida no dia 23 dezembro de 2012, aos 67 anos, quando ele foi brutalmente assassinado, em Paraguaçu. O crime foi rapidamente resolvido, conforme descrito no livro.

Há muitos anos, Guilherme Prado queria contar a história desse interessante francês que aportou e escolheu permanecer em Paraguaçu por três décadas. Cidadão do mundo que era, Paraguaçu deve ter despertado em Pierre algo que ele não encontrou em outro lugar. O que ele não sabia era que o seu fim aconteceria, de forma tão trágica, na pacata cidade do Sul mineiro.

O livro foi sendo escrito pouco a pouco, com o autor reunindo peças para montar a narrativa sobre a vida de Pierre, dos dois lados do Atlântico. A publicação desse livro é a concretização de um sonho caro para Guilherme Prado e que custou dias, meses, anos de dedicação, pesquisa e escrita.

Entrevistei Guilherme Prado em algumas ocasiões, para projetos como a "Imigração Italiana em Paraguaçu" e elaboração de Dossiês de Tombamento e de Inventário locais. Em todas essas ocasiões, Guilherme foi extremamente gentil e generoso ao abrir as portas de sua casa, franquear acesso aos seus acervos pessoais e contar em detalhes histórias e memórias do município. Nessas ocasiões, ele sempre mencionava sobre as pesquisas para a escrita do livro sobre o Pierre, e foi alimentando em mim uma curiosidade sobre esse francês em terras mineiras. Ter sido convidada para fazer essa apresentação foi uma surpresa agradável pela qual sou grata.

Você, leitor, vai se deliciar com a narrativa intrigante e envolvente desse livro e talvez fique com vontade, como eu, de conhecer mais sobre a vida e as obras de Pierre Jacques Louis Fatosme. Quem sabe um dos desdobramentos desse livro seja um catálogo fotográfico com as muitas obras de Pierre, suas pinturas, afrescos, entre outros.



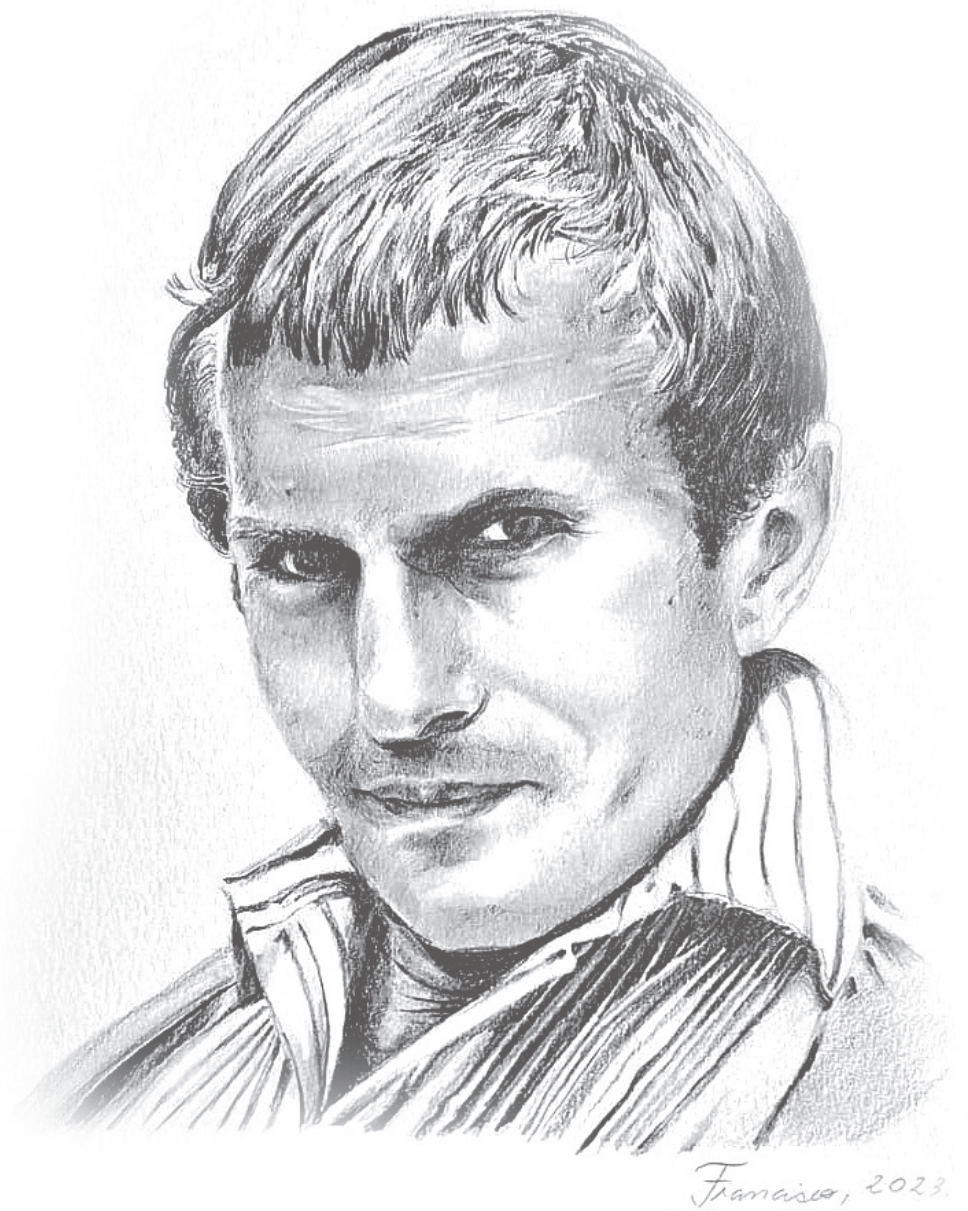


Figura 02: Retrato de Pierre Jacques Louis Fatosme, Francisco Paiva Brito, 2023, desenho em grafite, 23 x 30 cm.
Fotografia: Francisco Paiva Brito



Minibiografia de Pierre Jacques Louis Fatosme

Pierre Jacques Louis Fatosme nasceu em 6 de outubro de 1945 na comuna de Agon-Coutainville, região costeira da Normandia, ao sul do Canal da Mancha – faixa de pescadores e camponeses descendentes dos Vikings, que na Idade Média invadiram o norte europeu (Normandia e Bretanha).

Era filho de Albert René Jean Baptiste Fatosme e Geneviève Marie Augustine Perrouelle Fatosme, e irmão de Hélène, Jean, Anne e Claire.

Ele viveu sua infância em algumas cidades da Normandia, onde começou seus estudos. Pierre viajou por vários países em sua juventude, tendo feito intercâmbios, com destaque para um período de seis meses entre os anos de 1963 e 1964, tempo em que residiu na Palestina.

Em meados dos anos 1960 mudou-se para Paris, onde mais tarde ingressou na *École Nationale Supérieure Des Beaux-Arts* (Escola Nacional Superior de Belas Artes, em tradução livre), localizada às margens do Rio Sena, de prestígio internacional, próxima ao Museu do Louvre, localizado na margem oposta do rio. Nesta época trabalhou como garçom em restaurantes de Paris.

Poliglota, além de sua língua pátria, Pierre Fatosme falava diversas outras, como inglês, italiano, latim, português e um pouco de aramaico.

Nas ruas de Paris, Pierre foi abordado por um agente de modelos que procurava por manequins. A partir daí, começou sua carreira como modelo internacional, chegando até mesmo a posar para o renomado artista plástico Salvador Dalí.

Em 1974, embarcou para o Brasil e atuou alguns anos na carreira de manequim, trabalhando para várias revistas de moda. Encantado pelo Brasil, seguiu a profissão na qual havia se formado, trabalhando como artista plástico. Morou em Ouro Preto, vivendo ainda em algumas capitais como o Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Salvador. Deixou vários trabalhos disseminados pelo país e participou de muitas exposições nas principais cidades por onde passou.

Em Salvador, Pierre aprendeu a jogar capoeira e se converteu à crença do Candomblé. Deixou a prática do Candomblé, como ele próprio narrou por ter escutado uma voz, dentro do Ritual, que dizia: “Filho, teu lugar não é aqui”.

A partir deste momento, ele não foi mais ao terreiro e voltou para Paris, onde, por uma semana, leu a Sagrada Escritura, jogou seus trabalhos no Rio Sena e disse a Deus que ia viver como os Cenobitas (eremitas que vivem em comunidade). Passou, então, a procurar por mosteiros e comunidades onde pudesse se estabelecer.

Em 1982, a convite de Creusa Prado Ornellas, veio trabalhar em Paraguaçu, na Fazenda-Escola FUNDAMAR - Fundação 18 de Março, ministrando aulas para crianças na oficina de cerâmica. Depois, foi conhecer o Mosteiro Beneditino de Pouso Alegre, mas, ao perceber que não se habituava à realidade do monastério, permaneceu em Paraguaçu, vivendo como queria, em meio à natureza.

Casou-se com Gilda Reis de Sales em 23 de junho de 1985, com quem teve uma filha, Maria Paula Salles Fatosme.

Pierre e sua esposa abriram o Bar/Restaurante/Ateliê “Sertão dos Mandiboias”, em 1989, estabelecimento que funcionou até o ano de 2004, na Praça Oswaldo Costa, 222 em Paraguaçu, onde pôde praticar sua arte culinária e conquistar muitos fregueses, do município e da região. O nome do restaurante faz referência ao livro “O Sertão dos Mandiboias” – sobre a fundação de Paraguaçu”, de autoria de Oscar Ferreira Prado e lançado em 1981.

Ao longo dos anos, Pierre ministrou aulas de artes plásticas e de língua francesa nas cidades de Paraguaçu e Varginha. Suas inspirações eram a paisagem urbana e rural de Paraguaçu e das cidades vizinhas, além de retratar pessoas locais em preto e branco ou colorido.

No final de sua vida, Pierre Fatosme construiu uma casa no bairro Vila Sinara, em Paraguaçu, onde deixou uma preciosidade: diversas obras de arte, constando quadros, telas, desenhos, esculturas, além de afrescos nas paredes, todas inspiradas em figuras sacras.

Seus últimos anos foram dedicados totalmente a Deus, vivendo uma vida solitária e de oração.

Em 23 dezembro de 2012, Pierre faleceu, brutalmente assassinado.

Origem e Família

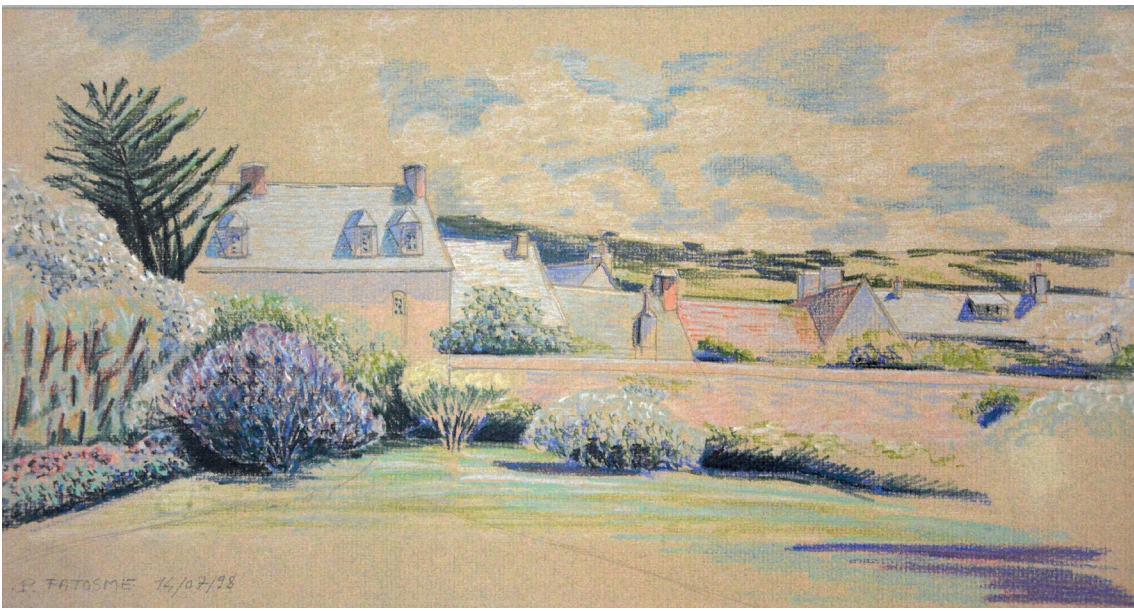


Figura 03: Casa de veraneio na Normandia (Fermanville) próxima ao mar, arquitetura Normanda – propriedade dos pais de Pierre e depois de sua irmã Anne, Pierre Fatosme, 1998, desenho em grafite, 38 x 48 cm.

Acervo particular: Maria Paula Salles Fatosme

Fotografia: Maria Aparecida Araújo – Foto Araújo



Figura 04: Geneviève Perrouelle - Mãe de Pierre, sem data, fotografia. Acervo particular: Maria Paula Salles Fatosme
**** Estes dados foram coletados quando de nossa viagem à França ocorrida no ano de 1995 e foram relatados por familiares de Pierre.***

Pierre Jacques Louis Fatosme nasceu no dia 6 de outubro de 1945, em Agon-Coutainville, que é uma comuna na região Administrativa da Baixa Normandia, Departamento Mancha, França. A pequena vila está localizada a 45 km do Mont-Saint-Michel e a aproximadamente 90 Km de Caen, situando-se ainda a 62 km da Praia de Omaha, um dos locais onde ocorreu o famoso desembarque das tropas aliadas no chamado "Dia D" da Segunda Guerra Mundial, episódio histórico ocorrido em 6 de junho de 1944, que proporcionou a retomada do continente europeu pelas tropas aliadas.

A data de nascimento de Pierre, inclusive, se aproxima do marco final da Segunda Guerra Mundial, em 2 de setembro daquele ano de 1945, data em que houve a rendição formal do Japão.

Ele era filho de tradicional família francesa, sendo sua mãe Geneviève Perrouelle nascida no dia 24 de janeiro de 1920 em Fermanville – Normandia.

Ela exerceu a profissão de professora e era uma mulher de boa índole que gostava e tratava muito bem todos da família, mas que protegia Pierre ostensivamente, muito mais que aos outros irmãos.

Dona Geneviève faleceu em 2008, quando residia em Paris, onde morava desde 1975, ano em que vendeu a casa da Normandia para sua filha Anne.

O pai de Pierre, Albert Fatosme, nasceu em 10 de junho de 1921 em Tourlaville – Normandia, e foi um famoso arquiteto, falecido em um fatídico acidente no ano de 1973. O falecimento de Albert foi assim descrito por sua neta Maria Paula: "Em um domingo, na hora do almoço, no porto de Fermanville – localizado no Canal da Mancha, o pai do Pierre foi até um restaurante buscar a refeição para a família e ao sair para voltar para casa, estando seu carro na plataforma do porto, em local sem proteção para o mar, não notou a proximidade deste com as águas, e ao colocar a marcha a ré, caiu no Canal da Mancha, onde faleceu por ficar preso no interior do veículo".

'O canal da Mancha é um braço de mar que faz parte do Oceano Atlântico, separando a Ilha da Grã-Bretanha do norte da França e unindo o Mar do Norte ao Atlântico. Em francês ele é chamado La Manche, em alemão Der Ärmelkanal e em inglês English Channel. Mancha é derivado de 'Manche', em francês, que foi traduzido erroneamente para 'Mancha' por portugueses e espanhóis. Em francês 'Manche' não quer dizer "Mancha", mas "Manga" (peça do vestuário), em português e espanhol'. [1]

Os desembarques na Normandia consistiram nas operações que ocorreram na terça-feira, 6 de junho de 1944, durante a

invasão dos Aliados da Normandia na Operação Overlord no decurso da Segunda Guerra Mundial. Com o nome de código Operação Neptuno e muitas vezes referido como o Dia D, foi a maior invasão por mar da história mundial.

Alguns meses antes da invasão, os chefes dos países aliados se reuniram em Ialta, na Crimeia, onde traçaram os planos para a invasão da França (ocupada pela Alemanha). Lá se juntaram os aliados Harry S. Truman (então vice-presidente dos Estados Unidos), o presidente americano Franklin D. Roosevelt, o estadista inglês Sir Winston Churchill e o comunista e político soviético Josef Vissarionovich, mais conhecido como Josif Stalin (que significa "homem de aço" em russo), que delinearam as estratégias para indicar o local e estabeleceram a data para a ocupação.

A península da Crimeia, também conhecida simplesmente como Crimeia é uma massa de terra na costa do norte do mar Negro, pelo qual é cercada quase completamente, e pelo mar de Azov ao nordeste. A península está localizada ao sul da região ucraniana de Kherson e a oeste da região russa de Kuban. [2]

Através de uma informação da família, sem comprovação, tomei conhecimento que, durante a guerra, Albert Fatosme participou da Resistência Francesa.

A Resistência foi um movimento formado por franceses que não aceitavam a submissão do Estado Francês ao poder nazista, e que se encontravam desiludidos com Pétain e com a *política colaboracionista. Apelidado de Marechal Pétain, e, em seu país de origem O Leão de Verdun, foi um oficial general francês que alcançou a distinção de Marechal da França e posteriormente atuou como chefe de estado da França de 1940 a 1944.*

A instauração da Revolução Nacional pôs fim aos partidos e

aos sindicatos, para servir os ditos interesses "patriotas", forçando os dispersos grupos de resistência a unirem-se na luta contra o inimigo comum, para alcançarem a libertação do país. [3]

A Normandia é uma região no norte da França. Seu litoral diversificado inclui penhascos brancos e cabeças de ponte da Segunda Guerra Mundial, entre as quais a Praia de Omaha, local de desembarque no historicamente conhecido Dia D - data em que os aliados invadiram a França, que estava dominada pelo Eixo (nome atribuído ao grupo composto pela Alemanha, Itália e Japão). [4]

A uma curta distância da costa, fica a ilha rochosa do Monte Saint-Michel – *a história do Mont-Saint-Michel remete ao início do século VIII, em 708, quando o Bispo de Avranches, Aubert, recebe a aparição do Arcanjo Saint-Michel e a ordem de construir um santuário dedicado ao Arcanjo São Miguel, com uma abadia gótica no seu topo).* [5]

A cidade de Rouen, dominada pela Catedral de Notre-Dame de Rouen, é o local onde foi executada a líder militar e santa católica Joana d'Arc, em 1431. [6]

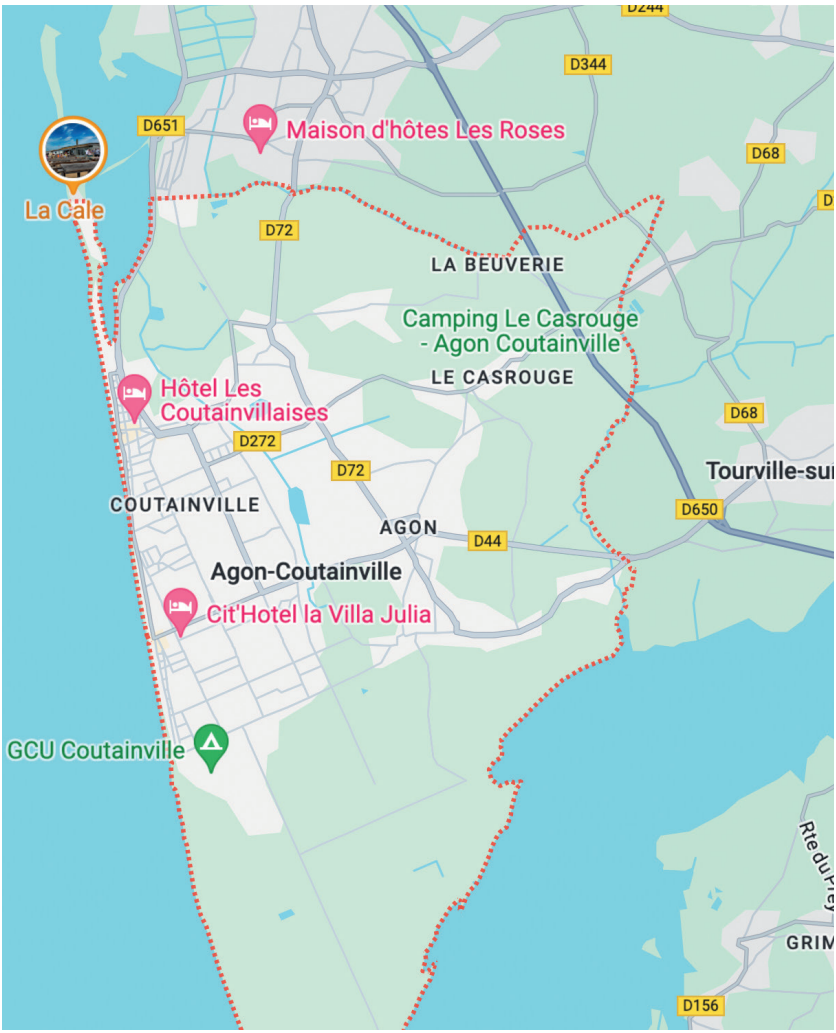


Figura 05: Localização de Agon-Coutainville – norte da França. Local de nascimento de Pierre. [7]

O arquiteto Albert Fatosme, após a Segunda Grande Guerra Mundial, desenvolveu um projeto de casas pré-fabricadas, chegando a gerar 1.000 empregos diretos.

A arquitetura era a profissão dominante entre os homens e mulheres na família Fatosme desde aquela época.

São irmãos de Pierre: Jean que tinha 60 anos em 1995, arquiteto e escultor, residente em Paris, casado com uma escritora e pai de uma filha adotiva (brasileira). Fiquei conhecendo o Jean e o julguei muito antipático, com aquele famoso ar de superioridade francês; Hélène (58) que após terminar o relacionamento com aquele sujeito que prejudicou o Pierre, aposentou-se de uma companhia de seguros, quando residia em Paris, mãe de dois filhos, era casada com o chefe do setor de informática do Correio Francês, um casamento bem conduzido. Hélène esteve em Paraguaçu, no ano seguinte ao do falecimento do Pierre.

Anne – 50 anos à época, dona de casa, residente em Madrid-Espanha, com quatro filhos, era casada com um dos diretores da Bolsa de Valores de Madrid, um marido bem importante. Depois da morte do pai, Anne comprou de seus irmãos a casa em Fermanville, pois a mãe do Pierre havia mudado para Paris.

Claire, a mais jovem tinha 47 anos em 1995, arquiteta, residente em *Marseille* (Marselha), no Sul da França e casada também com um arquiteto, com quem tem três filhos.

Toda a família do Pierre era bem relacionada na França, tendo um nível intelectual e financeiro bem elevado. Pierre era o último filho dos cinco descendentes do casal.



Figura 06: Pierre, seu irmão Jean, suas irmãs Anne e Hélène, 1955, fotografia. Acervo particular: Maria Paula Salles Fatosme.

Em 2011, Grece e eu estávamos viajando pela Normandia, quando fomos visitar Giverny.

*Giverny é uma comuna francesa na região administrativa da Normandia, no departamento de Eure. Estende-se por uma área de 6,45 km². Em 2018 a comuna tinha menos de 1.000 habitantes. Em Giverny estão localizadas a Casa e os jardins adquiridos por Claude Monet em 1893, com o objetivo de servir como cenário para os pintores daquela época" *Oscar-Claude Monet foi um artista francês e o mais célebre entre os pintores impressionistas.* [8]

Um lugar lindo, onde visitamos o famoso *Water Garden* – Jardim das Águas, nas proximidades da antiga residência de Claude Monet, na qual existe a famosa ponte japonesa em um ambiente todo florido, lugar em que as sementes caem e brotam

colorindo uma atmosfera vibrante para os artistas de sua época, servindo como cenário para as pinturas.

Na volta, vimos uma placa na estrada indicando Caen, próxima à cidade-natal do Pierre. Aquela é uma região linda, onde passa o rio Sena no início do seu curso. Notamos muitos pintores com suas pranchetas aproveitando a beleza cênica, enquanto pintavam presencialmente a vegetação e as antigas construções de fazendas e restaurantes existentes naquela região da Normandia.

Antes de voltar fomos conhecer Rouen e filmamos o local em que Santa Joana d'Arc foi queimada em 1431, este se tornou um local preservado, destacado, cercado com pedras. Perto desse local foi construída uma igreja, mas de estilo moderno.

A Catedral de Notre-Dame de Rouen ou Catedral de Nossa Senhora de Ruão é uma catedral católica, em estilo gótico, situada em Ruão, na região da Normandia, no noroeste da França. É a sede da Arquidiocese de Ruão.



Conflitos da infância e juventude

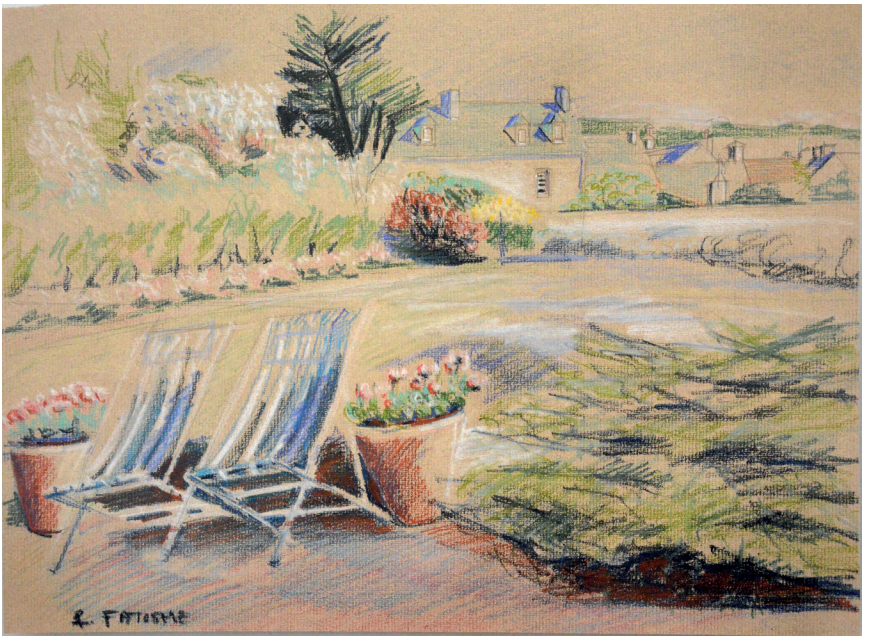


Figura 07: Jardim da casa de veraneio na Normandia (Fermanville), Pierre Fatosme, 1998, desenho em lápis de cor, 26 x 47 cm.
Acervo particular: Maria Paula Salles Fatosme
Fotografia: Maria Aparecida Araújo – Foto Araújo

Além da perda trágica de seu pai em 1973, quando Pierre tinha 28 anos, ali por volta de 1955 aconteceu outro fato que o marcou para sempre em sua vida.

Certa vez, quando Pierre tinha dez anos de idade, um namorado de sua irmã Hélène o pegou e o forçou a ter relações sexuais com ele e, em vista disso, mais tarde, seu pai colocou Pierre para fora de casa. Seu progenitor o tratava mal constantemente por ele apresentar tendências homossexuais desde muito pequeno.

Jean, o irmão mais velho de Pierre, que vivia fofocando dentro da família, contou para o pai o fato sucedido com o namorado de

Hélène, notícia que se tornou de conhecimento público pelo fato do assédio ter participação homossexual do Pierre.

Como que por coincidência – e, talvez, com alguma relação com o acontecido com o namorado de Hélène –, logo depois daquele episódio horrível e traumático, Pierre ficou muito doente, diagnosticado como tuberculoso, tendo que ser internado em um hospital por um tempo consideravelmente grande. Sua sorte foi o surgimento da penicilina, desenvolvida em 1941 por Alexander Fleming, que o livrou de uma doença que era incurável.

Situação semelhante viveu sua irmã Hélène, que também passou muito tempo internada em um hospital de Paris, assim como o Pierre, lutando também contra a tuberculose.

Uma vez curado e já com 15 anos, querendo se afastar da família, devido aos comentários de seu irmão Jean, resolveu estudar artes, mudando-se para Paris, onde as oportunidades seriam bem maiores.

Em 1965, resolveu estudar na Académie Charpentier: *A Académie de la Grande Chaumière, desde 1957 chamada Académie Charpentier, é uma escola de arte, situada no número 14 da Rue de la Grande Chaumière, em Montparnasse, Paris. Foi fundada em 1902 pela suíça Martha Stettler (1870-1946) e teve grande reputação no início do século XX.* [9]

Esta é a mesma escola de artes que foi frequentada por Van Gogh e outros famosos pintores do século passado. Para completar os seus estudos, em 1967, o Pierre ingressou na *École des Beaux-Arts,* ainda em Paris.

O Estilo Belas-Artes evoluiu do Classicismo Francês a partir do estilo dos Luíses – 14, 15 e 16. Os estilos arquitetônicos franceses de antes da Revolução Francesa foram conduzidos pela Académie Royale d'Architecture (1671–1793), e após a

Revolução, pela seção de arquitetura da Académie des Beaux-Arts. O neoclassicismo do velho regime francês foi desafiado por quatro professores da Academia. O estilo é um termo que se refere a diversas escolas de Artes na França, sendo a mais famosa delas a Escola Nacional Superior de Belas Artes, localizada em Paris, próxima ao Museu do Louvre. [10]

A escola tem uma história de mais de 350 anos e é onde também estudou Agostinho Balmes Odisio, que foi aluno do mais conhecido e famoso escultor francês Auguste Rodin.

Agostinho foi o artista que esculpiu o busto do paraguaçuense Pedro Augusto Leite, homem de grande destaque em nossa cidade, uma obra desconhecida por grande parte da nossa população.

***Nota do autor**: Pedro Leite foi pioneiro e líder da Educação em Paraguaçu, e o busto em sua homenagem necessitaria de uma maior relevância, considerando o grande artista que o esculpiu.

Rodin instruiu e orientou muitos outros dos grandes escultores da Europa, um verdadeiro mestre.

Pierre estudou pintura, desenho, escultura e serigrafia até o final de 1968 neste conceituado liceu de artes. Em maio de 1968 aconteceu na França uma mobilização de estudantes que se alastrou pelo mundo.

Nesta ocasião, estourou a revolução popular estudantil francesa, provocando no seu povo uma verdadeira introspecção para as artes. História da arte é a história de qualquer atividade ou produto realizado com propósito estético ou comunicativo, enquanto expressão de ideias, emoções ou formas de ver o mundo. Ao longo do tempo, as artes visuais têm sido classificadas de várias formas diferentes, desde a distinção medieval entre as artes liberais e as artes mecânicas. [11]

Pierre tornou-se um grande desenhista, que sempre foi sua característica artística mais desenvolvida e presente em seus trabalhos.

No ano seguinte, Pierre ingressou na Escola de Mímica e Circo de Marcel Marceau, sob o comando de Gerard Lebreton, onde estudou durante dois anos.

Marcel Mangel, mais conhecido como Marcel Marceau ou Mime Marceau, foi o mímico mais popular do período pós-guerra. Junto com Étienne Decroux e Jean-Louis Barrault deu uma nova roupagem à mímica no Século XX. [12]

Outro fato que marcou muito sua vida foi quando ele estava com 14 anos aproximadamente, estando ele em uma colônia de férias, no interior da França, um russo que participava do mesmo acampamento o forçou a manter relações sexuais com ele, o que aconteceu mais de uma vez, deixando-o muito abalado e desorientado novamente. Fatos como este o deixavam desestruturado, cada vez mais perdido, sem saber o que a vida havia reservado para ele.

O modelo Pierre Fatosme



Figura 08: Pierre Jacques Louis Fatosme, maio de 1979, Revista Cláudia Moda.

Um dia, andando pelas ruas de Paris, foi visto por um agente de modelos que procurava por manequins, este logo foi até Pierre e perguntou se ele gostaria de ser modelo.

Nesta época ele estudava Belas Artes. Pierre trabalhou como manequim profissional para as grifes Pierre Cardin, Christian Dior, entre outras, oportunidade em que conheceu vários países, tendo sido capa das revistas Elle, Vogue (inglesa, italiana, francesa, brasileira). Ainda nesta fase, fez um filme publicitário com o ator Alain Delon e posou três vezes para o mestre surrealista catalão Salvador Dalí. Essa informação foi fornecida por sua irmã Helene.

Como Pierre tinha o dom de saber se apresentar e bem vestir, portava sempre modelos de roupas masculinas de grandes costureiros, desfilando muito bem mesmo.



Figura 09: ***O modelo Pierre Fatosme, sem data e sem fonte, fotografia.***

Acervo particular: ***Maria Paula Salles Fatosme e Gilda Sales***

Em 1973, a convite do professor de Belas Artes da UFMG e diretor do Museu da Pampulha, José Alberto Nemer, que fazia pós-graduação na Sorbonne (Paris) e do correspondente do Estado de Minas, Ângelo Oswaldo, Pierre veio residir no Brasil, morando a princípio na cidade de Ouro Preto.

Já como profissional do ramo da moda, veio para o Brasil com o objetivo de trabalhar como modelo, vestindo criações de costureiros brasileiros famosos e de lojas com o nome respeitado na indústria *fashion*, o que o obrigava a viajar muito.

Assim, circulou por quatro anos entre São Paulo, Rio de Janeiro, Ouro Preto, Belo Horizonte e Salvador, tendo nesta última a oportunidade de participar de cultos em rodas de candomblé, aprendendo até mesmo a jogar capoeira.

Enquanto se dedicava ao estudo e conhecimentos sobre o candomblé – *Candomblé é uma palavra africana que significa dança. Propriamente, é uma dança religiosa na qual se reza para os orixás."* [13], Pierre manifestou interesse em se tornar Pai de Santo, mas ouviu uma voz inexplicável como se fosse de outro mundo, pedindo que permanecesse católico.

O Candomblé é uma religião afro-brasileira, derivada de cultos tradicionais africanos, na qual há crença em um Ser Supremo e culto dirigido a forças da natureza personificadas na forma de ancestrais divinizados: orixás (tipo santos no catolicismo), voduns ou inquices, dependendo da nação africana. [14]

A denominação dos termos pai ou mãe-de-santo, remetem à organização hierárquica da família-de-santo. Pais e mães-de-santo são responsáveis pelo nascimento dos iniciados e de seus orixás donos de suas cabeças. Assim, sua autoridade deve ser respeitada por todos os seus filhos-de-santo. [15]

Nesse momento, dizia ele, que estava com uma vela nas mãos e a vela partiu-se ao meio, a partir daí manifestou sua vontade de ser cenobita (integrante de um grupo de retiro espiritual).

Um cenobita é um monge que vive em comunidades retiradas, geralmente com os mesmos interesses ou princípios. Um grupo de cenobitas forma o que se conhece por cenóbio. O monasticismo cenobítico existe em diversas religiões, do Budismo ao Cristianismo, e tem sido a forma mais proeminente de vida monástica no mundo. [16]

Mas, por mais que conhecesse e procurasse novas religiões, ele não encontrava seu caminho, porque ele precisava de se entender primeiro.

Pierre buscava, constantemente, através das religiões, uma razão para a sua vida, ele queria se descobrir, achar uma razão para a sua existência.

Em passagem pela Grécia trabalhando como modelo, durante algum tempo, nas horas vagas, estava sempre buscando uma explicação para o sentido da vida, através das crenças religiosas, buscando saber como seria após a morte, o que ele encontraria do outro lado, se encontraria a paz, a luz, a tranquilidade, ou seria punido pelos seus erros praticados aqui na sua vida terrena.

Religião na Grécia antiga diz respeito a um conjunto de crenças que se modificou ao longo dos períodos Minoico, Micênico, arcaico e clássico do mundo grego antigo e apresentou diversos aspectos. [17]

Até onde se sabe os gregos não possuíam nenhum livro sagrado como a Bíblia, e lá o Pierre não encontrou argumentos religiosos para apoiar a solução de suas eternas dúvidas.

Eram dúvidas que se sucediam em sua cabeça. “E o outro

lado, como seria...” Não conhecia ninguém que tivesse voltado da morte, para contar o que viu, portanto, tudo era apenas uma suposição, cada ideia guiada por uma religião!

Eu tive um amigo muito culto e inteligente, era assim também como o Pierre, meio destemperado com a vida, lá um dia saltou da janela do prédio onde morava, coitado, com aquela inteligência e cultura, deve ter sofrido muito antes de cometer aquele suicídio.

Outra característica necessária para uma vida longa é desfrutar de um bom humor, o que meu amigo e o Pierre certamente não tinham.

Seguindo esta tendência de sua busca, viajou para o Oriente Médio indo para Israel procurando esclarecer suas dúvidas através do Judaísmo, assim foi morar e trabalhar num Kibutz, aprendendo o idioma hebraico – falado e escrito; uma língua dificílima, e o iídiche – a escrita iídiche usa o alfabeto hebraico.

Judaísmo é uma das três principais religiões abraâmicas, definida como 'religião, filosofia e modo de vida' do povo judeu. Originário da Torá Escrita e da Bíblia Hebraica e explorado em textos posteriores, como o Talmud é uma coletânea de livros sagrados dos judeus, um registro das discussões rabínicas que pertencem à lei, ética, costumes e história do judaísmo. É um texto central para o judaísmo rabínico que é considerado pelos judeus religiosos como a expressão do relacionamento e da aliança desenvolvida entre Deus e os homens. [18]

Por outro lado, era muito afetuoso com as crianças, principalmente com Maria Paula, sua filha, a quem cobria de carinhos.

Contou-me que esteve na Índia, sempre buscando um sentido religioso para a sua existência. Aquele fato acontecido com o russo e com o namorado de sua irmã Hélène, deixou marcas profundas em sua personalidade, tenho a impressão de que ele passou o resto da sua vida buscando uma explicação sobre

aqueles acontecimentos, que o deixaram traumatizado para sempre... o Pierre não se encontrava.

As religiões da Índia ou religiões dármicas são o conjunto das tradições religiosas correlatas que se originaram no subcontinente indiano, mais precisamente o hinduísmo, o budismo, o jainismo, que é uma das religiões mais antigas da Índia, juntamente com o hinduísmo e o budismo, compartilhando com este último a ausência de um Deus como criador ou figura central da religião. [19]

Inesperadamente somos pegos com a notícia da morte repentina de alguém e isso nos abala profundamente. Muitas perguntas vêm à nossa mente como, por exemplo, como faço para lidar com a tristeza? Como é o céu? Quem morre pode nos ver e ouvir àqueles que ainda estão vivos? Existe vida após a morte? O que existe? Essas e outras perguntas atormentam milhares de corações por séculos e muitos morrem sem saber a resposta exata em vida.

Angustiados pela ausência, pela saudade, pelo vazio que a morte causa, pelas dores da solidão e o medo por não saber a resposta à esta pergunta... há vida após a morte? Ela aumenta o nosso sofrimento por pensar: após a morte, o que acontece? O meu amigo, familiar ou ente querido está no céu?

No período em que esteve entre Ouro Preto e Belo Horizonte, Pierre reencontrou um artista plástico que conheceu em Paris – José Alberto Nemer, reconhecido no meio das artes apenas por seu sobrenome Nemer, personalidade de grande talento e renomado especialista nas artes pictóricas.

Nemer assim se expressou sobre Pierre, em um e-mail enviado no dia 01 de junho de 2022, após ser contatado pelo colaborador Sandro Adauto Palhão: “Pierre Fatosme era um artista de sensibilidade múltipla e, pelo que sei, deixou obras

importantes em Paraguaçu. Quando o conheci nos anos 1970, ele era modelo fotográfico e fazia um curso de mímica. Mais tarde, já no Brasil, continuou sua carreira de modelo em São Paulo e trabalhou com Expressão Corporal. Morando em outra cidade, Belo Horizonte, o via muito pouco. Depois de sua mudança para o Sul de Minas perdemos o contato e nos víamos raramente. Sei que trabalhou na Escola da Fundamar, ensinando cerâmica para as crianças e desenvolvendo, a partir desse período, uma obra pictórica bem significativa. Lamento não conhecer o suficiente essa sua produção para poder falar com detalhes sobre ela. Como grande parte de sua vida e produção artística foi em Paraguaçu - onde se casou e constituiu família -, vocês, mais que ninguém, poderão reconstituir os passos de sua carreira.

Aproveito a oportunidade para enviar um abraço a Maria Paula e a sua mãe. Para você e para o Professor Guilherme Prado desejo sucesso em seus projetos.

O cordial abraço do

Nemer"

Voltando ao nosso Artista – Pierre, na profissão de modelo desfilou na Grécia, na Alemanha, na Espanha e outros tantos países e cidades europeias.

Já em suas atividades como modelo no Brasil, ao ser entrevistado pelo diretor da Editora Abril, Fernando de Barros, este contratou Pierre para um trabalho fotográfico da revista Cláudia Moda permanecendo em São Paulo por quatro anos, onde também foi capa das revistas Desfile, Pais e Filhos. Ele e Ela, entre outras revistas de destaque no país. Trabalhou ainda para comerciais da Danone®, Souza Cruz® (cigarros Hollywood® e Minister®), Gessy Lever® (creme dental Kolynos®), vinhos Forestier®, e em muitas outras propagandas.

No ano de 1980, cansado da carreira de modelo, profissão que nunca quis ou desejou exercer realmente, mas pela qual foi imensamente grato por ter lhe dado a oportunidade de viajar pelo mundo e aprender idiomas como o latim, inglês, espanhol, italiano aramaico e português, junto ao francês sua língua mãe, abandonou a carreira e de posse do visto de permanência no país, Pierre mudou-se para Salvador-BA, apaixonando-se pela cultura Afro-Brasileira (arte, dança, música), participando ativamente do maior grupo de dança afro do Brasil, ocasião em que fez capoeira, tendo inclusive montado uma academia em sociedade com o famoso "Mestre Negão".

E por apresentar problemas na coluna cervical, foi aconselhado por médicos especialistas a abandonar a atividade.

***Nota do autor**: para encerrar o capítulo exponho uma história acontecida no final dos anos 1980, quando uma nova loja estava sendo montada em Paraguaçu e um grupo de moças, comandadas pela proprietária Rosa Maria Leite Mignacca, resolveu fazer um desfile para prestigiar seu novo estabelecimento, a "Rosa Chock Boutique", inaugurada no ano de 1987. Como destaque para o evento que aconteceu no Ideal Clube de Paraguaçu, convidaram o Pierre para desfilar, pois era um profissional muito experiente.

O grupo de modelos se preparava para a passarela e assim que iniciou o desfile, o Pierre seguia normalmente no desfile que ele sabia fazer com entusiasmo e perfeição, eu não sei o que aconteceu que ele caiu de frente no chão e como num passe de mágica, em segundos estava novamente desfilando em sua posição, como se nada tivesse acontecido.



Figura 10: Pierre em sua carreira de modelo fotográfico. Revista Cláudia Moda Masculina, maio de 1979



O encontro de Gilda e Pierre



Em 1984, em passagem por Belo Horizonte, Pierre foi apresentado à nossa conterrânea Creusa Lisboa Prado – diretora da então Fazenda-Escola Fundamar (Fundação 18 de Março), que o convidou para desenvolver um trabalho com os alunos da escola, onde permaneceu por seis anos lecionando pintura e cerâmica às crianças do educandário, tendo sido o primeiro morador do local.

Assim reporta o jornal A Voz da Cidade, datado de 3 de março de 1984, na página 8 [20], redigido por Arismar de Fátima Araújo, sob o título Fazenda-Escola em atividade:

"A Fazenda-Escola de Paraguaçu, implantada pela Fundamar – Fundação 18 de Março e a primeira no Estado de Minas Gerais, iniciou suas atividades dia 1º de fevereiro último.

A paraguaçuense Creusa Prado, Coordenadora da Fundação é quem está à frente dos trabalhos. A Fazenda-Escola objetiva-se em manter o trabalhador rural no campo, oferecendo, para isto, condições básicas à sua permanência, ou seja, assistência social, financeira e educacional.

Recebemos a primeira correspondência oficial da Fundamar, assinada por Ricardo Campos Rabelo, relatando que, estão atendendo na série de ensino formal (1ª a 4ª séries) 27 alunos, com um programa de assistência social extensivo às respectivas famílias. Estão sendo organizados o Clube de Mães, a Associação de Pais e Mestres e três Clubes de Futebol e a Fundação espera contar com a participação dos bairros Chico dos Santos, Papagaio, Bela Vista e Ponte Alta para integrarem a comunidade a ser atingida pelas atividades sociais da Fazenda-Escola."

Pierre, experiente conhecedor e atuante em arte, foi contratado para dar aulas de artesanato, desenvolvendo trabalhos manuais criativos com os alunos.

Lá, na Fazenda-Escola, escolheu uma casa muito simples, e passou a ter uma plena vida no campo.

Enquanto morava na casa próxima à Escola, em uma de suas vindas à cidade conheceu Gilda na lanchonete do Bosquinho, uma moça modesta e bem-educada, da tradicional família Salles. Eles se gostaram e passaram a viver juntos, após a cerimônia de casamento ocorrida no ano de 1985 e realizada na própria Escola Fundamar.

Gilda sempre foi muito trabalhadora e exerceu diversas atividades, por exemplo: foi proprietária da loja Karina Boutique, que se localizava na Rua Barão do Rio Branco, 235-A, no ano de 1982, onde comercializava moda infantil, juvenil e adulta, além de vender seus trabalhos em tricô e crochê. [21]

Como exímia cozinheira, também trabalhou fazendo massas para pizzas no local onde funcionou o Bar e Restaurante Sertão dos Mandiboias, durante o ano de 1995, quando ainda era casada com Pierre. [22]

Após o casamento com Pierre, Gilda vivia continuamente atenta, preocupada em não engravidar, considerando ter a pressão alta..., mas um dia, se assustou, pois estava inesperadamente grávida.

Nove meses depois, para alegria da família e dos amigos, após parto cesáreo, chegou a Maria Paula para animar a casa.

Maria Paula nasceu no dia 10 de março de 1987, apesar do jornal local ter noticiado seu nascimento com a data de 11 de março, em sua coluna Sociais. [23]

Cerca de um ano e meio depois de nascer, Maria Paula já acompanhou seus pais em uma viagem de 45 dias pela França, onde além de Paris, visitaram parentes do Pierre, conhecendo outros lugares maravilhosos do país. [24]



Figura 11: Gilda e Maria Paula no Porto de Fermanville, 1988, fotografia. Acervo particular: Maria Paula Salles Fatosme



No ano de 1995, o casal Gilda e Pierre e sua filha, fizeram outra viagem à Europa, quando nos encontramos em Paris. [25] [26]

Figura 12: Gilda e Maria Paula em Paris, 1995, fotografia. Acervo particular: Gilda Reis de Sales

Pierre e Gilda se separaram em 2004.

No ano de 2005, ela alugou um local para instalar uma lanchonete, que, aliás, sempre teve ótimo movimento, pois estava situada em um local privilegiado do centro, ao lado da Caixa Econômica Federal, onde até pouco tempo funcionava o estabelecimento chamado “Paris Café”... coincidências da vida!

No ano de 2011 ela foi residir em um apartamento no centro, ao lado do seu empreendimento, na Praça Oswaldo Costa, 121.

Mais tarde em 2018, vendeu seu ponto comercial e foi morar junto com sua irmã Gicelda e sua filha Maria Paula na casa das suas irmãs.

Já o Pierre estando morando no Brasil, no início dos anos 1980 aceitou unir-se legalmente com uma condessa austríaca, funcionária da Volkswagen, para que ele tentasse conseguir a cidadania brasileira.

Estiveram casados por seis meses e se divorciaram.

Dizia ele que a condessa se apaixonou por ele, mas que ele não deu conta da vida de casado.

Já ao casar-se com a Gilda o Pierre conseguiu um visto permanente, mas não a cidadania brasileira.

O Bar do Francês



Figura 13: Fachada do Bar do Pierre, Praça Oswaldo Costa.
Paraguaçu, 1993, fotografia.
Acervo particular: Maria Paula Salles Fatosme



Figura 14: Vista do Ateliê, Pierre Fatosme, 1997, grafite e aquarela, 70 x 55cm.
Acervo Particular: Maria Paula Salles Fatosme
Fotografia: Maria Aparecida Araújo – Foto Araújo - 2022

Após trabalhar por seis anos na Fazenda-Escola Fundamar oferecendo seus conhecimentos e experiências no campo da Arte aos alunos e professores colegas de profissão, Pierre juntamente com Gilda resolveram montar um bar/restaurante no imóvel adquirido no centro da cidade.

Este local serviria também como moradia para eles, além de abrigar seu ateliê, e encantar seus futuros clientes com uma exposição permanente de seus trabalhos, que constantemente, recebia novas criações em seu ambiente.



Figura 15: Balcão do Bar Sertão dos Mandiboias, 1993, fotografia. Acervo particular: Maria Paula Salles Fatosme

Com parte de um montante recebido como herança ele iniciou a reforma para a implantação do bar que seria um local requintado na casa que havia comprado, situada do lado de cima da Praça Oswaldo Costa – a antiga residência da Tia Marianinha – Mariana Mendes Prado, viúva de José Cristiano Prado, do segundo casamento.

A nota abaixo foi publicada no jornal A Voz da Cidade, uma semana antes da inauguração do bar e restaurante de propriedade de Pierre e Gilda:

Abertura do Bar-Restaurante Sertão dos Mandibóias
(Jornal A Voz – ano XXIX, edição 766, 22 de julho de 1989 – capa – Coluna Rápidas)

Será na próxima sexta-feira, dia 28 de julho, a esperada abertura, ou início de atividades da casa de arte, bar-restaurante Sertão dos Mandibóias, de propriedade de Pierre Jacques Louis Fatosme, casado com a paraguaçuense Gilda Salles. Muita expectativa cerca o acontecimento. Aguardem! [27]

Como o pesquisador da história do município, Oscar Ferreira Prado, havia lançado em 15 de outubro de 1981, o livro intitulado "O Sertão dos Mandibóias" – que trata sobre os primórdios da história da fundação de Paraguaçu, este foi o nome escolhido pelo Pierre para inaugurar o seu bar/restaurante, que passou a ser o principal ponto de referência para a sociedade paraguaçuense, particularmente pela exposição constante naquele local de suas obras em desenhos e pinturas, que tornava o gabarito do ambiente em um local mais chique e intelectual.

Sendo um lugar elegante e com excelente serviço, aquele passou a ser o espaço onde encontrávamos os amigos e recebíamos os visitantes de outras cidades.

O "Bar do Pierre" se transformou num ponto de reuniões e encontros. Eu e alguns amigos frequentávamos o bar todos os finais de semana. Em muitas ocasiões permanecíamos de pé na varanda do bar esperando vagar uma mesa para nos acomodarmos.

Quando saíamos do Ideal Clube de Paraguaçu, após as noites de carnaval, era infalível nossa passagem por lá, para tomarmos uma suculenta canja de galinha para recuperarmos a enorme energia despendida nos bailes momescos.

Pierre tinha um gênio complicado, entrava em choque com facilidade, tanto com a família como com os amigos e conhecidos.

No tempo em que eu tinha uma empresa de construções, certo dia, falei com ele que estava saindo para Machado, onde estava indo comprar tijolos, que na minha construtora eram sempre usados para aplicação como tijolo à vista. Ele achou interessante e aceitou o convite para me acompanhar. Disse que estava precisando de barro de tijolos para fazer um modelo, aliás, o que ele fazia com perfeição, levamos um plástico para colocar no bagageiro do carro e tocamos.

Negociei os tijolos e pedi um pouco de barro amassado para meu amigo.

O oleiro trouxe uma quantidade de barro e colocou no bagageiro do carro. Na hora que ele foi ajeitar a pelota de barro no plástico, ele sujou o bagageiro com barro, um pequeno acidente. Mas o Pierre deu uma bronca no dono da olaria que você não é capaz de imaginar.

Argumentei que era uma coisa pequena, sem importância, mas para ele que estava bravo falou alto com o homem! Custei para acalmá-lo!

Esse era o Pierre!!!

Por outro lado, sempre foi uma pessoa honrada, correta, um símbolo da honestidade. A desonestidade era um erro imperdoável para o nosso amigo Pierre.

Certa vez, cumprindo um programa de entrevistas proposto por estudantes do Juvenato, escola dirigida por Irmãos canadenses na década de 1980, um aluno entrevistando o Pierre, brincou com a semelhança do sobrenome Fatosme com a palavra “fantôme” (fantasma em francês).

Ele respondeu então que na história da língua francesa o acento circunflexo sobre a vogal substitui um S que ali já existiu ("tipo "château", que um dia se escreveu chasteau", mais próximo do original italiano "castello").

Então ele disse ao estudante: "você tocou numa questão importante. Meu sobrenome definiu minha trajetória: o Pierre sempre foi um fantasma".

Bem, mas voltando ao bar... aquele era um ponto de encontro que funcionou desde sua inauguração como um lugar para a reunião e união de amigos. Era raro o fim de semana que não encontrávamos lá o Ademir Junqueira e a Rose, que juntamente com Grece e eu, neste lugar ideal, trocávamos as histórias acontecidas naquela semana. Normalmente eu e a Rose tomávamos uísque, aliás a única bebida alcoólica que ainda bebo, graças a um problema de extra-sístole que tenho até hoje.

Sempre nos reuníamos também com o Wellington Camargo no Bar do Pierre, amigo este que nos deu um depoimento que se encontra no capítulo apropriado.

Certo dia, o Pierre nos mostrou um álbum de fotografias do seu tempo de modelo. Era um trabalho admirável, bem-feito e enquanto era mostrado ele nos explicava sobre as ocasiões das fotos. O Ademir ficou entusiasmado e perguntou muitos detalhes para ele, enquanto eu e a Rose aproveitávamos a oportunidade para tomarmos mais um uísque, bebida de nossa predileção.

Ficamos muito sentidos com a partida repentina da Rose, ocorrida no ano de 2021 nossa velha e muito querida amiga, uma perda irreparável, que sentiremos para sempre a sua falta.

Um dia meu genro Ibsen nos acompanhou naquele uísque, e puxou conversa com o Pierre, sabendo da tendência de sua família pela arquitetura, pois Ibsen era engenheiro civil, mas ele

não voltou bem impressionado com o Pierre, achando-o muito convencido pela preferência profissional de sua família.

O gênio do Pierre dispunha de grandes variações de humor, sujeito a "chuvas e trovoadas", esse tipo de comportamento era o natural do dia a dia daquele Artista.



Figura 16: Vista da varanda do Bar, Pierre Fatosme, 1992, desenho em grafite, 15 x 20 cm.
Acervo particular: Guilherme Prado

***Nota do autor**: *Histórias de artistas*... Na década de 1980, Jaqueline, minha filha, havia me apresentado um pintor, também famoso em Lagoa Santa, o José Maria Ribeiro, pintor dos retratos de diretores da UFMG, do Fernando Collor e outras figuras de destaque no Brasil. Mas era uma figura supersimples, que adorava a vida interiorana, e a pedido da Jaqueline, que reside em Lagoa Santa-MG, José Maria havia pintado dois retratos, o meu e o da Grece, ele pinta muito bem e tem histórias interessantes de sua vida artística.

Contava ele que certo dia foi convidado por uma madame do Rio de Janeiro para pintar seu retrato. Ao chegar ao prédio, em um bairro famoso, o porteiro perguntou quem ele estava procurando, e José Maria indicou o nome da madame. Antes de o porteiro informar o número do apartamento, este perguntou: "*Qual a sua profissão?*", o José Maria respondeu que era pintor, e o porteiro indicou para ele subir pelo elevador de serviço, julgando que ele fosse um pintor de paredes comum. Quando a madame abriu a porta e viu o José Maria saindo do elevador de serviços ela ficou incomodadíssima, mas ele nunca ligou para valores como esses.

Certo dia visitando nossa residência aqui em Paraguaçu, na parede da sala, José Maria se deparou com o desenho retratando meu pai feito pelo Pierre e ficou encantado, dizendo "*jamais imaginei encontrar em Paraguaçu um artista com esse gabarito!*". Eu disse a ele: "*Vamos encontrá-lo, ele é meu amigo!*", ficando ele satisfeito com o convite. Fomos encontrar com o Pierre no bar e ele ficou muito exultante com os elogios do José Maria dizendo: "*O Sr. José Maria entende de arte e fico lisonjeado com suas referências!*"

Outra história interessante do José Maria foi que na produção de um filme, pediram que ele pintasse um quadro de uma atriz famosa, o que ele fez com maestria. Terminada a gravação do filme, o quadro foi roubado e a notícia ocupou a imprensa da época, mas creio que o ladrão não foi descoberto.

Mas voltando às histórias do bar, não me lembro bem da ocasião, mas acredito que tenha sido na comemoração do aniversário de 90 anos da tia Glória, meus primos e primas marcaram determinada hora para tomarem uma cerveja no Bar do Pierre.

Quando lá chegaram o bar já estava lotado, mas como haviam reservado o local, o Pierre ficou apertado para conseguir alguns lugares para acomodar os parentes da tia Glória que, de tempos em tempos, reclamavam com o Pierre a falta de lugares.

Não demorou muito para o Pierre "subir a serra" e perder a calma. Esbravejou com o pessoal daquele jeito desmedido de sempre.

A sorte foi que minha sobrinha Maria Goretti estava no meio do grupo e, conhecendo bem o Pierre, tratou de acalmá-lo e retorná-lo à realidade.

Mas esse comportamento era o que seus fregueses já conheciam e o pessoal acabou indo para o Bar do Avião e comendo uma pizza, ficando o dito pelo não dito.

A Grece e eu éramos frequentadores assíduos do Bar do Pierre. Certa noite, nos assentamos em uma mesa onde havia outro casal ocupando a mesa ao lado.

O casal chamou o Pierre e pediu um prato mais sofisticado. Pierre levou o pedido para ser preparado pela Gilda.

Quando ele voltou trazendo o prato solicitado o casal comentou que não era bem aquilo que eles haviam pedido, no que concordou o Pierre, e do lugar onde ele estava, gritou: "*Gilda, como foi capaz de trocar o pedido!*"

O casal ficou assustado e para contemporizar a situação, disse que eles comeriam aquele mesmo, que a aparência era ótima! Mas não adiantou, ele continuou ofendendo a Gilda que estava na cozinha sem saber o que fazer. O Pierre era assim, não perdoava nada!

No tempo que o Pierre tinha o bar, eu gostava muito de conversar com ele, um dia eu o convidei para ir comigo até a casa do meu pai, que devia estar com 93 anos de idade.



Figura 17: Odilon Prado, Guilherme Prado, cerca de 1990, fotografia autoral.
Acervo particular: Guilherme Prado

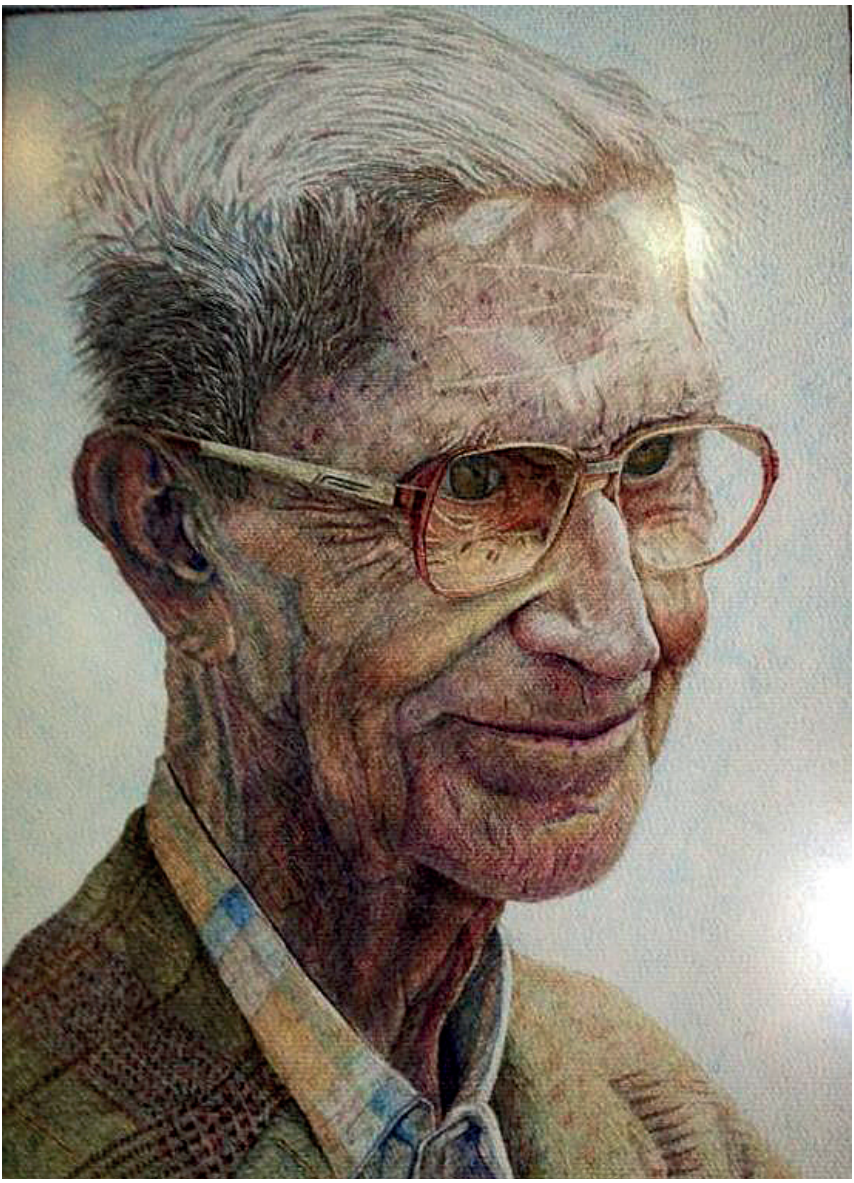


Figura 18: Odilon Prado, Pierre Fatosme, cerca de 1990, desenho em lápis de cor, 47,5 x 32,5 cm.

Acervo particular: Guilherme Prado

Fomos lá porque meu pai gostava muito de conversar com ele também. Falavam bastante sobre Arte, da qual meu pai era um admirador.

Depois que saímos, o Pierre me disse que achava linda a pele do rosto do meu pai, que ele tinha rugas lindas e muitas veias em alto relevo.

Assim revelou que gostaria muito de desenhá-lo e pediu que eu o fotografasse para expor aquelas rugas e veias.

Assim que voltei coloquei um filme na minha máquina fotográfica *Minolta*® e tirei várias fotos nas condições e posições que ele havia me orientado.

Entreguei as fotos para ele, que respondeu: "*passe aqui amanhã, até lá terei alguma coisa para mostrar a você*".

E assim aconteceu, fui até o bar onde ele estava desenhando – ele era realmente um grande Artista, com poucos traços o desenho já refletia a expressão do rosto do papai, com aquelas rugas e veias aparentes.

O desenho ficou perfeito e, em diversas ocasiões, emprestei a obra para ser exibida em exposições realizadas em várias cidades do país. Em muitas delas, a Rede Globo fez reportagens com ele, recebendo elogios, tanto pela sua perfeição, quanto pela demonstração artística.

Imagine, o Pierre fez aquele trabalho não aceitando um real em pagamento.

Mas por outro lado, era bem encrencado e cheio de manias. Não gostava que os fregueses batessem garrafas ou copos enquanto no interior do bar.

Um dia eu estava na varanda do bar e notei que na frente havia uma árvore envelhecida cujas raízes já expostas formavam uma bela cena. Mostrei para ele que respondeu que ele havia notado

a mesma coisa e fez um desenho a lápis preto e me presenteou. Mantenho a obra exposta em minha casa até hoje.

Assim que o Pierre montou o bar, nós tínhamos uma amiga em comum que era suíça, a Mônica, que residia em uma fazenda que hoje pertence à família do Laerte Maciel Prado.

Habitualmente, íamos passar os domingos com eles, sempre estavam presentes o Pierre com a Gilda e Maria Paula, o Vinícius com a Lígia, que infelizmente faleceu em 2021, sofrendo com um câncer que inesperadamente consumiu com sua vida, estando ainda juntos sua filha Marina e o filho André.

Nossa amiga Mônica, proveniente da Suíça, gostava muito e entendia bastante de Artes, tendo em casa um acervo de obras diversas que poderia ser classificado como fantástico.

Gostávamos de conversar com eles sobre artes e sobre a Europa, o marido era o Hans, um alemão, que falava bem o português e o francês.

Eles tinham uma indústria de meias especiais para varizes em São Paulo, uma indústria grande, salvo engano, tinham também um filho que não cheguei a conhecer, e não me lembro de tê-lo visto na fazenda.

A Mônica era muito culta e valia a pena uma conversa sobre a região em que ela morou nos Alpes. Ela adorava os trabalhos do Pierre.

Naqueles dias o Pierre contava suas histórias de quando residia e estudava em Paris e todos queriam saber detalhes sobre aquelas exposições que ele participava.

Ela gostava de fazer couve de Bruxelas, prato que eu também adoro, mas não conhecia naquela época e ela preparava muito bem aquela couve. É uma verdura que lembra pequenos repolhos e por isso, também é chamada de repolhinho; é do mesmo gênero que a nossa couve comum.

Cheguei a plantar couve de Bruxelas na horta da minha casa. Os suíços que conseguiram as sementes para nós, que se adaptaram muito bem aqui.

Outro prato que eles sempre faziam era aquele arroz negro, que só agora pode ser encontrado em nossa região.

*__Nota do autor:__ Certa ocasião tivemos uma ajudante chamada Neuza Alves que trabalhou como cozinheira no Restaurante do Francês.

Em conversas com ela, esta relatou que Pierre era muito caridoso.

Sempre que alguém necessitado passava por lá e pedisse comida, Pierre preparava um marmitex e doava.

Algumas curiosidades sobre o Bar/Restaurante/Ateliê Sertão dos Mandiboias que foram publicadas nas páginas do jornal A Voz da Cidade ao longo de seu funcionamento:

Ano de 1995:

VOCÊ SABIA? *(Jornal A Voz – 28 de outubro de 1995 – página 3) [28]*

- Que o Bar Sertão dos Mandibóias (Bar do Francês), será reinaugurado?

- A novidade é que ele está sendo remodelado e oferecerá um ambiente requintado e de muito bom gosto aos seus fregueses?

- Que os preços praticados, serão os mesmos dos bares e lanchonetes da cidade?

BAR SERTÃO DOS MANDIBÓIAS
BREVE REINAUGURAÇÃO

Sertão dos Mandibóias – Bar do Francês *(Jornal A Voz – 09 de dezembro de 1995 – página 3) [29]*

Reabrirá suas portas dia 15 de dezembro próximo.

Após uma ampla reforma estará oferecendo um

SCOTCH BAR aconchegante e romântico, para o bem estar de seus fregueses.

Pista de Dança – Vinhos finos – Queijos – Patês – Casquinha de Siri – Bebidas e aquela cerveja estupidamente gelada.

Praça Oswaldo Costa, 222
Fone: 267-1783

Inaugurações *(Jornal A Voz – 24 de dezembro de 1995 – página 23 – nota na coluna Sociais) [30]*

É de muito bom gosto a decoração do bar Sertão dos Mandibóias – Bar do Francês – reinaugurado no último dia 16. O ambiente é requintado e você pode deliciar-se com finos tira-gostos, como por exemplo, casquinha de siri, crepe, berinjela italiana, patês, além de deliciosos vinhos importados e da cervejinha gelada. Vale a pena conferir!

Ano de 1996:

CONFRATERNIZAÇÃO *(Jornal A Voz – 20 de janeiro de 1996 – página 9 / nota na coluna Sociais)* [31]

Confraternizando-se neste final de ano, no Bar Sertão dos Mandibóias, diretores e funcionários da ACIAP - Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Paraguaçu, juntamente com seus familiares.

Ano de 1998:

O melhor de Paraguaçu está no Bar e Restaurante do Francês

(Jornal A Voz – 14 de novembro de 1998 – página 14 / ***anúncio****) [32]*

Passe momentos agradáveis no Bar e Restaurante do Francês

Agora também aberto à noite para jantar de segunda a sábado

Ótima comida caseira – Prato feito – Marmitex R$ 3,00

Comercial R$ 3,50 e refeições R$ 5,00

Praça Oswaldo Costa, 222 – Fone: 267-1783



Figura 19: Anúncio no jornal A Voz da Cidade

Ano de 1999:

A ilustração do anúncio anterior foi publicada por todo o primeiro semestre do ano de 1999, época em que estava à frente do Jornal A Voz da Cidade o cunhado de Pierre, Ari Jaime Salles, que atuava como Diretor Responsável pelo quinzenário.

Neste mesmo ano foram publicados vários anúncios do Bar do Francês, constando apresentações musicais que estariam acontecendo no local:

O Restaurante <u>Lareira Tropical</u> – Bar do FRANCÊS comemora 10 ANOS!!!

(Jornal A Voz – 03 de julho de 1999 – página 12 / ***anúncio****) [34]*

Confira o I Festival de Inverno de MPB E BOSSA NOVA

<u>Hoje</u> – Dia 03/07 - Gileno Tiso e Paulinho Carrilho – teclado e Voz

Dia 10/07 – Fredera e Luzia – Guitarra e Voz

Dia 17/07 – Carlos Negretto (Cacá) – Violão e Voz

Dia 24/07 – WS Trio – Wilson Silva, Juliano Mosti, Enéas Nascimento – saxofone - Percussão – Baixo – Voz – Violão – Cavaquinho – Guitarra.

Reservas de mesa pelo fone: 267-1783



Figura 20: Anúncio no jornal A Voz da Cidade

O Restaurante Lareira Tropical – Bar do FRANCÊS comemora 10 ANOS!!!

(Jornal A Voz – 17 de julho de 1999 – página 12 / ***anúncio****) [35]*

Confira o I Festival de Inverno de MPB E BOSSA NOVA

Hoje – Dia 17/07 – Carlos Negretto (Cacá) – Violão e Voz

Dia 24/07 – WS Trio – Wilson Silva, Juliano Mosti, Enéas

Nascimento – saxofone - Percussão – Baixo – Voz – Violão – Cavaquinho – Guitarra.

Reservas de mesa pelo fone: 267-1783



Figura 21: Anúncio no jornal A Voz da Cidade

O melhor de Paraguaçu está no Bar e Restaurante Lareira Tropical

(Jornal A Voz – 31 de julho de 1999 – página 12 / ***anúncio****) [36]*

Próximo sábado – dia 7 de agosto

MÚSICA AO VIVO

Gileno Tiso e Paulinho Carrilho,

Apresentando um novo repertório.

Praça Oswaldo Costa, 222 – Fone: 267-1783



Figura 22: Anúncio no jornal A Voz da Cidade

Ano de 2002:

VISITANTE ILUSTRE *(Jornal A Voz – 20 de abril de 2002 – página 11 / coluna Sociais) [37]*

Acompanhado de sua comitiva, o Secretário de Estado da Cultura de Minas Gerais, Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, esteve por toda uma tarde em Paraguaçu, no início deste mês de abril, visitando o seu particular amigo, o artista plástico Pierre Jacques Louis Fatosme.

Ângelo Oswaldo ficou fascinado pelo verde de nossas montanhas e principalmente pelo azul do nosso céu nesta época do ano. Durante a sua estada na cidade, o Secretário da Cultura não poupou elogios ao restaurante do Pierre e a suas telas que dão ao ambiente o requinte de uma galeria de arte. Outro local elogiado por Ângelo Oswaldo foi a bonita Praça Oswaldo Costa,

salientando que aquele logradouro é merecedor de melhores cuidados.

O "mineiríssimo" e ouro-pretano Ângelo Oswaldo é considerado no meio artístico a personalidade que mais entende de arte no País, sendo reconhecido internacionalmente como um excelente crítico do assunto.

Ao se despedir do casal Pierre e Gilda, o Secretário de Estado disse que dispensará atenção especial à nossa região.

“Amo essa terra: quero morrer e ser enterrado aqui...”



Após um período de três meses em que a família Fatosme mudou-se para Ubatuba-SP, no ano 2000, retornando para Paraguaçu, Pierre adotou nossa cidade como sendo sua terra natal, sempre dizendo que cuida melhor dela do que muitos paraguaçuenses que sequer se preocupam com a limpeza, com o visual de nossas ruas, praças e jardins.

"Amo essa terra: quero morrer e ser enterrado aqui... Mesmo com as dificuldades de sobrevivência não pretendo sair daqui, para tanto, já estou requerendo minha cidadania brasileira", dizia ele.

Ele estava preparando a burocracia para pedido da cidadania brasileira. Depois de tantos anos perdido de si mesmo, sem se encontrar através de diversas religiões, Pierre se encontrou em Paraguaçu, graças a sua adesão ao Catolicismo.

Enquanto se harmonizava com a religião católica, ele ficou muito próximo da Irmã Maria Amélia, que pertencia à Congregação das Irmãs da Providência. O Pierre sempre tinha alguma coisa para esclarecer com esta Irmã que tinha a capacidade de entender e responder às perguntas complicadas do Pierre, ele gostava muito daquela Irmã.

O reencontro com a religião católica foi fonte constante de sustentação e inspiração para Pierre e segundo ele: "... este foi o principal motivo que fez com que fincasse sua raiz em Paraguaçu".

"Tenho um tesouro escondido, a convivência com a igreja local que é um celeiro de fé e fervor", salientou.

Em Paraguaçu o Pierre adotou a religião católica com uma fé inabalável, indo à missa quase diariamente e praticando todos os ritos da Igreja Católica, chegando a fazer parte do grupo de coral da igreja.

No meu ponto de vista, o Pierre passou a sua vida tentando

entender-se, tentando se encontrar... buscando uma resposta, através das religiões que conheceu e praticou, ou tentou praticar.

Mas creio que ele se encontrou na igreja católica, ficou satisfeito com esse encontro. Sofreu muito na vida, coitado! E seu final será mais triste que sua atribulada vida...

Enquanto os justos descansam, aqueles que foram iníquos viverão em uma prisão espiritual (geralmente chamada de "inferno").

A prisão espiritual não é um julgamento final ou castigo eterno. Deus é amoroso e justo, por isso o Evangelho de Jesus Cristo será ensinado aos que estão na prisão, e eles terão a oportunidade de aceitar o Salvador, que os "libertará".

Nosso encontro em Paris



Em Paraguaçu, em 1995, comentei com Pierre que havia planejado uma viagem e estava saindo para a Europa, e que nesse passeio, embora já conhecêssemos algumas cidades do Sul da França, pretendíamos conhecer Paris.

Ele me deu o telefone de sua mãe e pediu que eu telefonasse para ela assim que chegasse, pois ele também estava indo para Paris.

Como combinado, conversei com a mãe dele e disse em qual hotel nós estávamos hospedados, que era o Hotel Astória localizado na *Rue de Moscou*. A mãe do Pierre me atendeu muito bem quando eu disse para ela que eu era um amigo do Brasil. Ela respondeu que ele a havia avisado. Naquela mesma noite, Pierre com Gilda e Maria Paula foram nos visitar no hotel onde combinamos sair juntos no dia seguinte, pois ele gostaria de me apresentar a Paris que ele conhecia bem.

Morando em Paris, Pierre tinha presença habitual e constante nos ateliês e exposições de Arte, principalmente as mais famosas, como aquela do seu amigo e colega de Belas Artes denominada "La Palete", local de encontro dos principais artistas de Paris da época, a quem fui apresentado como seu amigo brasileiro. O amigo dele muito educado e culto, tratou-me com destaque. Dali percorremos diversas mostras de arte de vários estilos diferentes, moderna, futurista... enquanto eu filmava tudo. Depois fomos almoçar em um restaurante que ele tinha o hábito de almoçar desde o tempo que morava lá.

No restaurante, Pierre sugeriu que pedíssemos o prato que ele normalmente comia no tempo de estudante, achamos interessante e gostoso, depois, ele foi lá cumprimentar o dono do estabelecimento, conhecido de velhos tempos em Paris.

Em seguida fomos visitar a célebre "Galeries Lafayette", que é uma loja de departamentos construída no ano de 1895

e, já naquele tempo, considerada um lugar chiquérrimo, uma antecessora dos atuais *shopping centers*.

À noite fomos jantar com outros amigos que conhecemos no navio em que voltávamos da Escandinávia. O encontro foi em um restaurante localizado na torre Eiffel! Aquelas coisas que acontecem uma vez na vida e a gente nunca mais esquece... é muito notável aquele local naquela cidade!

No outro dia saímos com o Pierre e encontramos com seu irmão Jean, uma figura bem diferente do Pierre, muito metido e de nariz em pé. Contando vantagens de ganhos financeiros extraordinários com a construção de casas pré-fabricadas, ideia que herdou de seu pai, não o achei nada simpático. Ainda mais, senti dificuldades em entender seu francês que parecia ser mais erudito, menos popular para meu conhecimento.

A visita seguinte foi em uma floricultura conhecida da cidade. Vimos muitas flores e plantas desconhecidas, principalmente as hortênsias de cores diversas, em sua maioria nunca antes vistas por nós.

Vimos também orquídeas que me fizeram lembrar minha irmã Stella, muitas de cor e forma diferentes das nossas conhecidas. Estivemos muito tempo naquele ambiente tão agradável e florido...

Considerando que em 1995, encontrei-me então com Pierre em Paris, aquela foi minha grande chance para conhecer a "Île de la Cité" – o centro da cidade, os museus, a Escola onde ele estudou, as principais galerias de arte, a casa onde viveu Victor Hugo.

Victor-Marie Hugo foi um romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta, artista, estadista e ativista pelos direitos humanos francês, de grande atuação política em seu país.

É o autor de grandes obras como "Les Misérables" e de

"O Corcunda de Notre-Dame" de Paris, entre diversas outras conhecidas, clássicas de fama e renome mundiais. [38]

Pierre nos deu uma verdadeira aula sobre a vida e a obra de Vitor Hugo, assunto que dominava perfeitamente.

Tomei conhecimento do grande Victor Hugo através da revista francesa mensal "La Nature", publicação gaulesa que era assinada pelo Dr. Domingos Conde, que a passava para meu pai, assim que ele terminava sua leitura. Uma *magazine* fantástica, que abordava tudo de interesse da época e com os assuntos mais diversos, tratando desde astronomia até as receitas dos pratos mais populares do mundo.

Enquanto visitávamos, ele ia historiando os lugares e os personagens que por ali viveram, Pierre tinha uma cultura artística invejável.

Depois fizemos um passeio de *Bateau-mouche*, que é um tipo de embarcação projetada para servir como plataforma de visita turística, navegando em águas abrigadas, em que o convés superior é aberto ou tem uma cobertura transparente, para os passageiros poderem apreciar a paisagem.

Aquele circuito percorre os principais pontos turísticos da cidade, enquanto Pierre descrevia tudo que víamos.

Os barcos mais conhecidos são os que circulam no rio Sena, em Paris. Depois, mostrou-me o apartamento onde ele morou no centro da cidade, mais galerias de Arte e retornamos para o hotel em que estávamos hospedados.

Antes, paramos na estação de metrô *Gare Saint-Lazare. Um dos seis terminais ferroviários de Paris. Ela está situada no 8º arrondissement – como são classificados os bairros de Paris. Primeira estação edificada na Ilha de França desde 1837*

e afetada, principalmente, depois do trem de subúrbio, é a segunda estação mais movimentada de Paris. [39]

Naquela hora, tocava uma música bem animada e o Pierre, aproveitando a oportunidade, tirou a Grece para dançar... dançando exageradamente no meio daquele movimento frenético da estação. Eu estava com a filmadora na mão e não podia deixar aquela cena se perder, aproveitei a oportunidade e filmei tudo.

Perto de onde estávamos havia uma loja de flores e a Gilda quis entrar para conhecer o local que era bastante interessante.

Certa ocasião, contei a ele que a família da minha mãe era muito grande, que nós éramos setenta primos e que nos aniversários do meu avô, que comemorávamos anualmente na Fazenda da Água Branca, reuníamos em uma celebração na noite de São João. Como era gente demais, faltavam camas e jogávamos colchões pelo chão para caberem todos. Dormíamos todos misturados, meninos e meninas, e à noite era uma farra, todos queriam beijar as primas ou então, ao contrário, as primas é que procuravam os primos. As meninas eram mais atiradas!

Ele me respondeu que as primas são iguais no mundo inteiro! Todas são queridas e corajosas! Mas que na família dele eram poucas, porque as famílias eram muito menores do que as nossas brasileiras.

No dia seguinte, Pierre nos levou ao Ministério da Justiça de Paris para conhecermos a Santa Capela, um lugar imperdível para quem for visitar Paris, obra simplesmente fantástica.

A Sainte-Chapelle é uma capela gótica situada na Île de La Cité em Paris, construída no século XIII pelo Rei Luís IX. Foi projetada em 1241, iniciada em 1246 e concluída muito rapidamente, sendo consagrada em abril de 1248. [40]

Os vitrais da *Sainte-Chapelle* são inigualáveis, não sei como

prepararam vidros com aquelas tonalidades no tempo do Rei Luis IX. Estas enormes vidraças cobrem o santuário do teto ao chão.

O Rei era conhecido como São Luís. Suas ações foram inspiradas nos valores cristãos, sendo ele um homem extremamente devoto da fé católica, punindo a blasfémia, jogos de azar, empréstimos de interesse e prostituição, comprando relíquias de Cristo para construir a Sainte-Chapelle e tentando converter os judeus franceses. Construiu inúmeros hospitais, leprosários, orfanatos e escolas e era notadamente conhecido pela sua caridade e cuidado com os pobres e doentes. [41]

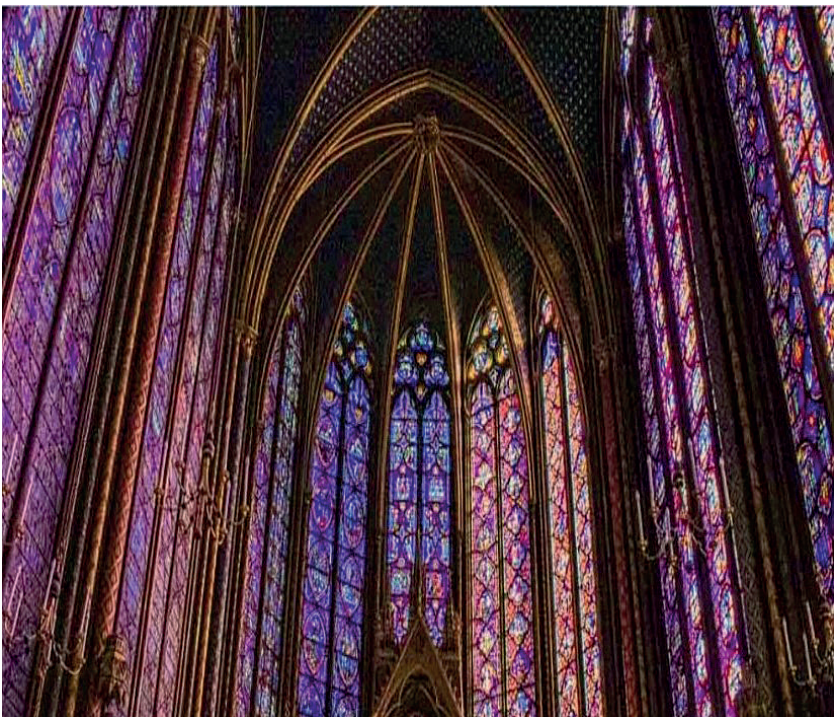


Figura 23: Vitrais da Sainte-Chapelle em Paris – França, Guilherme Prado, 1995, fotografia.

Essa viagem foi inesquecível, pois no período de 21 dias fizemos uma "tournée" visitando vários países da Europa como a Holanda, Polônia, Estônia, Rússia, Finlândia, Suécia, Dinamarca,

Inglaterra e França, podendo experienciar a diversidade de culturas que existem naquele vasto continente.

E o encontro que tivemos com nossa conterrânea Gilda, seu marido Pierre e sua pequena filha Maria Paula, que na ocasião estava com apenas 8 anos, foi muito proveitoso, visto que Grece e eu tivemos o privilégio de visitar uma Paris diferente, guiada por um grande conhecedor da "Cidade Luz".

Soubemos por eles, que estiveram no parque da Euro Disney, nas proximidades de Paris, além de visitar familiares em Fermanville, na Normandia.



Figura 24: Gilda, Maria Paula e sua tia francesa Hélène nos Jardins do Palácio de Versalhes – França, 1998, fotografia.

Acervo particular: Maria Paula Salles Fatosme

Uma casa, um fim de vida...



Figura 25: Última residência de Pierre - Rua Agostinho Barata, 222 -Vila Sinara – Paraguaçu-MG, 2005, fotografia autoral.
Acervo particular: Maria Paula Salles Fatosme

Quando Pierre vendeu seu bar, resolveu comprar uma casa em construção já adiantada, situada no bairro Vila Sinara, pouco distante do centro. Assim poderia aproveitar a oportunidade para terminá-la, decorá-la com seu gosto refinado e enfeitá-la ao máximo com seus trabalhos artísticos.

A casa ficou bonita e muito diferente em seu interior.

Como a casa não estava totalmente pronta, contratou um pedreiro com seu filho para sua conclusão. Mas, como eu digo sempre, o Pierre era um Artista complicado, não demorou muito para ele se desentender com o pedreiro na colocação de uma cerâmica qualquer, imaginem, por uma pequena diferença.



Figura 26: Interior da casa da Vila Sinara, 2009, fotografia autoral. Acervo particular: Maria Paula Salles Fatosme

Na manhã do dia 23 de dezembro de 2012, Pierre foi à missa, almoçou e logo depois foi até a casa do pedreiro para efetuar o pagamento da semana. A residência dele ficava na Vila Operária e lá se desentenderam novamente e o pedreiro o agrediu.

Naquela hora o filho do pedreiro tentou dar uma facada nas costas do Pierre, mas a faca não entrou, só machucou.

Eles tiraram tudo que o Pierre tinha nos bolsos, todo o seu dinheiro, talões de cheques, cartões de crédito e todas as suas chaves.

Deram uma paulada na cabeça dele e o colocaram no carro do próprio Pierre. Depois disso, passaram em um posto de combustíveis, abasteceram e levaram mais um pouco de gasolina numa garrafa e tocaram o carro em direção ao bairro rural Cava.

Antes de chegarem à Cava, jogaram seu corpo em uma vala na beira da estrada sobre um colchão velho, o molharam com a gasolina da garrafa, e depois atearam fogo em seu corpo.

Alguém que morava perto disse ter ouvido um grito vindo em direção a Cava. Os dois malfeitores pegaram o carro e foram na direção planejada.

Os pedreiros começaram a gastar o dinheiro que haviam roubado dele. Não chegaram a utilizar os cartões de crédito, pois por sorte a conta dele era do Banco do Brasil, e o concunhado Luiz Antônio – casado com Salvina, uma das irmãs da Gilda –, que era funcionário do banco, bloqueou sua conta, evitando maiores prejuízos.

Mais tarde, naquele mesmo dia, correu a informação na cidade a respeito do desaparecimento do Pierre, sobre quem ninguém tinha notícias.

O Sr. José Natalino, pai do Jovani Xavier – proprietário da loja de pneus localizada na Avenida Doutor Domingos Conde – e sua filha Jucimara Xavier residiam em uma fazenda perto da Cava Funda, e encontraram o corpo do Pierre perto de suas terras, na vala próxima da estrada. O cadáver tinha sido carbonizado sobre um colchão velho e queimado, ficando uma pessoa irreconhecível.... Com o fogo, seu cabelo desapareceu, sua pele foi queimada e o capim do colchão aderiu ao seu corpo.

Logo eles chamaram a polícia, e, como o corpo estava irreconhecível, Pierre foi enterrado como indigente no Cemitério da Grama. Depois, fizeram a exumação do corpo, e a Gilda, sua esposa, foi convocada para o seu reconhecimento. Gilda só conseguiu reconhecer Pierre, devido a uma cruz bem resistente e fora do comum que ele trazia pendurada no pescoço. Uma vez reconhecido, o corpo dele foi trasladado para uma sepultura comum no Cemitério Municipal de Paraguaçu, localizado na parte alta da cidade.

O crime teve alta repercussão em Paraguaçu, considerando

que o Pierre era uma pessoa bem conhecida por uma faixa da sociedade mais instruída e socialmente mais elevada. As circunstâncias do assassinato, um acontecimento brutal, foram um grande choque para os padrões de comportamento, totalmente fora do habitual de uma cidade de porte pequeno como a nossa, interiorana, como é Paraguaçu.



Figura 27: Nossa Senhora e o Menino Jesus (parede interna da casa), Pierre Fatosme, 2009, afresco em pontilhismo, fotografia autoral.
Fotografia: Maria Paula Salles Fatosme

O Processo



Antes de iniciar este capítulo, faço uma ressalva. Escrever esta parte do livro foi uma tarefa difícil de ser cumprida. A simples leitura de partes do processo nos causa mal-estar, e a gente acha inacreditável que aquilo possa ter acontecido com alguém, ainda mais com uma pessoa querida como o Pierre. Registro o aviso sobre possíveis "gatilhos" que as informações a seguir poderão causar no leitor.

Os fatos e dados aqui trazidos foram extraídos do processo que investigou o homicídio de Pierre. O processo resultou na condenação pelo crime de latrocínio (roubo seguido de morte) e tramitou perante o juízo da Vara Única da Comarca de Paraguaçu, com o seguinte número de autuação: 0002604-82.2013.8.26.0472.

José Luiz de Oliveira, o pai, foi condenado em Primeira Instância à pena de 27 anos de reclusão em regime inicial fechado por crime hediondo, além do pagamento de multa. Não foi possível verificar se esta foi a pena definitiva, depois do julgamento de recurso à Segunda Instância do Judiciário. Já o filho, que à época era menor de idade, não foi réu no processo principal, por ser adolescente, e respondeu pela prática de ato infracional equivalente ao latrocínio.

Conforme consta no processo, a dupla de pedreiros que matou Pierre, pai – José Luiz e filho..., saiu da cadeia em São Paulo, devido ao fato de que estavam presos porque haviam matado alguém em Extrema, no estado de Minas Gerais. Vale ressaltar que o filho, como não tinha atingido a maioridade penal, provavelmente cumpriu medida socioeducativa em instituição como a antiga Febem, hoje chamada Fundação Casa, e não foi propriamente preso. De toda forma, vamos considerar que ambos estavam em "prisão".

Depois que saíram da prisão, eles se mudaram de São Paulo

para Paraguaçu, e aqui vieram morar numa casa da Vila Operária.

Uma informação relevante encontrada no processo é de que o filho do pedreiro, admitiu pertencer ao PCC (Primeiro Comando da Capital), tendo ingressado na organização criminosa enquanto cumpria medida socioeducativa na Febem, tendo se vangloriado do fato. O PCC foi fundado em 31 de agosto de 1993 por oito presidiários, no anexo da Casa de Custódia de Taubaté, a 130 quilômetros da cidade de São Paulo, conhecida como "Piranhão", até então a prisão mais segura do estado de São Paulo.

O PCC – que foi também chamado no início como "Partido do Crime" – afirmava que pretendia "combater a opressão dentro do sistema prisional paulista" e "vingar a morte dos cento e onze presos", em referência ao episódio conhecido como "Massacre do Carandiru", na Casa de Detenção de São Paulo, na Zona Norte da capital paulista.

Conforme informado pelo filho, na noite de 22 de dezembro de 2012, o pai, o pedreiro, sentado no sofá da casa disse que ia matar o seu patrão Pierre, porque tinha a intenção de pegar o seu carro e voltar para São Paulo. O filho do pedreiro disse para seu pai que isso não ia dar certo, e saiu para a festa denominada "Avião Folia".

Na festa, o filho do pedreiro, durante seu depoimento, informou às autoridades que fez uso de cocaína, maconha e lança-perfume. Ao chegar em casa, por volta das três horas da madrugada, dormiu até o outro dia, por volta das onze horas da manhã, e encontrou seu pai bebendo. Em seguida foram para um bar, momento em que seu pai pegou o aparelho celular de número tal e telefonou para o Pierre e pediu para que ele fosse até sua residência. Pierre teria informado que estava almoçando e se dirigiu até a casa do pedreiro na sequência, para fazerem um acerto.

No domingo, dia 23 de dezembro de 2012, o pedreiro telefonou para o Pierre pedindo para ir até sua casa levar o restante do dinheiro que lhe devia e para pedir desculpas a Pierre. Consta que Pierre chegou na casa do pedreiro, e que a conversa entre eles evoluiu para uma discussão, isto porque Pierre teria dito ser o José Luiz um mau caráter e "noiado" (usuário de crack).

Quando o Pierre chegou na casa dos pedreiros, o filho alegou em seu depoimento, que foi tomar banho tendo escutado seu pai dizer: "Seu Pierre, o senhor me perdoa", e em seguida pediu um abraço dele. Nesta hora, o jovem escutou um barulho e saiu logo do banho, quando viu seu pai, José Luiz, aplicando um "mata-leão" – golpe original do grupo de técnicas do jiu-jitsu –, no pescoço do Pierre. O aperto no pescoço foi tão forte que Pierre desfaleceu, sendo então quando o pedreiro disse em depoimento: "senti que a vítima amoleceu em meus braços, eu soltei-a", tendo Pierre caído no chão.

O filho ainda disse que, no dia do assassinato de Pierre, desferiu socos no rosto dele, e que José Luiz, o pai, deu uma "gravata" no francês, deixando-o sufocado e que ele caiu no chão desmaiado pela falta de ar.

Após as agressões, ainda segundo o que consta no processo, José Luiz tomou o pulso da vítima e, não sentindo a pulsação, deduziu que o Pierre já estava morto. O pedreiro então entrou em pânico, não sabendo o que fazer, tendo seu filho dado a ideia de usar o Fiat Uno da própria vítima para levá-la para o "mato".

O pai então disse ao filho: "nós vamos eliminar o francês", completando que a dupla iria dar sumiço com o corpo de Pierre, sob a pretensa impunidade de que "sem corpo não existe crime". O filho de José Luiz teria dito ao pai que o plano não daria certo.

O filho do pedreiro informou no processo que, em seguida,

seu pai enrolou o corpo do Pierre em uma colcha.

Na sequência, chegando na zona rural, lá pelo lado da Cava, José Luiz e seu filho retiraram o corpo do Pierre, jogaram em uma pequena vala ao lado da estrada, tendo o filho jogado gasolina no corpo e em seguida ateado fogo

José Luiz, em depoimento, disse que foi seu filho quem teve a ideia de levar gasolina, tanto assim que pararam em um posto de combustíveis, dentro da cidade, onde foi comprado o combustível, colocado em uma garrafa *pet*. A intenção da dupla seria usar a gasolina para cremar o corpo do Pierre; acontece que eles não dispunham de conhecimento necessário para conseguir o processo de cremação, que é transformar o corpo em cinzas, porque para acontecer o processo a temperatura tem que ser altíssima, e com o uso da gasolina eles não conseguiriam cremá-lo.

Segundo o comentário dos assassinos com outros presos na cadeia, eles agiram de forma ignorante, pois pensavam que ao colocarem fogo no corpo do Pierre estavam cremando a vítima, que se tornaria cinzas, assim pensavam eles.

O filho ainda disse que somente ajudou a carregar o corpo, porém, quando José Luiz ateou fogo no Pierre, ele ficou no carro e abaixou o rosto para não ver a cena, visto que o pai estava fazendo uma "coisa horrível".

Na sequência – ainda na versão do rapaz –, eles pegaram a estrada no carro do Pierre e seguiram sentido Alfenas, com José Luiz no volante. Porém, na estrada, o jovem percebeu que o pai estava muito alterado, pedindo para assumir o volante, o que teria acontecido. Já em Alfenas, José Luiz e seu filho adquiriram cocaína, utilizando uma cédula de R$50,00 (cinquenta reais), e, na sequência, retornaram para a cidade de Paraguaçu. No caminho, entretanto, eles pararam no "Bar do Japão", tendo

ambos utilizado a droga que havia sido adquirida.

José Luiz, juntamente com seu filho e mais um amigo dele, disse que levaram o Fiat Uno do Pierre para ser escondido em um sítio de um tal Pedro, nas proximidades do trevo para a cidade de Machado, e lá ficou guardado.

Quando o carro foi localizado, a polícia chamou o Éder, que trabalha como chaveiro, para conseguir ligar o carro, que estava sem as chaves.

Foi reconhecido no processo que José Luiz pediu para seu filho "assumir a bronca" em seu lugar, uma vez que ele era adolescente. O filho inicialmente teria dito que assumiria a autoria do crime, porém não o fez porque já tinha ficado "preso" duas vezes anteriormente.

José Luiz ainda admitiu que ficou circulando no Fiat Uno da vítima porque estava transtornado. Além disso, imaginou que teria um álibi, haja visto que, se alguém o visse circulando no carro da vítima, não iria suspeitar que matou o Pierre.

Os assassinos imaginavam que, fazendo a cremação, espalhariam a cinza e não haveria mais corpo, assim, desaparecia a prova principal do crime, não tendo corpo deixava de existir a vítima e eles não poderiam ser incriminados. A falta de conhecimento dos assassinos os conduziu a uma dedução errada para desaparecer com o corpo da vítima. Como não deu certo, José Luiz foi julgado, condenado e preso, e seu filho, por ser adolescente à época, respondeu pelo ato infracional equivalente ao crime de latrocínio.

Assim o Jornal A Voz da Cidade noticiou, em sua coluna Notas de falecimento, a trágica morte de Pierre.

Pierre Jacques Louis Fatosme

Artista plástico nascido na França, Pierre Jacques Louis Fatosme tinha 67 anos e residia em Paraguaçu desde 1981. Aqui ele foi casado com a paraguaçuense Gilda Sales, com quem deixa a filha Maria Paula. Formado pela Escola de Belas Artes de Paris, Pierre era um talentoso e refinado pintor, com participações em várias exposições de renome e obras reconhecidas nacionalmente por sua qualidade e senso estético. Seus quadros em pastéis, aquarela e lápis de cor captaram muitas das paisagens urbanas e rurais do nosso município. O francês ficou conhecido também pelo prestigiado Bar e Restaurante Sertão dos Mandiboias, que era frequentado por gente de toda a região. Ele veio a falecer no último dia 23 de dezembro e seu corpo foi sepultado em Paraguaçu cinco dias depois da morte. [42]

Apresento em seguida a transcrição na íntegra da sentença que condenou o pedreiro José Luiz, cujo texto foi extraído do sítio eletrônico do Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

Sentença condenatória prolatada em 29/10/2013 nos autos da Ação Penal n. 0002604-82.2013.8.13.0472, tramitada perante o Juízo da Vara Única da Comarca de Paraguaçu-MG.

VISTOS ETC., O ilustre Representante do Ministério Publico nesta Comarca denunciou JOSÉ LUIZ DE OLIVEIRA, qualificado nos autos, como incurso nas penas dos Arts. 157, §3º, parte final, do CP, com as agravantes do Art. 61, II, "a", "c", "d" e "h", e Art. 62, I e III, ambos do Código Penal, e ainda, nas penas do Art. 211, do CP, tudo em concurso material, na forma do Art. 69, do mesmo Código, porque no dia 23/12/2012, entre 12hs00min e 14hs00min,

no interior do imóvel situado à Rua João Alves de Souza, nº 49, o denunciado, previamente associado ao adolescente ..., agindo com animus necandi e animus furandi, subtraiu para si coisas alheias móveis, mediante prática de violências, sendo que desta violência resultou a morte da vítima P. J. L. F. Consta ainda que o acusado, no mesmo dia 23/12, por volta das 14hs00min ou 14hs30min, em uma estrada vicinal da zona rural, também em concurso com o adolescente ..., colocou fogo no corpo da vítima para concluir a morte da mesma e destruir o cadáver. Que o denunciado, oriundo do Estado de São Paulo, onde responde a processos por roubo, furto, moeda falsa e dano, no mês de novembro/2012 passou a prestar serviços de pedreiro para a vítima P. J. L. F., na residência desta, o que perdurou até 14/12/2012, data em que o denunciado e vítima tiveram uma leve discussão e romperam o vínculo contratual. Ciente de que a vítima possuía veículo e dinheiro, imbuído de um sentimento de vingança e intento de subtração, decidiu o denunciado, que já era acostumado a prática de subtrações, a ceifar a vida de Pierre para se apoderar do veículo e cartões bancários do mesmo, e depois colocar fogo no corpo para que ninguém o reconhecesse. Que, no dia 22/12/2012, o denunciado declarou ao seu filho menor, ..., que iria matar a vítima para ficar com o veículo da mesma e vendê-lo na cidade de Sorocaba-SP, ocasião em que os dois ajustaram a prática dos fatos, sendo que no dia 23/12/2012, antes do almoço, o acusado telefonou para a vítima e pediu que a mesma fosse até sua casa, tendo P. J. L. F. afirmado que estaria almoçando, mas que iria depois e, conforme combinado, após o almoço, P. J. L. F. foi até à residência do acusado, local onde o menor ..., para se assegurar de que podiam praticar o delito tranquilamente, foi verificar através das janelas se não havia nenhum vizinho na rua. Que, ato contínuo, o denunciado simulou um pedido de desculpas e solicitou um abraço à vítima, que de

forma ingênua aceitou e, assim que a vítima o abraçou, José Luiz aplicou-lhe uma gravata, enquanto o menor ... passou a socar o rosto de P. J. L. F., derrubando-o ao chão e, já no solo, enquanto o denunciado desferia chutes e pulava contra o corpo da vítima, o menor tentou "enfiar" uma faca no pescoço da mesma, não conseguindo porque esta entortou e, em seguida, José Luiz, com nítido intento de subtração, passou a enfocar a vítima e pedir a esta que lhe desse a senha do cartão do banco e, não conseguindo seu intento, enfiou um "pano de chão" na boca de P. J. L. F., que acabou desmaiando. Que, não satisfeito com as brutalidades já praticadas, José Luiz amarrou as mãos da vítima com uma corda, enrolou a mesma em uma colcha usada para forrar o sofá da residência e com a ajuda do menor ... colocou P. J. L. F., ainda vivo, no porta-malas do veículo da vítima, o qual já havia planejado subtrair. Que, após limparem a casa, José Luiz e ..., utilizando o veículo de P. J. L. F., se deslocaram para uma estrada vicinal, tiraram a vítima do veículo e a jogaram ao solo, ocasião em que o denunciado, com a intenção de concluir a execução morte e destruir o cadáver para impedir o reconhecimento, jogou gasolina sobre o corpo da vítima, ainda viva, e ateou fogo, concluindo a morte da mesma e destruindo parcialmente o cadáver. Consumada a subtração violenta qualificada, já na posse do veículo, cartão do banco, documentos pessoais e dinheiro da vítima P. J. L. F., o acusado e o menor se encontraram com a pessoa de ..., que passou a dirigir o veículo, foram até o Supermercado União, onde compraram três cervejas, pagando com o cartão bancário da vítima, depois adquiriram R$ 50,00 de cocaína de pessoa não informada, voltaram para a cidade, rumaram para o bar do "Japão" (na estrada que vai para Alfenas) e fizeram uso da droga adquirida. Que, após usarem o veículo por um tempo, resolveram escondê-lo, com o auxílio de ..., o qual pediu para a pessoa de Pedro Patrocínio, que permitiu que o

veículo fosse escondido no "Sítio Vista Alegre", local onde foi encontrado e apreendido pela Polícia Militar. Que, o acusado tentou realizar saques com cartão da vítima, através da senha que estaria em um caderno que também foi subtraído, mas não conseguiu efetivar as retiradas; que, no dia 25/12/2012 a Polícia Militar apreendeu na residência do acusado os objetos descritos no Boletim de Ocorrência, quais sejam: bermuda utilizada pelo menor, capa do sofá, fio usado para amarrar os pulsos da vítima, chaves da vítima, agenda telefônica, telefone, cartão bancário, bolsa, identidade, CPF, cartão de saúde, CRLV, todos objetos pertencentes à vítima. Que, a vítima era maior de 60 anos de idade, sendo que o réu agiu por motivo torpe (vingança e intento de subtração), mediante dissimulação e recurso que tornou impossível a defesa da vítima e com o emprego de fogo; que, o acusado dirigiu a atividade e induziu seu filho, menor inimputável, a auxiliar na execução do crime. A denúncia, instruída com o competente inquérito policial, foi recebida pelo despacho de fls. 316/317, oportunidade em que foi deferido o pleito do Ministério Público de antecipação de provas para oitiva do menor ... O menor foi ouvido às fls. 320/322. O réu foi citado por Carta Precatória (fls.359/360). Tendo em vista que o réu declarou não ter condições de contratar Advogado, vários profissionais militantes na Comarca foram nomeados, porém se recusaram, todos justificadamente, sendo que o MM. Juiz em substituição nomeou profissional atuante na Comarca de Machado (fls.386), o qual apresentou resposta à acusação (fls.393/398). Pelo despacho de fls. 401 o MM. Juiz Cooperador indeferiu o pleito de revogação da prisão preventiva e designou data para a audiência de instrução e julgamento. Às fls. 437/448 realizou-se a audiência de instrução e julgamento, ouvindo-se as testemunhas arroladas pelas partes e interrogado o réu. Em alegações finais o Dr. Promotor de Justiça aduz que a materialidade está provada pelo

laudo pericial e exame de corpo de delito necropsia, os quais demonstram a ocorrência da morte violenta da vítima com o fim de subtração; que, a autoria é inconteste, havendo certeza absoluta de que o crime foi praticado pelo denunciado, como auxílio do menor; que, o réu confessou a autoria, embora tente negar o intento de subtração; que, além das declarações do acusado, o depoimento de seu filho ... detalhou como o acusado praticou os delitos noticiados; que, não bastasse a confissão do réu e de seu filho, bem como as testemunhas para as quais o acusado confirmou ter sido o autor dos delitos, é de se ressaltar o trabalho efetivado pelas Polícias Militar e Civil; que, a própria irmã do acusado, Solange de Oliveira Santos (fls.442), declarou que não tem dúvidas de que o acusado e seu filho praticaram o crime. Que, está seguramente demonstrado que o homicídio da vítima P. J. L. F. foi um desdobramento do crime de roubo, previamente arquitetado pelo acusado, tratando-se, então, de crime de competência do Juiz singular; que, pela certidão de antecedentes pode se verificar que o réu já respondeu processos por crimes contra o patrimônio; que, pelas declarações de seu filho, o mesmo declara expressamente que o intento prévio do réu em matar e se apoderar dos bens da vítima; que, as testemunhas, em especial a irmã do réu, também confirmam que o intento dele era matar para roubar; cita doutrina e jurisprudência a respeito do tema; que, quanto ao crime de destruição de cadáver não há dúvidas de sua ocorrência, sendo que o menor ... esclarece que seu pai planejou colocar fogo no cadáver para que ninguém descobrisse; que, a vítima foi encontrada queimada, na zona rural, não sendo identificada no momento, necessitando de investigações para sua cabal identificação; que, restou comprovado que o acusado tinha o dolo de destruir e ocultar o cadáver, pelo que configurado o crime. Que, restaram comprovadas as circunstâncias agravantes de motivo torpe, eis

que o acusado agiu por vingança a uma pequena e normal discussão de negócios, bem como por intento de subtração de bens, e ainda, a dissimulação, uma vez que o réu telefonou para a vítima e pediu para esta ir até sua casa, alegando que desejava pedir desculpas; que, também restou cabalmente demonstrado a utilização do meio cruel, com o emprego de fogo; que, também está comprovado que a vítima era maior de 60 anos de idade; que, da mesma forma, está comprovado que o acusado foi quem promoveu a cooperação de seu filho ... na prática do delito, dirigindo a atividade criminosa, bem como induziu-o na prática do crime. Pugna, ao final, pela integral procedência da denúncia. Por sua vez, o douto defensor dativo do réu sustenta que o réu não pretende sua absolvição, ante sua confissão espontânea e juízo da autoria do homicídio contra a vítima P. J. L. F.; que, em momento algum existiu o animus furandi, não havendo motivação patrimonial, apenas raiva pela ofensa lançada pela vítima na incontroversa discussão ocorrida em 14/12/12; que, a vida pregressa do acusado pode servir para corroborar decreto condenatório; que, a função do Inquérito Policial é apenas dar segurança ao Estado para que inicie uma ação penal com justa causa; que, mediante o crivo do contraditório nenhuma prova foi produzida acerca da livre intenção do acusado de ter agido com motivação patrimonial; que, não existem provas do animus furandi; transcreve o interrogatório judicial do réu; que, duas testemunhas arroladas pela acusação e ouvidas em juízo não foram deferidas o compromisso do Art. 203, do CPP, não devendo, pois, ter valor importante como prova; que, o fato do acusado ter se dirigido à agência do Banco do Brasil, na cidade de Alfenas, não significa que ele tenha ido tentar sacar dinheiro da vítima, sendo que a testemunha Nilton Santos informou que o réu lhe disse que a senha não tinha dado certo e teria que desbloquear; que, além do mais, o réu possui várias contas

bancárias, possui vários cartões, sendo, pois, plausível que o acusado tenha perdido ou bloqueado sua senha. Que, segundo afirmado pela testemunha ..., o filho do réu teria lhe dito um dia antes dos fatos que a intenção do acusado era ceifar a vida da vítima; que, a única prova que milita em desfavor do réu são as informações interessadas, incoerentes e determinantes de seu filho ..., o qual se intitula membro de um facção criminosa (PCC) e se vangloria de que já ficou internado na FEBEM; cita doutrina e jurisprudência a respeito do tema; que, é fato incontroverso a embriaguez do acusado na época dos fatos, seja ela por álcool ou por uso de cocaína, conforme relato da testemunha BEM HUR e de SOLANGE, irmã do réu; que, a prova produzida é forte no sentido de que o réu, com sentimento de vingança, imbuído de vontade livre e consciente de ceifar a vida da vítima P. J. L. F., resolveu marcar encontro em sua residência; que, a conduta do réu em relação aos pertences da vítima decorre de outro desígnio completamente autônomo, tendo sido mero incidente, pugnando, pois, pela desclassificação do crime narrado na exordial para o crime de homicídio, para submeter o réu ao julgamento pelo Tribunal do Júri; que, quanto aos demais crimes conexos ao delito de homicídio e as qualificadoras, estes deverão ter sua análise relegado ao Tribunal do Júri. Que, na eventualidade deste não ser o entendimento, é de se ver que a conduta do réu não se amolda a nenhum dos verbos do Art. 211, do Código Penal; que, quando o acusado ateou fogo no corpo da vítima esta ainda se encontrava com vida, pelo que não há o que se falar em destruição, subtração ou ocultação de cadáver, impondo-se a absolvição de tal delito. Pugna, ao final, pela desclassificação do crime para homicídio doloso, para submeter o réu a julgamento pelo Tribunal do Júri, com a consequente submissão dos crimes conexos à análise do Tribunal do Júri, bem como a absolvição quanto ao crime tipificado no Art. 211, do Código Penal e, por último, o

decote das circunstâncias agravantes imputadas ao acusado.

É o longo, mas necessário relatório.

D E C I D O. A materialidade do delito está comprovada pelo laudo pericial de fls. 62/71 e Exame de Corpo de Delito Necropsia de fls. 78/85, laudos estes que demonstram a ocorrência de morte violenta da vítima. Quanto à autoria, a mesmo ressoa de forma clara, uma vez que o denunciado confessou, em juízo, ter sido ele, com o auxílio de seu filho menor ..., o autor da morte da vítima P. J. L. F. Em seu interrogatório judicial (fls. 446/448), o réu declarou que : ".....no domingo, dia 23/12/2012, o interrogando telefonou para a vítima P. J. L. F. dizendo para o mesmo ir até sua casa levar o restante do dinheiro que lhe devia, e também para desculpar com o mesmo; que, quando P. J. L. F. chegou na casa do interrogando começaram a conversar e posteriormente a discutir, isto porque P. J. L. F. teria dito ser o interrogando mau caráter, "noiado" (usuário de crack), tendo então o interrogando aplicado-lhe uma gravata, sendo então quando o interrogando sentiu que a vítima "amoleceu em meus braços, soltei-a", tendo a mesma caído no chão, quando então seu filho ... agrediu a vítima com murros; que o interrogando tomou o pulso da vítima, não notando-o, deduzindo que a mesma já estava morta; que o interrogando entrou em pânico, não sabendo o que fazer, tendo seu filho ... dado a ideia de usar o veículo da vítima para levá-la para o "mato", o que foi feito; que, chegando na zona rural, o interrogando e seu filho retiraram o corpo da vítima, tendo ... jogado gasolina no corpo e em seguida ateou fogo; esclarece o interrogando que foi ... quem teve a ideia de levar gasolina, tanto assim que pararam em posto, dentro da cidade, onde comprou a gasolina e colocou numa garrafa pet;.....que foi o interrogando, juntamente com seu filho ... e um amigo dele, quem levaram o veículo da vítima para ser guardado em um sítio nas proximidades

do trevo para a cidade de Machado;.....que realmente o interrogando pediu para seu filho "assumir a bronca" em seu lugar, uma vez que ele era menor de idade, tendo o mesmo dito que iria assumir a autoria, porém não assumiu porque já tinha ficado preso duas vezes anteriormente;.....que o interrogando ficou circulando no carro da vítima porque estava transtornado e também como álibi, haja visto que se alguém visse circulando no carro da vítima, não iria suspeitar do interrogando;..." – destaquei – Tal confissão é corroborada pela prova testemunhal colhida, em especial as declarações do filho do réu, o menor ..., o qual, quando ouvido em Juízo (fls.321/322), afirmou: "...que antes dos fatos o pai do declarante disse que iria matar P. J. L. F. e vender o carro dele.....; que, após seu pai ter matado P. J. L. F., seu pai pediu para "assumir a bronca", porém o declarante disse que não assumiria, sendo que assumiria somente seus atos que praticou; ". – destaquei – No mesmo sentido são as declarações da testemunha BEM HUR PESSOA SANTOS, a qual, quando de seu depoimento em juízo (fls.440/441), confirmando o que fora dito na fase policial (fls.92/93), disse: ".... No dia 25/12/2012, JOSÉ LUIZ chegou em sua casa e lhe chamou para conversar dizendo "eu preciso bolar uma ideia com você, eu fiz o P. J. L. F."; que, após José Luiz conversar com o depoente, o depoente chamou sua esposa Solange para conversar, tendo contado para a mesma o que havia acontecido; que, antes de José Luiz ter ido embora para sua casa, ele contou detalhes de como matou a vítima P. J. L. F.; ....". Na mesma direção são as declarações da testemunha informante SOLANGE DE OLIVEIRA SANTOS (fls.442), a qual é incisiva em afirmar que: "...a declarante não tem dúvidas de que o acusado e seu filho praticaram o crime relatado na denúncia; ". Portanto, a prova produzida nos autos é inconteste quanto à autoria por parte do denunciado, no sentido de ter sido ele, com o auxílio de seu filho menor ..., quem ceifou a vida da vítima e

subtraiu seus pertences. Resta então a análise da tese desposada pela defesa, qual seja, que na espécie se trata de homicídio qualificado e não como consta da denúncia, isto é, que o réu praticou o crime de latrocínio, acrescido das respectivas agravantes e em concurso material com o delito de destruição de cadáver. Razão não assiste ao culto e combativo defensor dativo do réu. É que ressoa de forma cristalina nos autos, principalmente pelas próprias declarações do réu e de seu filho ..., que o denunciado atraiu a vítima P. J. L. F. até sua casa (do réu) com a intenção clara de se apropriar de seus bens (dinheiro e veículo) e não para matá-la, eis que ele conhecia a situação econômica/financeira da vítima, pois estava trabalhando como pedreiro na residência dela, sendo certo, ainda, que o réu foi dissimulado para conseguir seu intento, conforme declarou seu filho, ou seja: "..que na noite do dia 22 de Dezembro de 2012, o pai do informante sentou-se no sofá e disse que iria matar seu patrão, P. J. L. F. com a intenção de pegar seu carro e voltar pra São Paulo....que o objetivo era vender o carro de P. J. L. F. em Sorocaba, jogar o cartão de crédito fora; que com relação ao cartão de crédito, esclarece que seu pai tentou sacar dinheiro no banco, mas não conseguiu; que enquanto seu pai enforcava P. J. L. F., perguntou a senha do banco, mas a vítima não informou; que seu genitor havia comentado que P. J. L. F. tinha dinheiro; que, no caderno de P. J. L. F. tinha a senha do banco, mas no momento em que seu genitor foi sacar dinheiro apareceu a mensagem de "senha bloqueada"..." (fls.215/219) - sublinhei e destaquei - Vê-se, pois, pelas declarações do próprio filho réu, que foi coautor para a prática do horripilante crime praticado contra a vítima, que o réu sabia que a vítima possuía dinheiro e que quando a atraiu até à casa dele assim o fez com a firme intenção de subtrair seus bens e, pelo relatado por seu filho ..., "enquanto seu pai enforcava P. J. L. F., perguntou a senha do banco, mas a vítima não informou",

vê-se que o objetivo primordial do réu era a subtração. Frise-se que o réu sabia que a vítima possuía dinheiro e o veículo, bem como tinha planejado, até com certa antecedência, a morte da vítima com o objetivo de se apoderar de seus bens, o que foi deixado bem claro por seu filho ... quando prestou declarações em juízo (fls.321/322), senão veja-se: "....que antes dos fatos o pai do declarante disse que iria matar P. J. L. F. e vender o carro dele, sendo que o declarante chegou a afirmar para seu "não vale a pena matar por palavras e dinheiro"; que, enquanto seu pai enforcava P. J. L. F. pediu a ele por duas vezes a senha do cartão de crédito;.....que seu pai foi até o banco tentar sacar dinheiro com o cartão de crédito da vítima;....que o declarante entendeu que seu pai matou a vítima por causa de dinheiro e também pelas palavras que P.J.L.F. lhe tinha dito...". – destaquei e sublinhei – Diante de toda a situação fática, relatada em detalhes pelo filho do acusado, ainda que se aventasse a hipótese de que o réu não tinha a intenção de dar cabo à vida da vítima, o certo é que ele planejou executar a subtração de seu veículo e do dinheiro, este através de saque em seu cartão bancário, estando o mesmo, em coautoria com seu filho ..., com disposição para o uso ou não de violência e, assim sendo, mesmo nesta hipótese, tem-se que ele assumiu o risco da existência desta e do evento morte. Como é de sabedoria comum, em se tratando de um crime de resultado, a figura tipificada no Art. 157, § 3º, 2ª parte, do Código Penal, não exige para sua caracterização que o evento morte esteja nos planos do latrocida, sendo suficiente que para concretizar a subtração haja emprego de violência e desta resulte a morte da vítima. Aliás, após ceifar a vida da vítima, como já tinha anunciado no dia anterior para seu filho ..., o réu se apoderou do veículo da vítima, além de R$ 60,00 e dos cartões de crédito, tendo providenciado um esconderijo para o veículo, eis que sua intenção era fugir para o Estado de São Paulo, onde venderia o mesmo.

Importante registrar que a testemunha ..., amigo do filho do réu, que ajudou a esconder o carro da vítima, declarou textualmente que: "... ... disse que o objetivo era irem embora para São Paulo e vender o carro, pois estava com o documento do veículo quando vieram para Alfenas, sendo que o informante chegou a ver o documento; ....Que, perguntado qual era o plano, disse que era esconder o veículo por apenas um dia, em seguida ir para São Paulo e vender o veículo e ninguém iria descobrir o que havia ocorrido e nem sobre a participação do informante" . (fls.212/214) – destaquei – Também a irmã do réu, SOLANGE DE OLIVEIRA SANTOS declarou que: "... a depoente perguntou a BEM HUR o que havia acontecido e que loucura eles haviam cometido, tendo BEM HUR dito que os dois haviam matado o cara e roubaram o carro; ", - destaquei – Conclui-se então, de forma irretorquível, que a subtração não foi um crime posterior, mas sim que foi planejado com antecedência pelo réu, uma vez que o mesmo declarou para o seu próprio filho que iria matar e roubar a vítima, restando escancarada a figura do latrocínio consumado, pelo que absolutamente incompatível com a espécie a tese desposada pela defesa de que se trataria de homicídio qualificado, pois, repita-se, a intenção do réu era a subtração, sendo que o evento morte foi consequência da violência por ele empregada. No caso em tela, encaixa-se como uma luva o ensinamento jurisprudencial citado pelo renomado e saudoso doutrinador JÚLIO FABBRINI MIRABETE, in "Manual de Direito Penal", vol. 2, 7ª edição, pág. 221, ou seja: "Nos termos legais, o latrocínio não exige que o evento morte esteja nos planos do agente. Basta que ele empregue violência para roubar e que dela resulte a morte para que se tenha

como caracterizado o delito (RT 462/353, 604/352, 620/332). É mister, porém, que a violência tenha sido exercida para o fim de subtração ou para garantir, depois desta, a impunidade do

crime ou a detenção da coisa subtraída (RT 513/393). " (sublinhei) De outra banda é de se ver que em momento algum o acusado conseguiu desconstituir as robustas provas contra ele produzidas sob o crivo do contraditório, tendo as mesmas sobressaído, de forma contundente, na direção de que ele agiu com planejamento e extrema frieza para consumar seu intento, qual seja, subtrair o veículo e dinheiro da vítima e, para conseguir seu objetivo, acabou por dar cabo à vida da mesma e da maneira mais cruel possível, eis que ateou fogo no corpo dela, com o intuito de impedir ou dificultar sua identificação, impondo-se, pois, sua condenação nos exatos termos do Art. 157, §3º, parte final, do Código Penal. No que tange ao delito de destruição de cadáver, também não resta nenhuma dúvida quanto à sua ocorrência, não havendo como prosperar os bens lançados argumentos do culto e combativo Defensor dativo do réu, no sentido de que o acusado não infringiu nenhum dos verbos elementares do tipo penal do Art. 211, do Código Penal, ao retirar o cadáver e levá-lo a uma estrada vicinal, eis que não destroçou ou fez desaparecer, pelo que não destruiu, ainda que parte dele. Sustenta também a defesa que o elemento normativo do tipo penal previsto no Art. 211, do Código Penal, é o corpo humano sem vida e, conforme atribuído pela ação penal, ao citar a perícia técnica em suas conclusões finais, no tópico agravantes, o corpo da vítima ainda se encontrava com vida quando o acusado ateou fogo. Colhe-se das declarações do próprio acusado, quando de seu interrogatório judicial (fls.446/448), que: "....que o interrogando tomou o pulso da vítima, não notando-o, deduzindo que a mesma já estava morta; que o interrogando entrou em pânico, não sabendo o que fazer, tendo seu filho ... dado a ideia de usar o veículo da vítima para levá-la para o "mato", o que foi feito; que chegando na zona rural, o interrogando e seu filho retiraram o corpo da vítima, tendo ... jogado gasolina no corpo e em seguida ateou fogo; ". – destaquei

- Por outro lado, o menor ..., filho do réu, não deixa margens para dúvidas quanto à ocorrência do delito tipificado no Art. 211, do Código Penal, senão vejamos: "....que o genitor do informante disse para ele que no dia seguinte, que seria domingo dia 23/12/2012, iria chamar P. J. L. F. em sua casa para conversar e depois que conversasse com ele iria matá-lo; que o informante disse a seu pai JOSÉ LUIZ "não vai dar certo isso porque uma hora ou outra iriam descobrir e ele ia passar metade da vida na cadeia"; que, seu pai JOSÉ LUIZ ainda disse que não teria problema nenhum pois ele mataria P. J. L. F. "depois mete fogo e ninguém ia descobrir, e quando descobrisse ele (José Luiz) já estaria longe daqui" (fls.87). – destaquei – Registre-se, outrossim, que o Laudo Pericial (fls.62/71), em sua conclusão (fls.65), é taxativo no sentido de que: "Face aos vestígios verificados e elencados anteriormente, entende o subscritor que a vida da vítima foi ceifada em outro local, devido à ausência de vestígios da ação inicial delituosa, sendo o local em que o corpo fora encontrado usado apenas para "desova". " (SIC) Desta forma, vê-se, sem sombra de qualquer dúvida, a presença do tipo objetivo do delito em questão, tipo este que, segundo lição do já citado e festejado JÚLIO FABRINI MIRABETE, in "Código Penal interpretado", Atlas, 1999, pág. 1237, consiste: "A primeira conduta prevista é a de destruir cadáver, que significa fazer com que ele se torne insubsistente, é queimar, esmagar, reduzir a detritos ou resíduos, dissolver o corpo, ainda que parcialmente. "– sublinhei – Outro não é o entendimento da jurisprudência dominante: "Destruição, subtração ou ocultação de cadáver. Delito configurado. Acusado que após eliminar a vítima, como mandatário, decepa-lhe a orelha para exibi-la aos mandantes como prova. Pronúncia mantida. Inteligência do art. 211 do CPC. (...) A destruição a que alude o art. 211 do CP não é apenas de todo o cadáver, senão também de parte dele" (RT 526/350).

Portanto, em tendo o réu, após ceifar a vida da vítima na residência dele (réu), retirado seu corpo, com a ajuda de seu filho ..., utilizando o próprio veículo da vítima e, ato contínuo, deslocado para a zona rural, onde ateou fogo no corpo, destruindo-o parcialmente, cuja identificação só foi possível após intenso trabalho das Polícias Civil e Militar, resta evidente a configuração do delito tipificado no Art. 211, do Código Penal, impondo-se a sua condenação. Por último, sustenta a acusação a existência de várias agravantes, com as quais a defesa não concorda, com exceção daquela referente ao uso de fogo. Toda a prova produzida nos autos não deixa dúvidas de que o acusado agiu por motivo torpe, uma vez que seu repugnante ato foi praticado por mera vingança, isto diante da ocorrência de uma mera discussão havida entre ele e a vítima. É de se ver que mesmo que a vítima tivesse chamado o acusado de mau caráter, como ele alega em seu interrogatório judicial, ainda assim estaria configurada tal agravante. Lado outro, em tendo o acusado telefonado para vítima, convidando-a para ir até sua residência (do réu) com o intuito de desculpar-se, configura-se, com clareza solar, a agravante da dissimulação, pois, não tivesse ele dissimulado como fez, talvez a vítima não tivesse caído na cilada por ele armada. No que tange ao emprego de fogo, tenho que, ao contrário do sustentado tanto pela acusação quanto pela defesa, tal não pode ser tido como agravante, no caso específico dos autos, uma vez que a agravante inserta no Art. 61, II, "d", do Código Penal, importa em dizer que o réu impôs à vítima aumento de sofrimento, revelando sua brutalidade, agindo sem dó nem piedade, o que não ocorre no caso em tela. É que, como já dito nos fundamentos alhures, o réu utilizou fogo para destruir o cadáver e não para impingir sofrimento à vítima, uma vez que, como consta do Laudo Pericial antes mencionado, quando o réu e seu comparsa atearam fogo no corpo da vítima assim o fizeram

quando foram "desovar" o cadáver na zona rural e, desta forma, o emprego de fogo caracterizou o delito do Art. 211, do Código Penal. Pensar o contrário, estar-se-ia diante de um bis in idem, isto é, além do emprego de fogo ser parte integrante do tipo objetivo do delito de destruição de cadáver, também seria utilizado para agravar a pena do réu, o que é inadmissível. Quanto ao fato da vítima ser maior de 60 (sessenta) anos, tal fato é inquestionável, eis que os documentos acostados às fls. 31/32 e 112, demonstram ser a mesma nascida em 06/10/1945. Quanto às agravantes insertas no Art. 62, I e II, do Código Penal, no sentido de que o acusado promoveu a cooperação de seu filho ... na prática do delito, e induziu-o na prática do crime, as mesmas são incontestes, como se vê pelas declarações do próprio réu e de seu filho, já mencionadas anteriormente. Ante o exposto e pelo que mais dos autos consta, JULGO PROCEDENTE a pretensão punitiva estatal elencada na denúncia de fls. 02/07 e, via de conseqüência, CONDENO o acusado JOSÉ LUIZ DE OLIVEIRA, qualificado nos autos, nas penas do Art.157, §3º, parte final, do Código Penal, com o acréscimo das circunstâncias agravantes elencadas no Art. 61, II, alíneas "a", "c" e "h" e Art. 62, I e III, ambos do Código Penal, e ainda, nas penas do Art. 211, do CP, tudo em concurso material. Na análise das circunstâncias judiciais do Art. 59, para a aplicação da pena ao denunciado, verifico que: culpabilidade que se constitui no juízo de reprovabilidade, lhe é desfavorável, eis que existem nos autos inúmeros elementos que demonstram e mereçam maior censura; conforme se vê pela certidão de fls. 42/53, bem como pelo declarado pelo próprio réu em seu interrogatório judicial, o mesmo já foi condenado e cumpriu pena do Estado de São Paulo, não sendo, pois, primário; no que concerne à conduta social, inexistem elementos suficientes para aquilatar tal conduta; quanto à personalidade do agente, mister seria a presença de um

laudo técnico para o seu aferimento, o que não se tem no caderno processual; os motivos, que demandariam a verificação de um perfil psíquico do réu e a causa do crime, porém, compulsando a prova dos autos, não vislumbro elementos que possam desabonar o acusado, quanto aos motivos do crime; as circunstâncias e consequências, que é de caráter geral, aí incluindo as de caráter objetivo e subjetivo, tenho que as circunstâncias (duração do tempo do delito, local do crime e atitude durante ou após o crime), pelo que consta dos autos, onde está demonstrado o frio e antecipado planejamento do crime, são desfavoráveis ao réu e, com referência às conseqüências (gravidade maior ou menor do dano causado), tenho que as mesmas desfavorecem o acusado; o comportamento da vítima, mesmo supondo que tenha chamado o réu de "mau caráter", tal teria o condão de influir para que o réu perpetrasse o bárbaro crime contra ela. Em assim sendo, observadas as diretrizes do Art. 68 do mesmo diploma legal, passo à dosimetria da pena do acusado para cada um dos delitos. Para o delito tipificado no Art. 157, §3º, parte final, do Código Penal, fixo sua pena-base privativa de liberdade em 23(vinte e três) anos de reclusão e multa de 30(trinta) dias-multa, valendo cada dia-multa o equivalente a 1/30 do salário mínimo vigente à época dos fatos. Considerando o reconhecimento das circunstâncias agravantes elencadas nos Arts. 61, II, alíneas "a", "c" e "h" e Art. 62, I e III, ambos do Código Penal, aumento sua pena em 2(dois) anos de reclusão e 10(dez) dias multa, tornando-a em concreto e definitiva, ante a inexistência de quaisquer outras circunstâncias ou causas a serem levadas em consideração, em 25 (vinte e cinco) anos de reclusão e 40 (quarenta) dias multa. Para o delito tipificado no Art. 211, do Código Penal, fixo sua pena-base privativa de liberdade em 2 (dois) anos de reclusão e 15 (quinze) dias-multa, valendo cada dia-multa o equivalente a 1/30 do salário mínimo vigente à época dos fatos, pena esta que

torno concreto e definitiva, diante da inexistência de quaisquer circunstâncias ou causas a serem levadas em consideração. Tendo em vista o reconhecimento da ocorrência do concurso material (Art. 69, CP) totalizo as penas do acusado em 27 (vinte e sete) anos de reclusão e 55 (cinqüenta e cinco) dias-multa. Em se tratando de crime considerado hediondo (Art. 1º, II, da Lei 8.072/90), com fulcro no Art. 33, § 2º, "a", do Código Penal, c/c Art. 2º, §1º, da citada Lei 8.072, iniciará o cumprimento da pena sob o regime FECHADO. Considerando que o réu se manteve preso durante toda a instrução processual, e ainda, frente à enorme repercussão que o crime praticado pelo réu teve no seio da comunidade local e, principalmente, pelo fato de tratar-se de pessoa de extrema periculosidade, tanto assim que foi imediatamente removido para uma penitenciária do Estado, é que recomendo-o na prisão em que se encontra, em caso de eventual apelação. Considerando que sua defesa está sendo patrocinada por defensor dativo, defiro-lhe os benefícios da gratuidade judiciária, pelo que isento-o do pagamento das custas processuais.

Considerando que o ERIVALDO PEDROSO, OAB-MG nº 103.143-MG, foi nomeado defensor dativo do réu, de conformidade com o disposto no Art. 272 da Constituição Estadual, c/c a Lei Estadual nº 13.166, de 20/01/99, a título de honorários advocatícios, com fincas na "Tabela de Honorários Advocatícios Mínimos - Ano 2012, Capítulo IV, item 5", remetida a este juízo pela subseção local da OAB/MG, arbitro, seus honorários em R$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais), que será suportado pelo Estado de Minas Gerais. Transitada esta em julgado: I- lance o nome do réu no rol do culpado; II- expeça-se a Guia de Recolhimento e remeta-a ao Juízo competente do local onde o réu se encontra preso preventivamente; III- comunique-

se ao Cartório Eleitoral onde o acusado é inscrito, dando ciência desta sentença condenatória; IV- comunique-se à Divisão de Estatística, Instituto de Criminologia da Secretaria de Segurança Pública do Estado; V-expeça-se a certidão em favor do Advogado-dativo. P.R.I. Paraguaçu, 29 de outubro de 2013. Américo Freitas de Jesus (ass), MM. Juiz de Direito.

Maria Paula



Figura 28: Maria Paula Salles Fatosme, um ano e meio, 1988, fotografia.
Acervo particular: Maria Paula Salles Fatosme



Figura 29: Maria Paula e sua mãe Gilda, 2024, fotografia.
Acervo particular: Maria Paula Salles Fatosme

Maria Paula Salles Fatosme nasceu em 1987, sendo a única filha de Pierre. Sua relação com seu pai sempre foi muito repleta de carinho e amor, e ambos possuíam – ou, talvez, ainda possuem – uma ligação muito forte.

Em 29 de junho do ano de 2003, inclinada a praticar a caridade e ajudar o próximo, Maria Paula foi para o Instituto Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, localizado em Campinas-SP com o intuito de conduzir-se em uma vida de consagração, em carisma Franciscano. O instituto desenvolve um trabalho com pessoas em situação de rua, dando-lhes abrigo e alimento, possibilitando assim o retorno à dignidade perdida que a vulnerabilidade das ruas impõe.

Este trabalho e o caminho de vida consagrada ocorreram por dez anos, vivendo entre os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, com o propósito de despojamento, dedicação e resiliência.

Durante esta década, Maria Paula permaneceu por três anos em regime de semiclausura, em vivência contemplativa, onde ela experienciou o noviciado e a consagração. Esta pausa do trabalho com os moradores de rua proporcionou a experiência do silêncio, do recolhimento, vivendo em meio a natureza, cultivando e produzindo seu próprio alimento.

Um mês antes do falecimento de Pierre, ela disse ao seu pai, que estava pensando em deixar o instituto e viver a vida como leiga, e que este processo de saída poderia acontecer em breve, já que havia dois anos que esta interrogação estava em seus pensamentos.

No final de 2012, com o falecimento de Pierre, Maria Paula veio a Paraguaçu acompanhar o funeral do pai e resolveu ficar para acompanhar os trâmites do processo. Esta circunstância foi o momento em que a dúvida sobre a permanência ou não na vida consagrada ficou mais em evidência, e com o distanciamento

da vivência interna do instituto, Maria Paula decidiu pedir um período de três meses para repensar sobre este desejo de volta. Ao final destes meses, ela solicitou o desligamento da instituição e a dispensa dos votos.

Nesta volta à cidade de origem, Maria Paula começou um caminho na descoberta de si mesma. Primeiramente, ainda em 2013, ela trabalhou com sua mãe, período em que pensava em estudar e ficou em dúvida sobre o que fazer. Pensou inicialmente em cursar arquitetura – profissão dominante em sua família francesa. Uma segunda possibilidade seria o curso de psicologia, que se remetia ao trabalho realizado com pessoas em situação de rua, que, devido a vida vulnerável que passavam nas ruas, desenvolviam psicoses significativas, lembrando que por sete anos vivenciou e trabalhou com esse público. Neste impasse, Maria Paula escolheu a psicologia e começou a faculdade em 2014.

Percorridos cinco anos desta travessia, graduou-se no início de 2019 em Alfenas.

Após este período, começou a trabalhar com saúde pública no SUS e em seu consultório. No mesmo ano deu início à pós-graduação em psicologia Junguiana, vertente na qual atua na clínica hoje em dia.

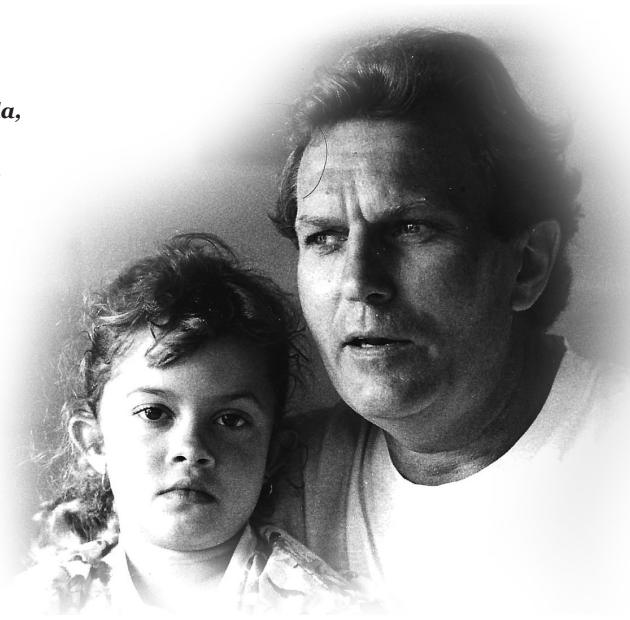


Figura 30: Pierre e Maria Paula, cerca de 1991, fotografia.
Acervo particular: Maria Paula Salles Fatosme

As vidas de Maria Paula e de Pierre foram muito entrelaçadas, acontecimentos parecidos em tempos diferentes ocorreram nas vidas de pai e filha.

A sensibilidade na arte, a experiência religiosa, o contato necessário com a natureza e a busca pelo autoconhecimento são características observadas tanto no pai quanto na filha. A particularidade nas conversas, nas vivências eram sempre presentes entre ambos. Não havia segredos, não havia enganos, e assim acontecia na vulnerabilidade da vida, a intimidade – uma relação pautada na troca e no acolhimento.

Mesmo Pierre partindo, ele permanece vivo na lembrança, na vida e nos caminhos percorridos após sua passagem. Em muitos momentos a vida dele conversa com a vida da filha.



Figura 31: Maria Paula Salles Fatosme e a Igrejinha de Nossa Senhora Aparecida em Paraguaçu-MG,Pierre Fatosme, 1993, grafite e lápis de cor, 40 x 46 cm.
Acervo particular: Maria Paula Salles Fatosme
Fotografia: Maria Aparecida Araújo – Foto Araújo - 2022

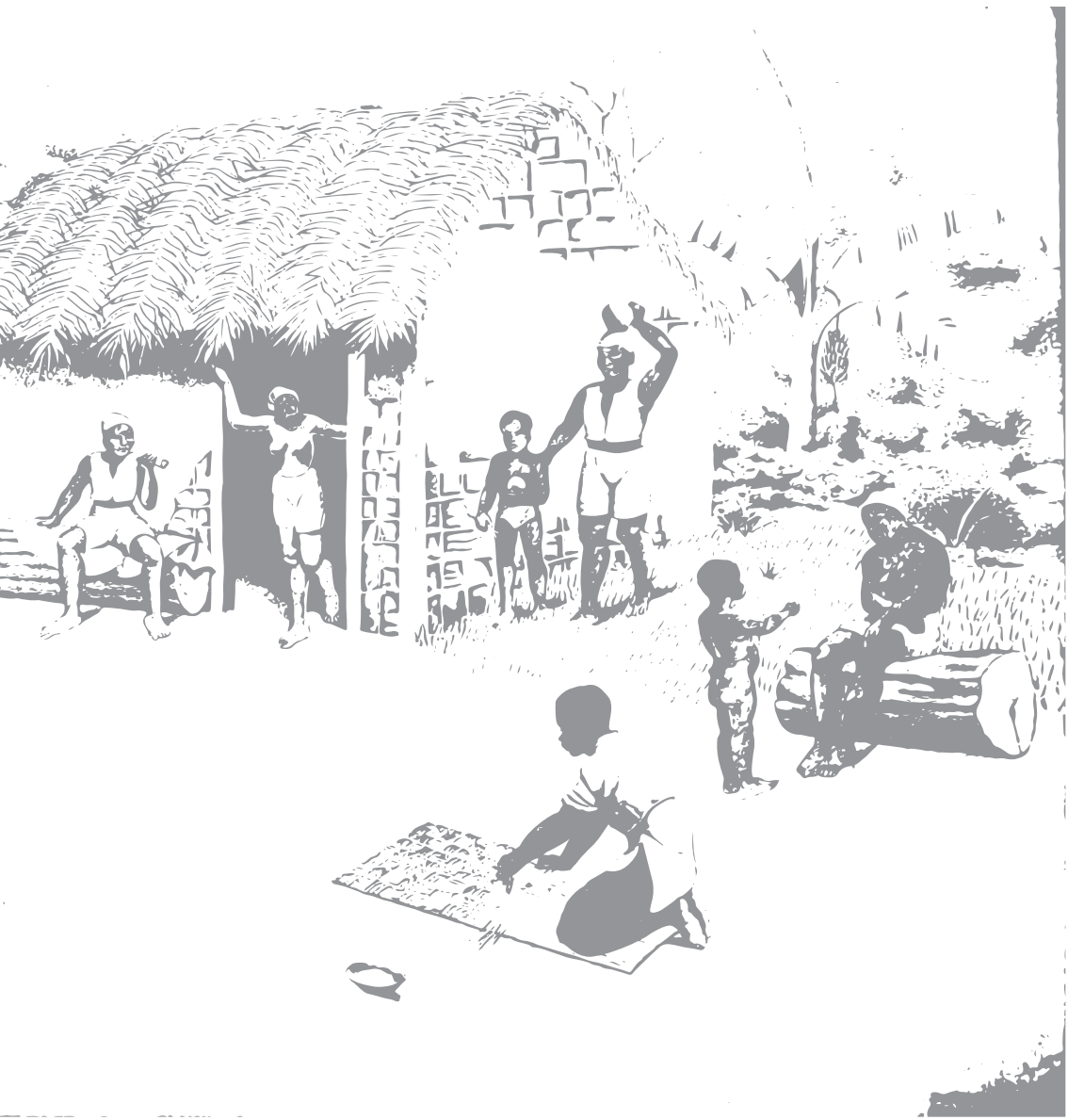
No ano de 2013, pouco tempo depois do hediondo assassinato do Pierre, as irmãs dele, Hélène e Claire, estiveram em Paraguaçu, ficando hospedadas no Matinada Palace Hotel, e tomando as refeições na casa da Gilda e Maria Paula.

Disseram elas que ficaram aterrorizadas quando receberam a notícia do assassinato brutal e inacreditável, acontecido com o irmão em uma cidade tão pequena.

Normalmente, os europeus não são extrovertidos como nós, sul-americanos. Os europeus são muito mais reservados que nós brasileiros. Assim, as irmãs do Pierre não comentaram aqui sobre seu assassinato.

Por outro lado, assim como o Pierre, gostaram muito da cidade de Paraguaçu, que consideraram muito bonita e agradável, com pessoas sempre simpáticas e sorridentes.

Acharam a Praça Oswaldo Costa maravilhosa, e lembraram que o Pierre sempre fazia comentários elogiosos sobre Paraguaçu, mas elas não imaginavam o quanto era bonita nossa praça, nossa igreja, e comentaram que o Hotel Matinada era de muita classe.



Sua Arte e Exposições

"Aqueles que não querem imitar nada, não produzem nada."
(Salvador Dalí)



A história de vida de Pierre deve ter sido muito emocionante, e sua carreira profissional é bastante conhecida pela diversidade plurifacetada de sua arte. Seus desenhos e pinturas refletiam seu brilhante e genial talento. Ao longo de sua trajetória artística, Pierre expôs suas obras inúmeras vezes, em variadas cidades, mas infelizmente não temos informações de quando e onde aconteceram. Neste capítulo, portanto, trataremos somente de apresentar e comentar algumas que foram exibidas em Paraguaçu e cidades da região.

A primeira mostra ocorrida em Paraguaçu, a qual conseguimos informação através de pesquisas no quinzenário local, ocorreu no ano de 1987, e foi noticiada da maneira abaixo apresentada:

Os alunos da Escola Fundamar, assessorados por seus professores Pierre, Conchita e as monitoras Alzira e Francisca, expuseram diversos trabalhos manuais, tais como cerâmica, fiação e tecelagem, artesanato, crochê, etc., resultados de suas atividades diárias.

A exposição teve lugar numa sala de aula da Fundamar, especialmente montada por Pierre Fatosme, onde os trabalhos ficaram à mostra de 9 a 18 de dezembro p.p. [43]

O artigo seguinte foi publicado pelo jornal A Voz da Cidade, porém, não foi possível a exata localização da edição que constaria a data do acontecimento, podendo a exposição ter ocorrido entre os anos 1989 e 1993.

Pierre expõe suas artes

O artista plástico francês Pierre Jacques Louis Fatosme, casado com a paraguaçuense Gilda Salles e radicado em Paraguaçu desde 1983, está expondo no Bar e Restaurante Sertão dos Mandibóias de sua propriedade, belos quadros em pastéis, aquarela e lápis de cor.

Formado pela Escola de Belas Artes de Paris, Pierre tem vários trabalhos espalhados pelo Brasil, tendo inclusive participado de várias exposições nas principais cidades do nosso país.

Com trabalhos reconhecidos nacionalmente, Pierre é fonte de várias reportagens das TVs regionais, levando o nome de Paraguaçu além-fronteiras, através da beleza de suas obras e o requinte de seu bar e restaurante, que é visitado por gente de toda a região.

Estes trabalhos do artista Pierre, ficarão em exposição permanente e aberta diariamente para visitação pública, no Bar e Restaurante Sertão dos Mandiboias.

Segundo o artista, estes quadros fazem parte de uma nova fase de sua carreira que, segundo ele, tem se inspirado na bela paisagem rural e urbana de nossa cidade e municípios vizinhos.

Pierre disse ainda que todas as obras estão à venda, podendo ser pagas em prestações e que "não existe nada mais 'chic' do que presentear com obras de arte".

Pierre também tem atendido encomendas específicas, como é o caso de pinturas, de fazendas, sítios, além de pintar retratos "ao vivo", preto e branco ou colorido, em apenas 1 hora.

Vale a pena conferir o trabalho deste artista, que tem divulgado com brilhantismo o nome de nossa cidade.

Os trabalhos poderão ser vistos no "hall" do restaurante que

se localiza na Praça Oswaldo Costa, 222, e para quaisquer outros esclarecimentos poderão ser obtidos pelo fone: 267-1783. [44]

Já no ano de 1994, nas dependências do Bar e Restaurante Sertão dos Mandiboias, de sua propriedade, Pierre expôs suas obras que foram notícia no jornal local, conforme texto abaixo:

Nos dias 11, 12 e 13 de março de 1994 foi realizada a Mostra de Desenho e Aquarela, no Bar/Ateliê Sertão dos Mandiboias de propriedade de Pierre Fatosme e Gilda Sales.

Foram expostas vinte sete obras voltadas para o século XVIII, muito apreciadas pelos admiradores de artes e tiveram destaque na imprensa local e regional, sendo inclusive tema de uma reportagem da EPTV Sul de Minas. [45]

Em 1995, outra exposição do artista e seus alunos, aconteceu na cidade de Varginha e foi noticiada na página da coluna Sociais do jornal A Voz da Cidade, na data de 1º de abril. A matéria foi divulgada da seguinte maneira:

O artista francês Pierre Fatosme – radicado em nossa cidade, onde é casado com a conterrânea Gilda Reis de Sales, e pai da bonita garota Maria Paula – foi notícia em toda a imprensa regional escrita, falada e televisada, por promover exposição, juntamente com seus alunos, de desenho em lápis grafite, aquarela, lápis de cor e pastel, no Foyer Aurélia Rubião do Theatro Capitólio, em Varginha. [46]

Em 21 de outubro de 1996, Pierre participou da Primeira Mostra Coletiva de Artistas Plásticos do Sul de Minas Gerais, na

Galeria de Arte do Espaço Político-Cultural da Assembleia Legislativa de Minas, em Belo Horizonte. A Mostra reuniu vários artistas de cidades mineiras e Pierre representou Paraguaçu. *[47]*

Em homenagem a Pierre aconteceram duas exposições

póstumas de suas obras que foram apresentadas nas cidades de Machado e Paraguaçu no ano de 2013.

A realização dos eventos foi resultado de uma parceria da Prefeitura do Munícipio de Paraguaçu, por meio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Câmara Municipal de Paraguaçu, Casa de Cultura de Machado e Pró-reitora de Extensão da Universidade Federal de Alfenas (Unifal), sob a curadoria de Gilmara Aparecida de Carvalho, Maria de Fátima Sant'Anna e Sandro Adauto Palhão, contando ainda com apoio da filha de Pierre, Maria Paula Salles Fatosme.

O objetivo principal das exposições era uma homenagem ao artista plástico Pierre, além de propiciar às comunidades machadense e paraguaçuense a oportunidade de rever e/ou conhecer suas belas e interessantes obras de arte.

A primeira exposição aconteceu na Casa da Cultura de Machado, entre os dias 10 e 31 de outubro de 2013. A abertura do evento contou com apresentações musicais diversas. *[48]*

A segunda exposição, em Paraguaçu, foi realizada na última residência do artista, localizada na Vila Sinara. A abertura aconteceu no dia 29 de novembro, às 20 horas, na casa de Pierre, com apresentação musical do Coral da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, coordenado por Francisca Santos Costa. Ficou aberta ao público nos dias 30 de novembro e 1º, 6 e 8 de dezembro de 2013, e atraiu um bom número de visitantes.

Sua última residência era repleta de pinturas de grande impacto visual abordando temas religiosos expostas nas paredes da casa do Artista.

A exposição foi composta por trinta trabalhos do Pierre, sendo desenhos de vários estilos que contemplam paisagens bucólicas clássicas, umas inspiradas nas obras de Johann Moritz Rugendas

(pintor alemão do século XIX) e retratos, e outras produções com tom de *pop art*. Outra peça relevante que compôs a exposição foi a edição de maio de 1979 da revista Cláudia Moda, na qual Pierre estampava a capa, com um semblante sério e cabelos dourados, enquanto ele atuava como modelo na juventude.



Figura 32: Banner da exposição em homenagem a Pierre Fatosme, 2013 e 2014 – 1,5 x 2,5 m.
Acervo particular: Sandro Adauto Palhão



Exposição Permanente





Figura 33: Casa da Cultura de Machado "Desembargador Ricardo Moreira Rebello".
Fotografia: Circuito Turístico Caminhos Gerais, 2023.
Acervo: Arquivo Público de Machado-Minas Gerais

Casa da Cultura de Machado

"Desembargador Ricardo Moreira Rebello"

Construída em 1920, a edificação abrigou o Hospital da Santa Casa de Misericórdia e Caridade, a Escola de Comércio e a Escola Estadual Iracema Rodrigues, e em 1986 passou a ser sede da Casa de Cultura, do Museu Municipal e do Arquivo Público, sendo que neste ano foi tombada como Patrimônio Histórico do município de Machado, por meio do Decreto Municipal nº 757, de 25 de setembro, pelas suas características arquitetônicos e seus valores históricos. Em 2017 passou a ser também a sede da Secretaria Municipal de Cultura.

Por meio da Lei Municipal nº 2.961 de 2019, de iniciativa do vereador Clayton Magalhães Nery, e aprovada por unanimidade

e sancionada pelo prefeito Julbert Ferre de Morais, a Casa da Cultura passou a se chamar Casa da Cultura de Machado "Desembargador Ricardo Moreira Rebello", uma homenagem ao saudoso e grande historiador machadense, falecido em 2018 e autor da obra "O município de Machado até a virada do milênio"

Atualmente, os desenhos: A Rede, Casa de Negros, Escravos Trabalhando (café), Escravos Trabalhando (fiação) e Índios Caçando, feitos por Pierre Jacques Louis Fatosme em 1986 e doados para a Casa da Cultura de Machado estão em exposição permanente.

Fica aqui um agradecimento à equipe responsável pela Casa de Cultura de Machado: João Alexandre Moura, Luiz Fernando Campos Júnior, Rejane de Lima Paulino Grillo e Thiago Abrahão Divino Rebelo, que tão bem receberam os colaboradores desta publicação, Gilmara Aparecida de Carvalho e Sandro Adauto Palhão.

Na sequência o leitor e a leitora poderão visualizar as obras e textos que acompanham as imagens expostas no local.

A Rede

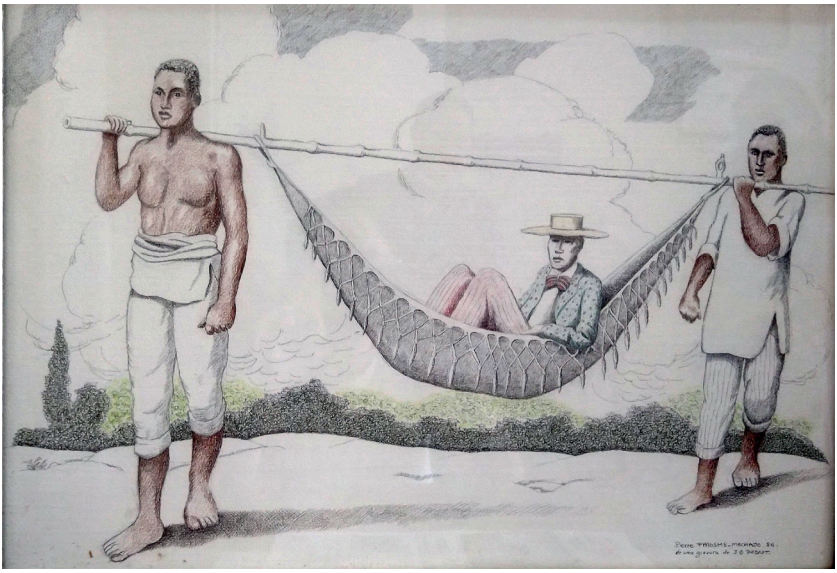


Figura 34: A Rede, Pierre Fatosme, 1986, desenho em lápis, 51 x 36 cm. Fotografia: Gilmara Aparecida de Carvalho

Como se viajava no Brasil antigamente? A maneira mais generalizada era a viagem a cavalo, principalmente as viagens longas, através dos sertões. Mas desde os primeiros anos da vida brasileira, um costume que se conservou imutável foi o das viagens em redes. Esse modo de ir, mais ou menos comodamente, de um lado para outro, foi antecessor de outros meios de transporte mais eficientes, porém durante quase dois séculos foi usado largamente no Brasil dentro das possibilidades da época, a rede prestava serviços consideráveis tanto dentro de casa, servindo de cadeira e cama, como ao ar livre servindo de meio de transporte. "Inspirado em uma gravura de Jean-Baptiste Debret" (essas informações acompanham o desenho)

Casa de Negros

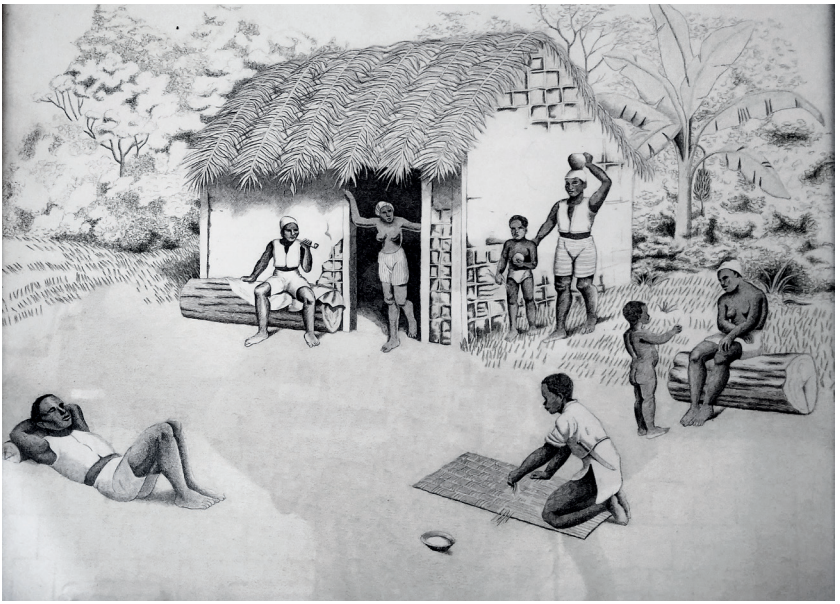


Figura 35: Casa de Negros, Pierre Fatosme, 1986, desenho em lápis, 63 x 48 cm.
Fotografia: Thiago Abrahão Divino Rebelo

Em geral, o escravo também trabalhava para si. Os senhores permitiam que eles se tornassem marceneiros, seleiros, alfaiates, carregadores... Com isso ganhavam o suficiente para pagarem a pequena importância que lhes era exigida mensalmente pelos amos e fazerem economias para em oito, nove ou dez anos comprarem sua liberdade. Adquirida essa por meio de alforria, deixavam a casa dos senhores e iam morar em casebres que eles tratavam de construir. Choças de taipa de mão ou pau-a-pique, cobertas de sapé ou folhas de parreiras, onde não havia beleza e nem conforto, mas não faltava o supremo bem do homem. A liberdade!!! "Inspirado em uma gravura de Rugendas." (essas informações acompanham o desenho)

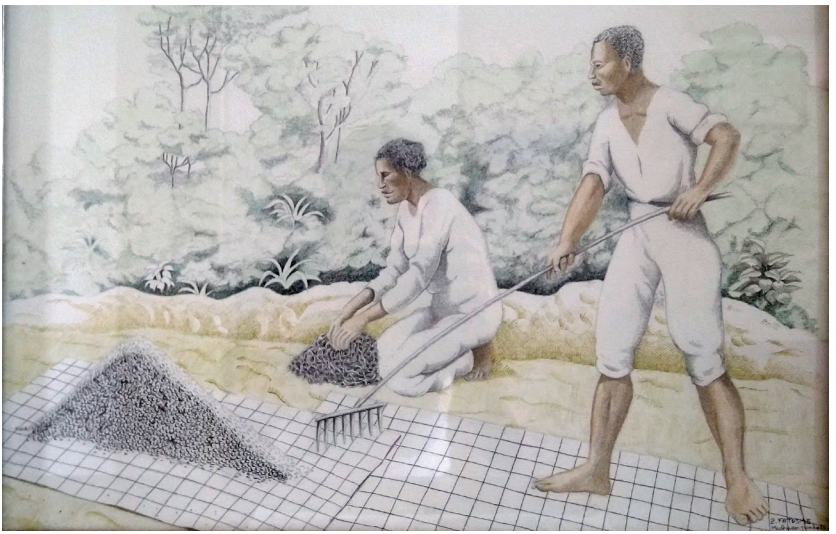


Figura 36: Escravos Trabalhando (café), Pierre Fatosme, 1986,
desenho em lápis, 50 x 36 cm.
Fotografia: Gilmara Aparecida de Carvalho



Figura 37: Escravos Trabalhando (fiação), Pierre Fatosme, 1986,
desenho em lápis, 69 x 51 cm.
Fotografia: Gilmara Aparecida de Carvalho

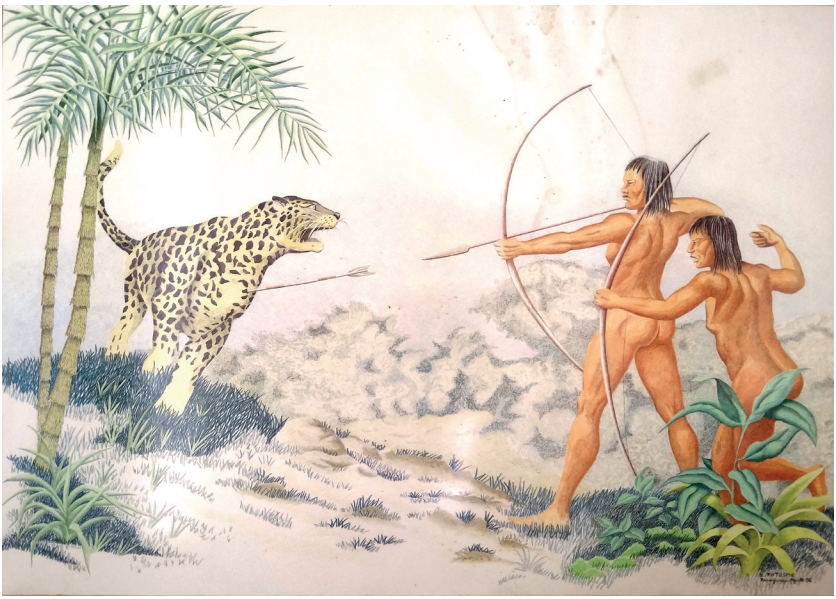


Figura 38: Índios Caçando, Pierre Fatosme, 1986, desenho em lápis de cor, 70 x 50 cm.
Fotografia: Gilmara Aparecida de Carvalho



Depoimentos



Figura 39: Flores de maio, Pierre Fatosme, 1999, desenho em grafite e lápis de cor, 55 x 70 cm.

Acervo Particular: Maria Paula Salles Fatosme

Fotografia: Gilmara Aparecida de Carvalho

Adelaide Pereira Bueno

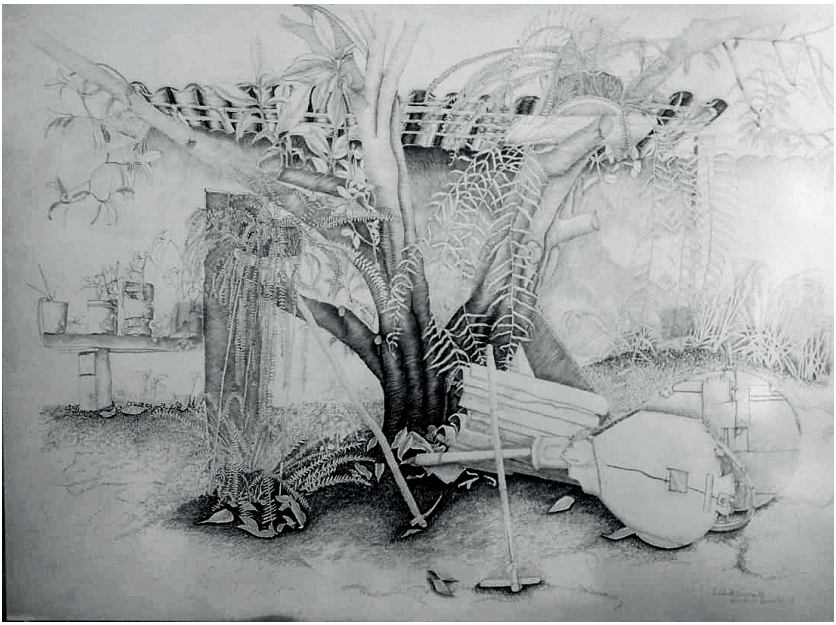


Figura 40: Ameixeira, Adelaide Bueno, 1991, desenho em grafite, 50 x 66 cm.
Acervo Particular: Adelaide Pereira Bueno
Fotografia: Gilmara Aparecida de Carvalho

Adelaide é natural de Paraguaçu-Minas Gerais e nasceu em 03 de agosto de 1947.

Artista plástica e professora de pintura em tela, desde a infância tinha interesse em observar a natureza e apreciar as variadas tonalidades de cores que a compõem.

No ano de 1960, ao ingressar no Instituto São José – dirigido pelas Irmãs da Providência, ela teve oportunidade de ter aulas de desenho com a freira responsável pela instrução artística da escola e esta a incentivou a seguir seu dom e aconselhou-a a fazer cursos de desenhos e aprofundar seus estudos na área de artes.

Residindo na zona rural por vários anos, dedicou-se aos trabalhos manuais, produzindo bordados em ponto cruz, crivo e ponto cheio, entre outros.

Em 1982, começou a ter aulas de pintura em telas com outra respeitada artista plástica local, Dona Magali Nogueira Alvarenga, que sempre elogiava muito suas obras e aconselhou Adelaide a passar suas técnicas para outras pessoas, incentivando-a a dar aulas.

Assim, no ano de 1984, ela passou a dar aulas de pintura para várias alunas e alunos no porão de sua residência que era situada na Rua Marcos de Souza Dias, e até os dias atuais ensina pintura em seu ateliê que está localizado na casa de sua irmã na Avenida Dom Bosco.

Ao tomar conhecimento de que o artista Pierre Fatosme iria oferecer um curso com aulas de técnicas em grafite, no início dos anos 1990, ela imediatamente tornou-se aluna dele.

Segundo Adelaide, "os dois sempre entravam em atrito por causa de divergências em seus trabalhos artísticos e ela sempre o enfrentava". E ela emenda – "Pierre era muito talentoso e bonito, mas infelizmente muito genioso". Certa vez ele perguntou-lhe se ela tivesse oportunidade de estudar na França, se ela iria, e ela de imediato disse que não.

As aulas não aconteciam somente no bar/ateliê de Pierre, em algumas ocasiões ele e suas alunas iam até as casas delas para que retratassem cópias de ambientes naturais. Adelaide citou alguns lugares que ela destacou, como a casa da também artista plástica Sé Apolônia e a conhecida casa do Polonês que ainda existe em um local bem alto, de onde se descortina o centro de Paraguaçu e da qual belas paisagens da cidade podem ser observadas.

O desenho que ilustra o início deste depoimento foi feito

no quintal da casa de sua irmã Leônia, e retrata uma árvore de ameixeira que ainda existe lá. Ela relembra que enquanto as alunas desenhavam ele se dedicava a mexer e tocar nas plantas da área da piscina, o que o deixava bastante tranquilo. “Pierre era muito perfeccionista e exigente com suas alunas”, ressalta a artista.

Adelaide sempre admirou o trabalho de Pierre e aprecia e utiliza muito as técnicas de seu aprendizado com ele.

Na ocasião de seu trágico falecimento, ela sentiu demais a maneira brutal em que ele foi morto, ao deixar a vida de um modo tão terrível.

Na sua opinião “a Arte de Pierre é atemporal e registra paisagens e lugares que muitas vezes podem simplesmente desaparecer”.

Ao longo dos anos Adelaide participou de várias exposições coletivas em Paraguaçu, juntamente com outras alunas da Dona Magali; ela foi também uma das artistas plásticas que exibiram sua arte na mostra “Expressão Feminina”, apresentada no ano de 2010 na Casa da Cultura do município de Machado e no Museu da Memória e Patrimônio da UNIFAL, na cidade de Alfenas. Outra lembrança marcante para ela aconteceu em um *vernissage* no foyer do Theatro Municipal Capitólio em Varginha, juntamente com outras discípulas de Pierre – nesta ocasião ele elogiou muito seu grafite retratando o pé de ameixas.

Entrevista concedida aos colaboradores Gilmara Aparecida de Carvalho e Sandro Adauto Palhão, em 11 de maio de 2023.

Francisca Santos Costa

Francisca nasceu em 26 de fevereiro de 1952 na cidade de Paraguaçu-Minas Gerais. Ela é viúva de Manoel Costa e mãe de duas filhas: Lúcia e Maria Aparecida.

Sempre viveu aqui, onde por algum tempo foi moradora da Rua Ferreira Prado, mas atualmente reside na Rua Aureliano Prado.

É costureira aposentada e dedica-se a trabalhos voluntários na Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo.

Desde os nove anos rezava o terço e participava de grupos de orações, sendo católica fervorosa. No início dos anos 1990, passou a integrar o Coral da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, quando cantava em todas as missas nas igrejas São Sebastião e São Marcos.

No começo dos anos 2000, Francisca conheceu o Pierre que se juntou ao grupo de coral cantando nas missas das 8 horas e das 17h30, na Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo.

“Ele tinha uma voz muito boa”, comenta Francisca. Padre Pedro Meloni sempre elogiou muito as vozes dos dois que fortaleceram o coral da missa das 17h30.

Ambos cantavam também na missa da Vila São Vicente e Pierre fazia questão de dar carona para Francisca.

Pierre sempre foi muito rigoroso e, às vezes, chamava a atenção dela de maneira intransigente quando acontecia de ela esquecer o número dos cantos, ele era por demais meticuloso. “Mas sempre pedia desculpas logo em seguida e assumia sua intolerância”, completa Francisca.

Ela ressaltou “que gostava muito de cantar com o Pierre, um sempre dava força para o outro”.

No contexto do falecimento do Pierre, na data do ocorrido – 23 de dezembro de 2012, um domingo, esta estranhou que ao telefonar para ele por diversas vezes para combinarem de cantar na missa das 17h30, haja visto eles terem cantado na missa das 8h. Como ele não atendia, ela então resolveu avisar a Gilda para ver o que estava acontecendo com ele. Logo em seguida foi descoberto o seu assassinato: "ela chorou muito e sentiu grande dor com a perda do amigo e companheiro de canto".

Francisca comenta: "Era uma pessoa muito boa e respeitosa, apesar de nervoso e briguento, chegando até mesmo a discutir com os padres".

Na exposição em seu tributo, realizada em sua casa da Vila Sinara no ano de 2013, Francisca e os integrantes do Coral cantaram em homenagem a Pierre

Ela também teve a iniciativa de pedir para instalar uma cruz e plantou flores no local onde seu corpo foi encontrado, lugar conhecido como "Muquirana" – situado no bairro rural da Mata.

Francisca conta que "arrepia ao lembrar as circunstâncias da sua passagem e recorda que Pierre gostava muito da música "Quão Grande És Tu", que ele cantava sempre com muito entusiasmo".

Ele sempre a convidava para visitar suas residências, tanto a da Praça Oswaldo Costa, quanto a localizada na Vila Sinara, para mostrar seus trabalhos artísticos, os quais ela era grande apreciadora.

No presente, Francisca canta no Coral com Savinho e Selma Sólia Nasser, sendo que eles ensaiam todas as quintas-feiras, às 18h30 na casa da d. Selma.

Ela também cuida da limpeza da Igreja Matriz e da Igrejinha de Nossa Senhora Aparecida e há sete anos faz as recomendações

das almas nas exéquias, atribuição que passou a ser responsável após fazer um curso com o Sr. João Sávio.

Ela declara que sente que esta incumbência "traz um grande conforto aos familiares e amigos das pessoas falecidas".

Vale destacar que Francisca faz todos estes trabalhos como voluntária e diz que "sente imensa satisfação em fazê-los".

Senhor meu Deus, quando eu, maravilhado
Fico a pensar nas obras de Tuas mãos
No céu azul de estrelas pontilhado
O Teu poder, mostrando a criação

Então minh'alma canta a Ti, Senhor
Quão grande és Tu, quão grande és Tu
Então minh'alma canta a Ti, Senhor
Quão grande és Tu,
Quão grande és Tu

Composição: Carl Gustaf Boberg
Tradução: Manoel da Silveira Porto Filho

Entrevista concedida aos colaboradores Gilmara Aparecida de Carvalho e Sandro Adauto Palhão, em 30 de março de 2023.

Irmãs Brito

Lourdes de Brito Souza, nasceu em Paraguaçu na data de 12 de dezembro de 1958. Mais conhecida pelo codinome Lurdinha, esta conta que o apelido foi dado quando estava trabalhando na Fundamar, onde havia outra funcionária com o mesmo nome.

De seu primeiro casamento com Pedro de Sousa Neto – falecido em 1977, nasceu sua filha Marina, casada com Ângelo Garcia Grillo – residentes em Porto Alegre - Rio Grande do Sul e pais do garoto Pedro.

Do segundo casamento com Sílvio Pereira Tavares, falecido no ano de 2005, nasceu o filho André Brito Tavares, casado com Jussara e pais da garota Helena.

Atualmente Lurdinha é casada com o professor Rafael Mendes Dias.

Sua formação profissional inicia-se em 1984 quando graduou-se em Magistério aqui mesmo em Paraguaçu, na Fedeop.

Logo em seguida iniciou seu trabalho na Fundamar no ano de 1985 trabalhando na creche mantida pela Fundação 18 de Março (trabalhou dois anos pela Fundação).

Passou a lecionar pelo Estado (Educação Infantil) trabalhando por 10 anos como professora do Ensino Fundamental até sua aposentadoria em 2018.

Incentivada pela diretoria da Fundamar, ela graduou-se em História e Geografia pela Fundação Educacional de Machado no ano de 1990. Neste ponto Lurdinha destaca que a escola investia muito na formação e reciclagem de seus professores. Complementando seus estudos ela tornou-se pós-graduada em Didática pela Faculdade São Luiz de Jaboticabal-SP em 1992.

Ela nos contou que seu primeiro contato com o Pierre aconteceu na época em que começou a trabalhar na Fundamar, onde ele trabalhava com o paisagismo do ambiente escolar, em 1984.

Com muita alegria e saudade ela relatou sobre o "Toco do Pierre" – um imenso tronco caído de uma árvore, que o Artista com sua enorme capacidade criativa, transformou em verdadeiro monumento, rodeando este com canteiros de *bougainvilles* e mini-*flamboyants*, tornando ali o lugar preferido pelos alunos durante os intervalos do recreio e em outros momentos importantes da escola. Infelizmente, segundo ela, quando da execução de obras de saneamento básico na área em que estava localizado, o tronco foi retirado, deixando boas recordações em todos que o frequentaram.



Figura 41: Armário do Centro Médico da Escola Fundamar, Pierre Fatosme, cerca de 1987, pinturas em guache e desenhos em lápis de cor, 94 cm x 2 m.

Acervo Particular: Lourdes de Brito Souza.

Fotografia: Gilmara Aparecida de Carvalho

Lurdinha relata que Pierre e Gilda moraram em uma casa simples, mas decorada com muito bom gosto e mantida sempre arrumada, e que ele sempre a convidava para tomar café com eles.

Essa proximidade fez com que a amizade entre eles crescesse muito no ambiente de trabalho.

Um fato interessante citado por ela foi a lembrança de um armário que ficava no Centro Médico da escola que teve suas portas pintadas por Pierre com cores claras e ocre, decoradas com pinturas de ervas medicinais. O móvel que data dos anos 1980 pertencia ao patrimônio da Fundação 18 de Março, mas foi adquirido por Lurdinha no início de 2024.



Figura 42: Pinturas internas nas portas do armário.
Fotografia: Gilmara Aparecida de Carvalho

Pierre também pintou caixotes com tampas inclinadas utilizados para guardar mantimentos que depois foram usados para guardar materiais esportivos ornamentando o famoso quiosque da escola.

O ótimo relacionamento com Pierre levava-os a conversar bastante no horário de almoço que acontecia sob o quiosque, que se situava em área central da escola, servindo como refeitório, mas que também servia para apresentações teatrais, local de reuniões, formaturas e missas, entre outras atividades.

Uma curiosidade levantada por Lurdinha foi quanto ao acentuado sotaque francês de Pierre que sempre pedia a ela para levar “um” rosca da padaria para o café.

Pierre era muito discreto e pouco comentava sobre sua vida na França, mas infelizmente de acordo com ela “eles se distanciaram quando ele mudou para a cidade.

Outra memória forte dela desta época da escola foi falar da biblioteca riquíssima que contava com cerca de 5.000 títulos e dispunha de um acervo de almanaques “Tico-tico” publicados desde o início do século passado até meados dos anos 1970.

Lurdinha trabalhou na escola por 32 anos e ela ressalta que foi um período de muito aprendizado e muito gratificante, principalmente pelos laços criados com a equipe e especialmente com Pierre, dizendo que “este foi um período muito feliz dele no ensino na Fundamar”. Os alunos gostavam muito das aulas de cerâmica e do Pierre que trabalhava variadas atividades com eles, tocando e os ensinando a tocar berimbau e pandeiro, chegando até mesmo a jogar capoeira com eles.

Mais um evento passado entre eles foi de que ela queria estudar francês com ele, mas ele sempre reticente, não quis ensiná-la...

Ela ainda nos relatou que não era frequentadora do bar dele, mas que conheceu o local durante a reforma que ele efetuou na casa da Praça Oswaldo Costa. Na ocasião de funcionamento do estabelecimento ela era muito caseira e estava envolvida na criação dos filhos.

Outro acontecimento por ela narrado foi de que “ela foi visitar as obras da casa que ele construiu na Vila Sinara

para conhecer e tomar um café com ele, naquela que seria sua última residência". Ela ainda disse que uma vez Pierre ofereceu sua a casa da Vila Sinara para ela, pois esta estava à venda, mas ela não tinha condições de comprar.

Lurdinha concluiu seu relato expressando sua enorme admiração por Pierre tanto como o ser humano que ele era, quanto seu apreço pelo Artista e profissional – ela dava muita atenção à ele – coisa que ele apreciava e segundo ela "ele não se valorizava".

E lamentou que apesar de seu temperamento explosivo ele não merecia morrer de maneira tão violenta.

A irmã de Lurdinha, Maria das Dores Araújo de Brito – conhecida por Dorinha, nasceu em 5 de fevereiro de 1965 em Paraguaçu-MG. Ambas são filhas de Arinda e Vicente Brito.

Dorinha nos relatou que iniciou seu trabalho na Fazenda-Escola Fundamar no decorrer do ano de 1986, atuando como auxiliar na creche (ensino maternal), juntamente com sua irmã.

Ela estava terminando o 9º ano na Escola Estadual Padre Piccinini, e conseguiu este trabalho, no qual permaneceu por dois anos, contratada pela Socigra, que por sua vez mantinha a escola e a fazenda.

Neste primeiro período em que trabalhou por lá entre os anos de 1986 e 1987, foi que ela conheceu o Pierre.

Em 1990 ela voltou a trabalhar na escola, agora como funcionária do Estado, passando a ocupar-se na oficina de cerâmica, substituindo uma professora que havia se afastado.

Em seu relato, Dorinha disse que "sempre procurava estar próxima ao Pierre para admirar suas habilidades e obras

artísticas – apontando que apreciava muito seus trabalhos na arte do pontilhismo, procurando sempre aprender e apreender tais técnicas com ele" –, acrescentando ainda que ele era muito paciente com ela.

Pierre frequentemente falava para ela que a "Arte é a identidade de cada artista", ensinando-a que mãos frias são as melhores para trabalhar a argila.

Tendo o Artista como fonte de inspiração para suas criações na cerâmica, Dorinha absorveu muito das técnicas dele que se utilizava de sabugos, pedaços de paus, pedras e outros materiais naturais na execução do que ele chamara de "cerâmica bruta".

Entusiasmada como ceramista ela fez diversos cursos no Salão do Encontro localizado na cidade de Betim-MG, entidade mantida pelo FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador que oferece formação em habilidades como o uso do torno, como proceder as queimas de cerâmica, entre outros que são ministrados por profissionais renomados na área.

Ela também possui graduação em Pedagogia e Geografia pela Fundação de Ensino de Machado-MG, o que foi muito útil nos 26 anos de atividades exercidas na Escola Fundamar.

Sentindo-se cada vez mais próxima de Pierre, ela conta que "ele a ajudou a finalizar um quadro de xilogravura feito com giz de cera, quando ele a orientou e ensinou a técnica artística. Ele ensinava a parte teórica e prática em desenhos e pinturas em guache na oficina de Artes e Ofícios da escola, onde também aprendeu com ele a técnica de xilogravura na cerâmica".

Segundo Dorinha, "Pierre gostava muito de assistir novelas e após assistir o capítulo do dia, este vinha até a casa

dela para as orientações na execução do quadro".

Eles tinham uma sólida amizade e uma parceria muito forte.

Ela se recorda que na época da construção/reforma para a instalação de sua residência/bar ele discutia muito com os pedreiros para executar em alguns cômodos a técnica de cimento queimado, pois ele valorizava muito a matéria em seu estado bruto.

Dorinha foi a primeira garçonete a trabalhar no bar, fazia "bicos" aos finais de semana, pois o local tinha um grande movimento atraindo visitantes/clientes de toda a região. Ela enfatiza o "capricho do Pierre na montagem dos pratos que eram diferenciados, utilizando a culinária francesa em seus pratos onde sua grande preocupação com o uso de ervas no tempero, resultavam um sabor realmente muito especial".

Trabalhando inicialmente por amizade, sem remuneração, logo depois passou a ser remunerada, destacando que ficou na função por poucos meses, pois começou a fazer faculdade.

Mesmo no trabalho no restaurante ela apreciava muito as técnicas dele, muito perfeccionista em tudo. "A cultura dele era muito diferente – achava o comportamento dos clientes muito estranho", relembra Dorinha, dizendo ainda que "no bar, assim como a decoração e o menu, a música era requintada tocando muita MPB e com apresentações de música ao vivo".

Ela manteve contatos com ele até a mudança dele para a casa da Vila Sinara. Boas e belas recordações de momentos com ele foram relembradas.

Finalizando seu depoimento ela nos conta que "ficou

extremamente triste com seu falecimento, pois sempre tiveram um ótimo relacionamento, lembrando que o encontrou um dia antes de seu trágico e súbito passamento, quando ele a aconselhou a seguir uma vida regrada, com Deus no coração".

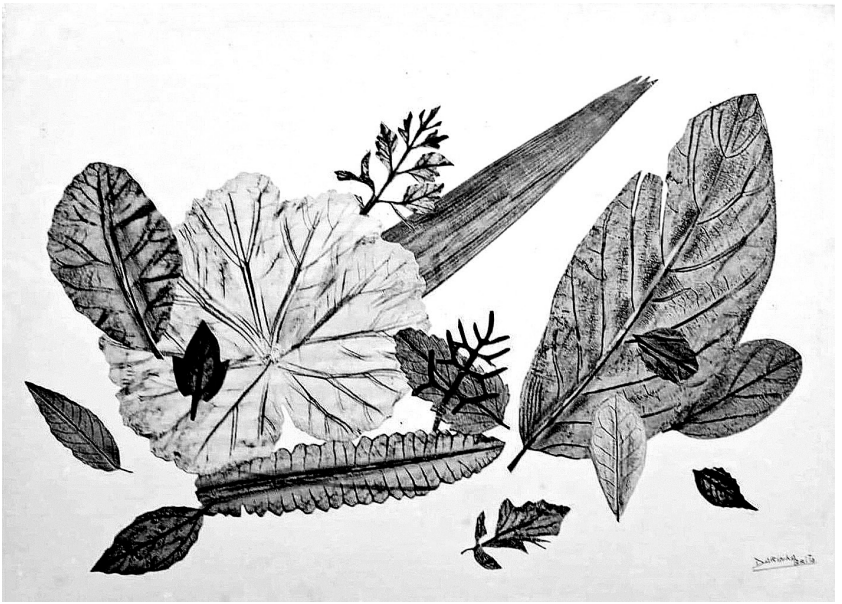


Figura 43: Folhas, Dorinha Brito (orientada por Pierre Fatosme), cerca de 1987, xilogravura em giz de cera, 53 x 42 cm.

Acervo particular: Dorinha Brito

Fotografia: Gilmara Aparecida de Carvalho

Entrevista concedida aos colaboradores Gilmara Aparecida de Carvalho e Sandro Adauto Palhão, em 17 de julho de 2023.

José Rosa Reis

Em 1990, a Fábrica de Tecidos (Paraguaçu Têxtil) estava sendo vendida para um grupo fabril de São Paulo e esse pessoal pretendendo visitar a empresa, ligou para o diretor industrial da fábrica, José Rosa Reis, perguntando se havia um bom restaurante na cidade.

O José Rosa disse que sim, tinha até um que era francês, o pessoal ficou muito agradado e pediu para ele encomendar um almoço que deveria ser um tutu de feijão com costela de leitoa, e que eles iam pegar um jatinho em São Paulo e chegariam para almoçar às 14 horas.

O tempo estava muito ruim e eles acabaram chegando atrasados, às 15 horas, e foram para o restaurante, liderados pelo José Rosa, que já esperava uma bronca do Pierre pelo atraso.

Na comitiva havia uma senhora muito instruída que falava francês... Como o Pierre era francês e ela falava a língua, passou a falar em francês com o Pierre.

E disse para ele: "imagine um restaurante francês em uma cidade tão pequena...".

Mas com aquela falta de paciência, o Pierre respondeu: "mas a senhora vem a um restaurante francês e pede tutu com costela de porco, não faz o menor sentido!"

A senhora retrucou: "não vi seu cardápio."

O Pierre esnobou: "qual seu prato francês preferido? É só dizer que prepararemos!"

Partindo daquele ponto todos ficaram satisfeitos com o almoço, a senhora exibindo sua fineza por saber falar francês, o Pierre esnobando um prato típico da França e todos satisfeitos com o almoço!

Janeiro/2021

Maria José de Jesus



Figura 44: Maria José de Jesus - paraguaçuense que inspirou Pierre na pintura da face de Nossa Senhora Aparecida, afresco da parede externa de seu ateliê, nos fundos da casa na Vila Sinara em Paraguaçu-MG.

Fotografia: Roberto Brasileiro Prado - 29/11/2013

Maria José de Jesus – conhecida na cidade como Fia ou Zezé – nasceu em Elói Mendes em 20 de outubro de 1956.

Por algum tempo ela trabalhou exercendo a função de serviços gerais na Escola Estadual da Fazenda Santa Cruz, que se situava no bairro rural Cobertores, município de Elói Mendes.

Quando seu pai Dimas Teodoro Rosa faleceu em Elói Mendes ela mudou para Paraguaçu, e desde então mora na Rua Professora Maria do Carmo, há aproximadamente 39 anos, sempre na mesma casa onde também residem sua mãe Lázara de Jesus Aires, o irmão Antônio e uma sobrinha Naymi.

Em Paraguaçu ela conseguiu trabalho na Escola Estadual Professor Alfredo Galdino, onde aposentou-se como cozinheira.

Zezé conta que "conheceu o Pierre no Grupo de Oração da Igreja São Sebastião, que fica próxima à sua casa. Ambos participavam na Novena de Nossa Senhora Aparecida que era organizada pelo Sr. Hélio no bairro Vila Sinara – nesta tradicional novena local a imagem da santa fica exposta nas casas dos participantes onde permanece por uma semana

Ela ainda complementa "que Pierre era um frequentador assíduo do grupo".

Segundo Zezé, "certa vez, Pierre conversou com ela na Praça Oswaldo Costa e ofereceu carona para voltar para casa, deixando o número do seu celular. No trajeto eles combinaram que quando ela e sua mãe precisassem de carona para irem à missa era para ligar para ele que ele as levaria até a Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo".

Um fato marcante que ela relatou foi que como ela fazia compras no Supermercado Campos localizado na Praça Irmão Simeão, no caminho quando "passou em frente à casa onde ele morou, este a convidou para que seu rosto servisse como modelo para a imagem de Nossa Senhora Aparecida que ele iria pintar em uma parede externa de seu ateliê, nos fundos da casa". *[49]*

Ela também comentou que "foi ele quem tirou as fotografias e posteriormente deu-lhe as fotos", ela se sentiu muito feliz, emocionada e agradecida por ter seu rosto retratado na pintura da Padroeira do Brasil

Outro detalhe relatado por ela foi que "ele a achava muito calma, humilde e simples".

Ocasionalmente ele vinha até sua casa para trazer folhetos

da missa, especialmente uma ocasião em que a mãe dela esteve doente, e elas não puderam ir na igreja durante o período da Semana Santa.

Ele, muitas vezes, convidou Zezé e sua mãe para irem até sua casa ver a pintura, mas ela viu a obra somente na abertura da exposição em homenagem a ele, em novembro de 2013, quase um ano após seu falecimento.

Ela enfatizou que "ficou muito triste e chocada quando soube da morte e tinha esperanças de que não fosse ele quem tinha sido assassinado", pois ela não via maldade no Pierre a quem achava uma pessoa "simples e caridosa".

Em suas visitas à sua casa, "ele tomou conhecimento do trabalho artesanal de tapetes de crochê feitos por ela e ele encomendou uma cortina de crochê de barbante para ser colocada na janela da cozinha de sua casa, o que infelizmente não aconteceu devido seu falecimento".

Entrevista concedida ao colaborador Sandro Adauto Palhão, em 15 de setembro de 2022.

Roberto José Rodrigues



Figura 45: Vista do alto da Serra da Matinada em Paraguaçu-MG, Pierre Fatosme, cerca de 1996, desenho em lápis de cor, 55 x 100 cm.
Acervo particular: Roberto José Rodrigues
Fotografia: Roberto José Rodrigues

O quadro que Pierre desenhou para o Dr. Roberto José Rodrigues traz uma história na qual ele nos relata sobre sua execução, sobre o artista e sua amizade com o mesmo.

Conheci pessoalmente Pierre quando inaugurou o restaurante em Paraguaçu. Eu estava atrasado em minha viagem, vindo de Belo Horizonte, onde residíamos. Muita neblina no caminho. Chegando, segui direto para lá, onde Lília já se encontrava e havia 'guardado' uma cadeira. A casa estava lotada.

Mesmo assim, no meio da correria, Pierre encontrou um momentinho para que fôssemos apresentados. Não foi possível estender a conversa, pois ele estava efetivamente desdobrando-se, com Gilda e equipe, para atender todos.

Gilda eu já conhecia, pois era da minha rua e irmã do grande amigo Ari Sales. Até aquele dia, quando nos entrevíamos, Pierre e eu nos cumprimentávamos à distância, basicamente com

acenos ou um 'boa tarde' ou 'boa noite'.

A partir de nossa apresentação teve início nossa amizade. Sempre que vinha a Paraguaçu, ia ao seu estabelecimento, onde quase sempre que coincidia, sentávamos com Guilherme e Grece Prado, Wellington Camargo, Marco Elísio Paiva, entre muitos outros.

E geralmente quando Pierre tinha disponibilidade, conversávamos, abordando vários temas, mas com uma certa ênfase em questões culturais e um pouco de nossas vidas e viagens.

Certa vez trouxe alguns CDs de Edith Piaf e propus tocar algumas faixas para que o Restaurante do Francês fosse mais francês ainda naquela noite.

Um pouco hesitante, receando reação negativa dos fregueses, ele concordou em ouvir La Vie em Rose, Himne a L'Amour e algumas outras, na voz da grande Piaf, e observar que o público as aceitou bem, o emocionou profundamente. E isso nos aproximou ainda mais.

Algum tempo depois, em uma das vindas a Paraguaçu, fui ao restaurante na parte da tarde, para revê-lo e conversar um pouco. Encontrei-o tristonho, com um jeito preocupado. Perguntei-lhe o que estava havendo e ele confidenciou que passava por uma situação financeira insatisfatória, sem maiores perspectivas. Necessitava encontrar uma forma de incrementar a renda, mas não sabia como.

Uma alternativa seria a comercialização de suas obras. Mas ele não se via como comerciante de arte e não acreditava que sua produção alcançasse preço. Ele tinha receio de frustrar-se.

Eu não entendo muito de arte e muito menos da comercialização dela, mas já havia visto restaurantes em cujas

paredes eram expostos quadros para venda. Cada obra contava com uma etiqueta contendo breve descrição e preço. Sugeri a ele tentar o mesmo em seu estabelecimento.

Ele ficou de pensar.

Meses depois retornei a Paraguaçu e novamente o procurei. Encontrava-se na mesma situação e não estava vendendo sua produção. Estava desanimado e com receio de que suas obras não tivessem mercado, especialmente em uma cidade do interior, como Paraguaçu. Via dificuldades em encontrar e confiar em alguém para vendê-las em cidades maiores ou turísticas como Ouro Preto. Considerava, outrossim, que sua temática não despertaria interesse fora daqui. Continuava desmotivado.

Neste momento eu disse a ele: — Estou interessado em um de seus quadros!

Ele respondeu: — Já sei qual.

De fato, um dos quadros me atraía mais. Uma vista da paisagem que se deslumbra a partir da estradinha que leva ao topo da Serra da Matinada, minuciosamente reproduzida a lápis de cor em seis páginas de caderno de desenho que se complementam em uma composição de 3 páginas em linha, na horizontal por 2 páginas em coluna, na vertical, distanciadas entre si em 5 cm. Um trabalho meticuloso no que respeita ao primeiro plano, onde o capim e os cascalhos figuram com uma precisão quase fotográfica. O detalhe é tal que até os 'picotes' restantes dos furos que comportavam a espiral do caderno foram preservadas e, mais que isso, coloridas, delineando as margens esquerda e direita do conjunto.

Pierre trabalhou meses nesta obra. Instalava-se no local com seu cavalete, guarda-sol, banquinho e uma bolsa com demais apetrechos, além de água e algum alimento. Compenetrado,

nada escapava ao seu olhar. Imaginem a dificuldade em dar sequência à pintura a lápis em páginas distintas, ainda que em algum momento tenham sido justapostas para que não se perdesse a conexão das imagens, que se fundia em uma só. Se no primeiro plano deu especial atenção aos pormenores e até mostrou alguns aspectos de uma propriedade rural da nossa família, mais adiante, além do Juvenato, lá nas colinas que margeiam o outro lado do Rio Sapucaí, observam-se traços mais fortes, mais rústicos, denotando certa impaciência, pois ele preferia o conforto do que estava ali mais perto, de certa forma sob seu domínio. Esses traços mais apressados reproduzem também o céu e as nuvens. Uma vez disse a ele que este aspecto revelava uma certa tempestuosidade em sua mente. Ele riu concordando e revelou que além disso, pintar o que não oferecia tantos detalhes como ele gostava era muito chato.

Fiz uma oferta pelo quadro. Um valor que à ocasião considerei justo e motivante para ele, pois a ideia era a de estimulá-lo a dar valor ao seu trabalho artístico e, querendo, tentar comercializá-lo.

Pierre reagiu com uma expressão de incredulidade e, a seguir, uma negativa: — Não posso te vender por este valor. É alto!

Respondi que era um valor justo e que nós dois ganharíamos na negociação. Ele ainda tentou reduzir o valor, mas devido à minha insistência concordou e fechamos o negócio.

Não retirei o quadro de imediato. Sugeri ao Pierre que caso viesse a expor suas obras para venda, no restaurante, pudesse etiquetá-lo com a expressão 'Vendido!'. Isso poderia funcionar como um 'chamarisco'.

Até elaborei um Certificado de Autenticidade de Obra de Arte para ser entregue aos compradores. O que me foi entregue

infelizmente se perdeu em uma de minhas mudanças.

Por esta ocasião eu havia assumido novas responsabilidades profissionais e ministrava muitas palestras, o que me impunha constantes viagens. Minhas vindas a Paraguaçu rarearam.

Muitos meses depois retornei. Pelo que pude perceber Pierre não avançou muito na ideia de incrementar a venda das suas obras. Desta vez não encontramos tempo para conversar mais. Porém, ele pediu-me que levasse o quadro, o que fiz.

E ainda o tenho. Viajou bastante conosco, em nossas mudanças, mas sempre ocupou lugar de maior destaque em nosso lar, onde quer que este fosse."

Maio/2021

Sônia Maria de Souza Pedro

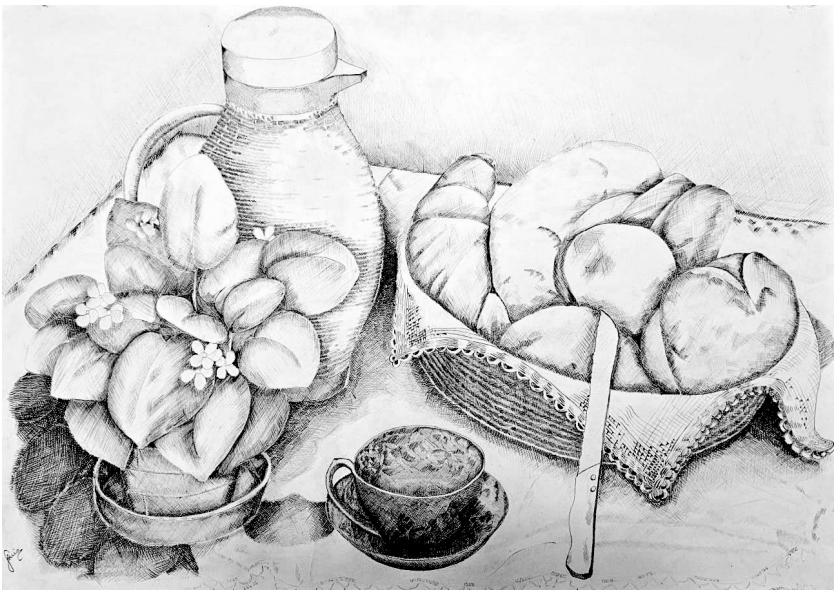


Figura 46: Café da manhã, Sônia Maria de Souza Pedro orientada por Pierre Fatosme, 1994, desenho em grafite, 65 x 47,5 cm. Acervo particular: Sônia Maria de Souza Pedro. Fotografia: Éder Alves.

Entre os anos de 1993 1994 tive a oportunidade ímpar de aprimorar ainda mais meus conhecimentos em arte em um curso de desenho ministrado pelo renomado Artista Pierre Jacques Fatosme.

Pierre, nosso grande amigo e amigo de dona Magali Nogueira Alvarenga – professora de pintura em tela, achava que nós alunas de dona Magali precisávamos aperfeiçoar nossos trabalhos nas telas, aprendendo a arte do desenho.

E assim fomos nós, um grupo de seis alunas e inclusive dona Magali, explorar técnicas do desenho, desafiando nossos próprios limites criativos. Pierre nos falava sobre teorias da

arte, histórias sobre a arte do desenho, comentava acerca de sua trajetória na Escola de Arte onde estudou na França, compartilhando seus conhecimentos e experiências. Cada aula era uma imersão profunda no universo do desenho!

Em sua residência, onde funcionava o ateliê, ele nos ensinava a observar "naturezas mortas" e retratar no papel com lápis e borracha o que nossos olhos enxergavam, utilizando técnicas de luz, sombra, texturas, proporções e perspectivas. Algumas vezes saíamos para visitar quintais aqui em nossa cidade, para observar a "natureza viva". Em outras ocasiões íamos até a casa do Polonês, um local alto da cidade de Paraguaçu, onde escolhíamos um cenário para colocarmos no papel os nossos sentimentos e maneiras de ver distante, aplicando um olhar mais atento e crítico em nossos trabalhos. Desenhávamos pessoas, que posavam como modelo para nós, que sem dúvida, foi a fase mais desafiante e bela desse nosso aprendizado como desenhistas. Entretanto, apesar da grande riqueza de nosso curso, essa etapa foi interrompida de maneira precoce.

Lembro-me dessa experiência com profunda gratidão e reconhecimento!

Os ensinamentos de Pierre deixaram uma marca indelével na minha memória. O curso, mesmo que breve, foi um capitulo muito significativo em minha trajetória no mundo das artes. A possibilidade de aprender com um mestre de tal envergadura, é algo que sempre levarei comigo, refletindo-se em cada traço ou pinceladas nas composições que realizo.

Junho/2024

Vinícius Nogueira Barbosa Bueno

Pierre, por Vinícius Bueno

Lígia e eu conhecemos o Pierre em meados da década de 1980 por conta de seu relacionamento com a Gilda, amiga nossa desde sempre. Pessoa muito talentosa e culta, além de ter temperamento e convicções religiosas muito fortes, Pierre logo passou a fazer parte de nosso círculo mais próximo. Costumávamos nos reunir em torno de um vinho com nossas famílias e eventualmente amigos comuns, como o Guilherme e a Grece, e mais tarde Monika e Hans Kreis, entre outros.

Acompanhamos de perto o projeto do Bar, ao qual ele se dedicou de forma integral. Inicialmente a compra do imóvel e posteriormente sua reforma. Nele Pierre fundiu todas as suas referências francesas e brasileiras com um bom gosto enorme. Marcou uma época em Paraguaçu e deixou boas lembranças em todos os que o frequentaram.

A pedido dele editei várias fitas cassetes com muita música brasileira e um pouco de jazz, as quais ele tocou durante um bom tempo como fundo musical do bar. Também o ajudei a viabilizar a primeira noite com música ao vivo do bar, para a qual convidei para se juntarem a mim, que toquei gaita, meus amigos César Galvão (piano) e Casquídeo (contrabaixo). Tocamos muito Jazz e MPB, música instrumental, e a presença de clientes foi enorme, muito acima do que eles esperavam. A partir daí ele voltou a promover música ao vivo com outros músicos da região em várias ocasiões.

Durante algum tempo ele costumava caminhar conosco e nestas andanças ele acabou conhecendo alguns lugares e paisagens que acabaram sendo eternizadas em seus quadros.

Me lembro de seu entusiasmo quando fomos pela primeira vez na Serra da Matinada.

Em suma, guardo boas lembranças deste período de convívio mais constante, no qual ele, Gilda e Maria Paula participaram de boa parte de nossa vida familiar, como no nascimento de meus filhos, aniversários e tudo o mais.

Abril/2023

Walker Cardoso

Walker descreve assim seu rico período de contato com o saudoso Pierre Fatosme.

Creio que era por volta do ano de 1994, aproximadamente, eu fui contratado para substituir um professor na extinta escola Fundamar, a convite da Dona Creusa Prado Ornellas, e foi lá com certeza que tive meu primeiro contato com o Pierre, que comandava com maestria as aulas de artes daquela escola.

Foi sensacional poder observar o entusiasmo com que ele conduzia a oficina de arte que produzia lindos trabalhos manuais. Depois disso acabei tendo o prazer de acompanhar com ele a reforma da casa da Tianinha (madrinha de meu pai – Glauber Prado) que ele estava preparando para transformar em um bar/restaurante/recanto de artes, era de muito bom gosto, de forma sutil e caprichosa.

Pierre e eu nos tornamos amigos e eu adorava ouvir seus relatos sobre sua bela carreira como modelo de grifes internacionais na Europa, e de sua rica formação artística. Ele era um artista nato, inteligente, observador e crítico por excelência. E foi ele quem me preparou em 2001 para conhecer sua bela Paris, me deu algumas aulas práticas em francês, fez minha reserva e seguro, além de dicas pontuais. Paraguaçu deve se vangloriar e muito por ter sido escolhida para dar morada a esta pessoa tão ilustre, e nós por termos tido o prazer de conhecê-lo tão de perto.

Muitas saudades...

Setembro/2021

Wellington Vieira Camargo
(Em memória +09/09/2023)

Frequentei bastante o Bar do Pierre. Sempre conversávamos muito. Ele falava da família dele, em que trabalhavam e onde moravam.

Contou-me também toda a história dele, que foi modelo do Dalí, da vinda para o Brasil, de suas passagens pela Bahia, São Paulo e o trabalho na Fundamar.

Se não estou enganado, parece que teve relacionamento e um pouco complicado com uma mulher em São Paulo.

Também comentou como conheceu a Gilda e de quando casaram. Ele ainda falava sobre sua amizade com a Ondina Silva. Foram bem amigos.

Sempre conversava acerca de seus trabalhos. Inclusive concebeu um curso de desenho para várias pessoas de Paraguaçu, que era dado onde ele morava e tinha o bar. Dona Magali Nogueira Alvarenga – uma das mais relevantes artistas plásticas paraguaçuense, foi aluna dele.

No ano de 1986, quando trabalhei como assessor de assunto especiais na Prefeitura do município de Machado, conversamos e acertamos dele trabalhar como professor de Artes na Casa da Cultura, que havia sido aberta na época como Museu História e Arquivo Público machadense.

Ele fez toda uma relação do material que seria necessário e que queria para trabalhar, exigindo ainda que fosse junto com o funcionário da Prefeitura a Belo Horizonte para efetuar a compra, o que de fato ocorreu.

Enfim foi feito tudo como solicitado. Porém quando todo o

material estava pronto e comprado, ele simplesmente disse que não iria trabalhar lá. Enquanto se preparava a abertura da Casa da Cultura, ele fez alguns desenhos, cópias do Debret, que estão expostos no local até hoje.

De resto conversávamos sobre diversos assuntos. Tinha um gênio explosivo! ”

Março/2022

Traços e Inspirações de Pierre Fatosme



Figura 47: Fundo de quintal "1", Sônia Maria de Souza Pedro orientada por Pierre Fatosme, 1994, desenho em grafite, 65 x 47,5 cm.
Acervo particular: Sônia Maria de Souza Pedro
Fotografia: Éder Alves



Figura 48: Douglas Barbosa Rocha, Pierre Fatosme, 2006, desenho em grafite, 45 x 32 cm.
Acervo particular: Suelene Bechis Carneiro Alves
Fotografia: Gilmara Aparecida de Carvalho



Figura 49: Érika Leite Prado, Sônia Maria de Souza Pedro orientada por Pierre Fatosme, 1994, desenho em grafite, 65 x 47,5 cm.
Acervo particular: Sônia Maria de Souza Pedro
Fotografia: Éder Alves



Figura 50: Silmara Souza Vasconcelos Gavião, Pierre Fatosme, 1998, desenho em grafite, 45 x 32 cm.
Acervo particular: Silmara Souza Vasconcelos Gavião



Figura 51: Viviane de Souza Pedro Santana, Sônia Maria de Souza Pedro orientada por Pierre Fatosme, 1994, desenho em grafite, 65 x 47,5 cm. Acervo particular: Sônia Maria de Souza Pedro. Fotografia: Éder Alves



Posfácio

Sandro Adauto Palhão [2]

No dia 4 de maio de 2002, uma reportagem em homenagem ao Dia do Artista Plástico – celebrado na data de 8 de maio, publicada na página 9 do jornal A Voz da Cidade, destacou a obra de Pierre, com o título "A vida e a arte de Pierre Jacques Louis Fatosme". *[50]*

A introdução da matéria apresenta um panorama da época, mais de vinte anos atrás, que parece não ter passado por mudança alguma, evidenciando que "um país onde a educação não é priorizada e a cultura é pouco valorizada por seu povo, os artistas se perdem na falta de respeito, consideração e reconhecimento que deveras merecem".

Fazendo parte deste contexto está a nossa pequena Paraguaçu, uma cidade repleta de talentos nas diversas áreas da cultura, e estes – em sua maioria – são incompreendidos, ignorados e mal aproveitados pela comunidade.

Por falta de apoio e oportunidades – que geralmente também não são encontrados em cidades maiores – estes artistas quase nunca sobrevivem exclusivamente da sua arte, sendo necessário desenvolver atividades profissionais paralelas para sua própria sustentação.

Destacamos nesta edição a vida de Pierre Jacques Louis Fatosme, francês que reside há 20 anos em Paraguaçu – 29 no Brasil – e que aqui constituiu família, montou um estabelecimento comercial e desenvolveu o seu trabalho artístico, registrando em suas telas com extremo bom gosto, as paisagens do município, através de pinturas que são adquiridas pelos mais respeitados e conceituados entendidos em Arte.

[2] Sandro Adauto Palhão é professor de Inglês, Pós-graduado em Administração Hoteleira pelo Senac/UFJF e Especialista em Língua Inglesa pela PUC-MG.

Possuidor de profunda sensibilidade e de personalidade forte, Pierre frequentou escolas renomadas em Paris, onde estudou pintura, desenho, escultura e ainda aprendeu sobre a arte circense, cursando também dança clássica e moderna... Um artista completo, que experienciou quase todas as belas artes!

Sua busca por respostas a questionamentos que devem perturbar a grande maioria dos artistas fez com que Pierre encontrasse alento na religião católica, que segundo ele relata neste artigo, "tem sido fonte constante de sustentação e inspiração". Este foi o principal motivo que fez com que fincasse sua raiz em Paraguaçu. "Temos um tesouro escondido, a convivência com a igreja local é um celeiro de fé e fervor", salientou.

Suas últimas obras receberam forte influência de sua crença, com telas e afrescos de imagens sacras. Em um de seus últimos quadros reproduziu a figura do altar de uma capela em Ubatuba-SP, a qual ele assina "O Beato" que quer dizer: feliz e bem-aventurado.

Ainda no encerramento da entrevista, ao ser perguntado se queria acrescentar algo mais, ele emendou: "Viva Paraguaçu! Viva Nossa Senhora do Carmo!"

Nossa cidade, que por si mesma já é fonte fértil e abundante de artistas nas mais diversas artes, teve o privilégio de acolher Pierre, que para os que o conheceram sabem o quanto deve ter sido difícil para ele entender e adaptar-se à cultura de nosso país, em choque com sua cultura europeia – especialmente a cultura francesa, que enaltece a arte como riqueza de seu povo.

Tendo a religião e a arte como sentidos para otimizar a vida, sua trajetória mortal encerra-se em Paraguaçu, mas suas criações se perpetuaram através do olhar do Artista que soube expressar, como poucos, um fortuito amor pela terra que o acolheu.



"A arte deve confortar o perturbado
e perturbar o confortável."

(Banksy – reconhecido artista urbano britânico,
cuja verdadeira identidade permanece desconhecida)

Texto elaborado a partir de excertos da matéria "Dia do Artista Plástico", publicada na data de 04 de maio de 2002 na página 09 do jornal A Voz da Cidade, com o subtítulo "A Vida e a Arte de Pierre Jacques Louis Fatosme".



O Autor



Figura 52: Guilherme Prado e sua esposa Grece Leite Prado, José Maria Ribeiro, 1997, óleo sobre tela, 40 x 50 cm.
Acervo particular: Guilherne e Grece Prado.
Fotografia: Maria Aparecida Araújo – Foto Araújo

Guilherme Prado nasceu em Paraguaçu no dia 15 de outubro de 1936, sendo seus pais Odilon Prado e Marieta Leite Prado. Estudou o Curso Primário em Paraguaçu no Grupo Escolar Pedro Leite, seguindo depois para o ginásio São João em Campanha, com os irmãos do Sagrado Coração, naturais de Montreal, na parte francesa do Canadá, aprendendo a falar Francês fluente com eles, onde estudou por cinco anos.

Fez o científico no Colégio Santo Antônio em Belo Horizonte, mudou para o Rio de Janeiro onde estudou eletricidade e eletrônica na Escola Técnica Nacional.

Iniciou trabalhando no laboratório de testes da Cemig, em Belo Horizonte, em 1960.

Casou-se em 1962 com Grece Leite Prado com quem teve três filhos: Jaqueline, Alexandre e Rodrigo.

Fez concurso para a IBM, onde trabalhou na manutenção de computadores durante 26 anos.

Retornou para Paraguaçu em 1984, quando montou uma construtora.

Sempre gostou de história, assim, alguns anos depois, aceitou um convite do jornal da cidade e manteve uma coluna semanal com o título "Paraguaçu, Sua História, Sua Gente". Usando o mesmo título, ajudou o amigo Júlio Bueno na manutenção de um programa sobre história desenvolvido pela TV Objetiva.

Com o passar do tempo, dominando a programação de computadores, criou um banco de dados sobre a história de Paraguaçu e um aplicativo para computadores de pesquisa usando essas informações.

Graças a esse programa de pesquisas, conseguiu escrever seu primeiro livro "Peludos e Pelados", que descrevia uma luta política vivida na cidade no início dos anos 1930.

Apoiado pelo programa escreveu mais cinco livros, uma obra de ficção e os outros quatro versando sobre nossa história.

No ano 2019, aceitou o desafio do prefeito José tibúrcio do Prado Neto para atualizar o trabalho de Oscar Prado – "O Sertão dos Mandiboias" agora convertido em um *e-book* instalado no site da Câmara Municipal, com livre acesso.

Assim continua sempre tendo mais um livro em preparação já no forno para ser impresso!

Referências das Pesquisas

[1] MAR da Mancha. Disponível em: < https://www.wikizero.com/pt/Mar_da_Mancha >. Acesso em: 12 jun. 2023.

[2] CRIMEIA. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Crimeia >. Acesso em: 12 jun. 2023.

[3] RESISTÊNCIA Francesa. Disponível em: < https://wikie.com.br/Resistência_Francesa >. Acesso em: 12 jun. 2023.

[4] DESEMBARQUES na Normandia. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Desembarques_da_Normandia >. Acesso em: 12 jun. 2023.

[5] HISTÓRIA do Monte Saint-Michel. Disponível em: < https://www.pariscityvision.com/pt/europa/franca/monte-saint-michel/historia-monte-saint-michel >. Acesso em: 12 jun. 2023.

[6] LINHA do tempo – Joana D'Arc queimada viva em Rouen – França. Disponível em: < https://ensinarhistoria.com.br/linha-do-tempo/joana-darc-queimada-viva-em-rouen-franca >. Acesso em: 12 jun. 2023.

[7] MAPA de Agon-Coutainville. Disponível em: https://maps.app.goo.gl/gSJzwUsmARvnQY7r8. Acesso em: 6 jul. 2024.

[8] GIVERNY. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Giverny >. Acesso em: 12 jun. 2023.

[9] ACADÉMIE de la Grande Chaumière. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Acad%C3%A9mie_de_la_Grande_Chaumi%C3%A8re >. Acesso em: 12 jun. 2023.

[10] ACADÉMIE Beaux Arts. Disponível em: < https://www.estilosarquitetonicos.com.br/beaux-arts/ >. Acesso em: 12 jun. 2023.

[11] REVOLUÇÃO Estudantil de Maio de 1968. Disponível em: < https://brasilescola.uol.com.br/historiag/maio-1968.htm >. Acesso em: 12 jun. 2023.

[12] MARCEL Marceau. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcel_Marceau>. Acesso em: 13 jun. 2023.

[13] CANDOMBLÉ. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/candomblé/

candomblé >. Acesso em: 13 jun. 2023.

[14] CANDOMBLÉ. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Candombl%C3%A9 >. Acesso em: 13 jun. 2023.

[15] O QUE É PAI DE SANTO. Disponível em: < https://conselhosrapidos.com.br/o-que-e-o-pai-de-santo/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

[16] CENOBITAS. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/cenobitas/21971/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

[17] RELIGIÃO na Grécia Antiga. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%A3o_na_Gr%C3%A9cia_Antiga >. Acesso em: 13 jun. 2023.

[18] JUDAÍSMO. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Portal:Judaísmo >. Acesso em: 13 jun. 2023.

[19] RELIGIÕES Indianas. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%B5es_indianas >. Acesso em: 13 jun. 2023.

[20] Fazenda-Escola em atividade. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXIV, edição 636, 03 de março de 1984, p. 8.

[21] Karina Boutique. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXIII, edição 585, 16 de janeiro de 1982, p. 4 [anúncio].

[22] Massas para pizza. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXIV, edição 907, 27 de maio de 1995, p. 7 [anúncio na coluna Sociais].

[23] Nascimento da Maria Paula. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXVI, edição 709, 14 de março de 1987 [nota na coluna Sociais].

[24] Retornando. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXVIII, edição 743, 06 de agosto de 1988, p. 7 [nota na coluna Sociais].

[25] Tournée Grece e Guilherme. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXIV, edição 911, 22 de julho de 1995, p. 9 [nota na coluna Sociais].

[26] Férias. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXIV,

edição 913, 30 de agosto de 1995, p. 21[nota na coluna Sociais].

[27] Abertura do Bar-Restaurante Sertão dos Mandibóias. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXIX, edição 766, 22 de julho de 1989 [capa – Coluna Rápidas].

[28] Você sabia? *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXIV, edição 917, 28 de outubro de 1995, p. 3.

[29] Sertão dos Mandibóias – Bar do Francês. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXIV, edição 920, 09 de dezembro de 1995, p. 3.

[30] Inaugurações. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXIV, edição 921, 24 de dezembro de 1995, p. 23 [nota na coluna Sociais].

[31] Confraternização. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXV, edição 922, 20 de janeiro de 1996, p. 9 [nota na coluna Sociais].

[32] O melhor de Paraguaçu está no Bar e Restaurante do Francês. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXVII, edição 990, 14 de novembro de 1998, p. 14 [anúncio].

[33] O melhor de Paraguaçu está no Bar e Restaurante do Francês. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXVIII, edição 994, 06 de fevereiro de 1999, p. 12 [anúncio. Diretor Responsável – Ari Jaime Salles].

[34] O Restaurante Lareira Tropical – Bar do FRANCÊS comemora 10 ANOS!!!. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXVIII, edição 1005, 03 de julho de 1999, p. 12 [anúncio].

[35] O Restaurante Lareira Tropical – Bar do FRANCÊS comemora 10 ANOS!!!. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXVIII, edição 1006, 17 de julho de 1999, p. 12 [anúncio].

[36] O melhor de Paraguaçu está no Bar e Restaurante Lareira Tropical. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXVIII, edição 1007, 31 de julho de 1999, p. 12 [anúncio].

[37] Visitante Ilustre. Jornal A Voz da Cidade, Paraguaçu-MG, ano XLI, edição 1074, 20 de abril de 2002, p. 11 [nota na coluna Sociais].

[38] VICTOR-MARIE Hugo. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Victor_Hugo >. Acesso em: 15 jun. 2023.

[39] GARE Saint-Lazare. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Gare_Saint-Lazare >. Acesso em: 15 jun. 2023.

[40] SAINTE-CHAPELLE. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sainte-Chapelle>. Acesso em: 15 jun. 2023.

[41] REI Luiz XIV. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_IX_de_Fran%C3%A7a >. Acesso em: 15 jun. 2023.

[42] Funerária Cristo Redentor. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano LIII, edição 1333, 26 de janeiro de 2013, p. 9 [Notas de falecimento].

[43] Exposição na Fundamar. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXVI, edição 705, 10 de janeiro de 1987, p. 8 [coluna De Antenas Ligadas].

[44] Pierre expõe suas artes. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG [ano, edição e data não localizadas].

[45] Mostra de Desenho. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXIII, edição 878. 02 de abril de 1994, p. 07 [nota na coluna Sociais].

[46] Trabalho em lápis. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXIV, edição 903, 01 de abril de 1995, p. 9 [nota na coluna Sociais].

[47] Primeira Mostra Coletiva do Sul de Minas. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XXXVI, edição 941, 26 de outubro de 1996, p. 11 [nota na coluna Sociais].

[48] FRANZONI, Ana Paula. *Exposição na Casa de Cultura homenageia o artista plástico Pierre Fatosme*. Jornal Oficial do Município de Machado, Machado-MG, ano 14, edição 327, 14 de outubro de 2013, p. 1.

[49] PRADO, Roberto Brasileiro. Os traços de um gênio. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano LIII, edição 1355, 07 de dezembro de 2013, p. 7.

[50] Dia do Artista Plástico. *Jornal A Voz da Cidade*, Paraguaçu-MG, ano XLI, edição 1075, 04 de maio de 2002, p. 9.

Na mitologia grega, quem passava pela antiga cidade de Tebas era obrigado a enfrentar o enigma da esfinge: decifra-me ou te devoro. No caso de Pierre Jacques Louis Fatosme, a própria vida o lançava a desafio semelhante. Nascido em Caen, na Normandia, apenas um mês depois do fim da Segunda Guerra Mundial, o francês filho de professora e de um arquiteto que integrou as fileiras da resistência ao nazismo correu o mundo em busca de respostas – e tudo que encontrou foram perguntas ainda mais complexas e novos enigmas.

Pierre queria entender o homem e para isso lançou-se às artes. Foi modelo requisitado até por Salvador Dalí, foi pintor e desenhista de altíssimo gabarito. Pierre queria entender a espiritualidade e para isso mergulhou fervorosamente nas religiões. Experimentou com aguçada curiosidade intelectual o jainismo, o candomblé, o catolicismo. Pierre queria entender a natureza e para isso atravessou continentes distantes. Deixou o conforto material da vida europeia e fez incursões na Índia e no Brasil profundo.

Mesmo depois de terminada, a vida de Pierre Fatosme parece continuar dizendo, como o monumento tebano, decifra-me ou te devoro. Quem responde agora pelo seu enigma é Guilherme Prado, pesquisador que estreia em grande estilo no campo das biografias. Amigo de Pierre em Paraguaçu e seu parceiro de viagem na França, o autor vale-se desse contato e dos depoimentos da viúva Gilda Reis de Sales e da filha Maria Paula Sales Fatosme para escrever um livro que é, antes de tudo, necessário. Por onde passou, Pierre foi notado e fez florescer as intrincadas raízes da existência humana. Cá estão elas, também neste livro.

Roberto Brasileiro Prado,
jornalista e historiador

